



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

**MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no
município de Conde-PB às relações com a Educação Popular**

João Pessoa-PB

2023

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutor em Educação. **Área de Concentração:** Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Popular.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado.

João Pessoa-PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Cícero Pedroza da.

Memórias do antigo coco de roda: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a educação popular / Cícero Pedroza da Silva. - João Pessoa, 2023.

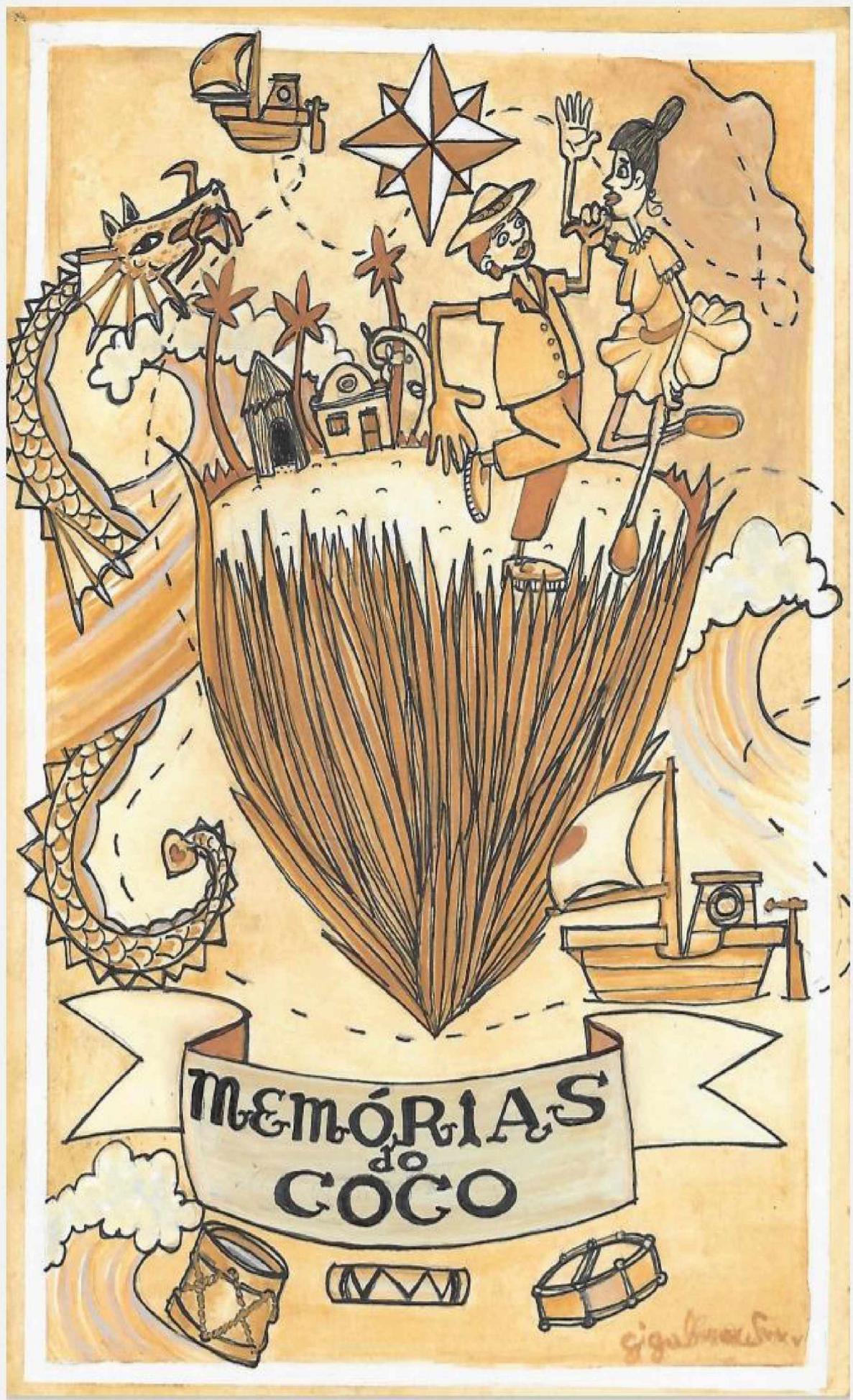
177 f. : il.

Orientação: Aline Maria Batista Machado.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Educação popular. 2. Coco de roda. 3. História oral. 4. Memória. I. Machado, Aline Maria Batista. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37.035(043)



MEMÓRIAS
do
COCO

S. G. B. S. S.

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular

Tese apresentada em 28 de abril de 2023.

BAÑCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado – PPGE/UFPB
Orientadora

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado – PPGE/UFPB
Examinador Interno

Prof. Dr. Emanuel Luiz Pereira da Silva – PPGSS/UFPB
Examinador Externo

Prof. Dr. Luciano da Silva – PROF-FILO/UFCG
Examinador Externo

Prof.^a Dr.^a Juliana Carvalho Miranda Teixeira PPGPP/UFMA
Examinador Externo

Prof. Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz – PPGE/UFPB
Suplente de Examinador Interno

Prof. Dr. Maurício Sardá de Faria - NUPLAR/UFRPE
Suplente de Examinador Externo

A todo o povo da Cidade de Conde-PB.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha *Mãe*, Eugênia Gomes Pedroza, agricultora aposentada, e a meu Pai Raimundo da Silva, pescador aposentado, que, com seus exemplos no mundo do trabalho, me deram a base do capital cultural para a minha vida.

Aos meus Irmãos, Francisco de Assis Pedroza Silva e Juliana Pedroza da Silva, pela superação de todas as dificuldades que enfrentamos juntos no Bairro de Mangabeira nos anos de 1980 aos anos 2000.

Aos meus filhos, Caio dos Anjos Lima Pedroza e Ciro Paulino de Araújo Pedroza, pela compreensão da ausência, e pelo amor que envolve nós três na presença.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado, pela parceria, pelo compromisso, e por toda contribuição teórico-metodológica para a realização dessa pesquisa de extrema importância a todo o povo da cidade de Conde-PB.

Aos Professores, Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, Prof. Dr. Emanuel Luiz dos Santos Perreira da Silva, Prof. Dr. Luciano da Silva, Prof.^a Dr.^a Juliana Carvalho Miranda, Prof.^a Dr.^a Jeovana Nunes Ribeiro, Mauricio Sardá de Faria e o Prof. Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz, pelo apoio à nossa pesquisa, e, por todo o compromisso com a Educação como um processo ao longo da vida.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação, pela colaboração e por possibilitar minha formação para o espírito científico.

Ao Coordenador Pós-graduação em Educação PPGE, Prof. Dr. Jorge Fernando Hermida Aveiro e a vice coordenadora, Prof.^a Dr.^a Tânia Rodrigues Palhano.

A todos os colegas técnico-administrativos do programa de Pós-graduação em Educação PPGE.

A todos os alunos do Programa de Pós-graduação em Educação, em especial aos que farão para sempre parte da turma 39, pela longa e difícil caminhada percorrida neste Doutorado.

Ao nosso grupo Estudos e Pesquisa em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais da UFPB - GEPEDUPSS, por todas as contribuições teóricas e metodológicas, assim também, com todas as relações de carinho, afeto e solidariedade com nossa pesquisa.

A todos os sujeitos históricos participantes desta pesquisa, os agricultores, as agricultoras, os pescadores, as pescadoras, os mestres e mestras da Cultura Popular do município de Conde-PB.

Ao grande amigo e parceiro de lutas aqui no Território, o Prof. Ms. João Marcus Soares Campelo, pela contribuição ombro a ombro com essa pesquisa.

À Família Arruda, do Assentamento de Dona Antônia, Edilma Arruda, Reginaldo Arruda, Ivanilda Arruda, Ilma Arruda, Vilma Arruda e Miguel Arruda, pela contribuição ao trabalho de base na agricultura familiar.

Ao povo que faz a Cultura Popular aqui no território, em especial, aos integrantes do Coco de Roda Novo Quilombo, do território de Ipiranga, ao Coco de Roda do Mestres Zé Cutia, da Vila de Pescadores de Jacumã, a Ciranda da Alegria do Assentamento Dona Antônia e, ao Bloco Carnavalesco “Bloco da Burrinha”, por seguirem na resistência cultural no território.

Ao Governo do Estado da Paraíba, em especial, à Secretaria de Educação, Ciência e tecnologia.

À Prefeitura Municipal de Conde-PB, e a todos os que fizeram parte da construção do Inventário Cultural da Cidade, na Gestão da ex-prefeita, Prof.^a Márcia Lucena.

Agradeço, a todos os meus guias espirituais, a todos os santos e santas que me protegem e, a todos os meus ancestrais, enfim, à força maior que intimamente concebo por *DEUS*.

Samba nego, branco não vem cá. Se vinher? Pau há de levar. Foi de rachar os pés de tanto sapatear. De dia tá no açoite de noite vai batucar. Samba nego, branco não vem cá. Se vinher? Pau há de levar.

Coco de Roda Novo Quilombo

SILVA, Cícero Pedroza da. MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em Educação. PPGE/CE/UFPB. 2023.

RESUMO

O Coco de Roda é um encontro das pessoas consigo mesmas, fazendo com que estas se descubram, pois, o Coco tem o poder do encontro – com os outros, com a educação, com a política, com a natureza, com a ideia de *cosmo*, com as matrizes culturais, com a ancestralidade. O Coco de Roda é um brinquedo ancestral, é uma cantoria de trabalho, um patrimônio imaterial, assim como os mestres e mestras do Coco são patrimônios imateriais. E, quem dança o Coco é chamado de brincante. O presente estudo, MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular, tem como objeto de investigação o Coco de Roda nos antigos encontros do Coco na praia de Jacumã, daí o denominarmos de Antigo Coco de Roda, o qual tem raízes em territórios quilombolas. Nosso objetivo central é compreender a origem e contribuição histórica, cultural, social e política do movimento do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB, observando seus processos de resistência e suas relações epistemológicas com princípios da Educação Popular. O problema da pesquisa foi definido tomando por base o seguinte questionamento: a partir da origem do Antigo Coco de Roda do município de Conde-PB é possível explicarmos os processos de resistência advindos dessa expressão cultural e suas possíveis conexões com a educação popular? Com a metodologia da História Oral e Memória, trazemos para o debate Bosi (1994), com a importância da memória para a sociedade; Meihy (2013), com o como fazer e o como pensar a história Oral; com Oliveira (2005), pelo viés das Revistas da Associação Brasileira de História Oral, e, o referencial teórico em Freire (2015), relendo e reescrevendo a pedagogia do oprimido como a superação da educação domesticadora por uma problematizadora/libertadora. Situada metodologicamente nos preceitos da abordagem qualitativa de pesquisa, nos ancoramos em uma perspectiva teórico-crítica a partir da história oral e a memória em um *locus* de investigação de muitas lutas e fatos sociais relevantes à história do município de Conde-Paraíba, especificamente em quatro territórios: os antigos quilombos de Gurugi e de Ipiranga, a Vila de Pescadores de Jacumã e o Assentamento rural Dona Antônia. Para a sua realização, os sujeitos da pesquisa são os brincantes do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB. Realizamos entrevistas durante três meses, com roteiro semiestruturado, acompanhando o uso de gravador; formulário para identificação do perfil dos entrevistados e análise documental, fizemos uma cobertura fotográfica e utilizamos como fontes as músicas dos cocos, as fotos e os vídeos antigos, que nos remetem à origem do Coco de Roda no município. Com uso da história oral e memória, desenvolvemos uma análise crítica a partir da observação sistemática, para melhor interpretar a realidade dos envolvidos nessa pesquisa. No geral, os resultados revelaram que o movimento da Cultura Popular do Coco de Roda sempre esteve presente nas lutas e nas conquistas da reforma agrária nos territórios pesquisados, e que, da brincadeira à resistência, o Coco de Roda permanece vivo na memória das pessoas. Assim, a tese aqui defendida é a de que o Antigo Coco de Roda reflete não só processos históricos de resistência popular, como há, nele, relação epistemológica com princípios da Educação Popular.

Palavras-chave: Educação Popular; Coco de Roda; História Oral; Memória.

SILVA, Cícero Pedroza da. MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em Educação. PPGE/CE/UFPB. 2023.

ABSTRACT

Coco de Roda is a meeting of people with themselves, making them discover themselves, because Coco has the power of meeting – with others, with education, with politics, with nature, with the idea of cosmos, with cultural matrices, with ancestry. Coco de Roda is an ancestral toy, it is a work song, an intangible heritage, just as the masters of Coco are intangible heritage. And, whoever dances the Coco is called a joker. The present study, MEMORIES OF THE OLD COCO DE RODA: from the processes of resistance in the municipality of Conde-PB to the relations with Popular Education, has as its object of investigation the Coco de Roda in the old meetings of Coco on the beach of Jacumã, hence the denominator of Ancient Coco de Roda, which has roots in quilombola territories. Our main objective is to understand the origin and historical, cultural, social and political contribution of the movement of the Antigo Coco de Roda in the municipality of Conde-PB, observing its processes of resistance and its epistemological relations with principles of Popular Education. The research problem was defined based on the following question: from the origin of the Ancient Coco de Roda in the municipality of Conde-PB, is it possible to explain the resistance processes arising from this cultural expression and its possible connections with popular education? With the methodology of Oral History and Memory, we bring to the debate Bosi (1994), with the importance of memory for society; Meihy (2013), with how to do and how to think about Oral History; with Oliveira (2005), through the perspective of the *Revistas da Associação Brasileira de História Oral*, and the theoretical framework in Freire (2015), rereading and rewriting the pedagogy of the oppressed as the overcoming of domesticating education by a problematizing/liberating one. Methodologically situated in the precepts of the qualitative research approach, we anchor ourselves in a theoretical-critical perspective from the oral history and the memory in a locus of investigation of many fights and social facts relevant to the history of the municipality of Conde-Paraíba, specifically in four territories: the former quilombos of Gurugi and Ipiranga, the Fishermen's Village of Jacumã and the Dona Antônia rural settlement. For its accomplishment, the subjects of the research are the players of the Antigo Coco de Roda in the municipality of Conde-PB. We conducted interviews for three months, with a semi-structured script, following the use of a recorder; form to identify the profile of the interviewees and document analysis, we made a photographic coverage and used as sources the songs of the coconuts, the photos and the old videos, which refer us to the origin of Coco de Roda in the municipality. Using oral history and memory, we developed a critical analysis based on systematic observation, in order to better interpret the reality of those involved in this research. In general, the results revealed that the Coco de Roda Popular Culture movement was always present in the struggles and achievements of agrarian reform in the surveyed territories, and that, from play to resistance, Coco de Roda remains alive in people's memory, Thus, the thesis defended here is that the Ancient Coco de Roda reflects not only historical processes of popular resistance, but also that there is, in it, an epistemological relationship with principles of Popular Education.

Keywords: Popular Education; Coco de Roda; Oral History; Memory.

SILVA, Cícero Pedroza da. MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-graduação em Educação. PPGE/CE/UFPB. 2023.

RESUMEN

Coco de Roda es un encuentro de las personas consigo mismas, haciéndolas descubrirse a sí mismas, porque Coco tiene el poder de encontrarse con los demás, con la educación, con la política, con la naturaleza, con la idea de cosmos, con las matrices culturales, con la ascendencia. . Coco de Roda es un juguete ancestral, es un canto de trabajo, un patrimonio inmaterial, así como son patrimonio inmaterial los maestros de Coco. Y al que baila la Coco se le llama bromista. El presente estudio, MEMORIAS DEL VIEJO COCO DE RODA: de los procesos de resistencia en el municipio de Conde-PB a las relaciones con la Educación Popular, tiene como objeto de investigación el Coco de Roda en las antiguas reuniones del Coco en la playa. de Jacumã, de ahí el nombre de Antigo Coco de Roda, que tiene raíces en los territorios quilombolas. Nuestro principal objetivo es comprender el origen y aporte histórico, cultural, social y político del movimiento de Antigo Coco de Roda en el municipio de Conde-PB, observando sus procesos de resistencia y sus relaciones epistemológicas con principios de la Educación Popular. El problema de investigación se definió a partir de la siguiente pregunta: a partir del origen del Antigo Coco de Roda en el municipio de Conde-PB, ¿es posible explicar los procesos de resistencia surgidos de esta expresión cultural y sus posibles conexiones con la educación popular? Con la metodología de Historia Oral y Memoria, traemos al debate a Bosi (1994), con la importancia de la memoria para la sociedad; Meihy (2013), con cómo hacer y cómo pensar la Historia Oral; con Oliveira (2005), a través de la perspectiva de las Revistas da Associação Brasileira de História Oral, y el referencial teórico en Freire (2015), releyendo y reescribiendo la pedagogía del oprimido como superación de la educación domesticadora por una educación problematizadora/liberadora. Situándonos metodológicamente en los preceptos del enfoque de investigación cualitativa, nos anclamos en una perspectiva teórico-crítica desde la historia oral y la memoria en un locus de investigación de muchas luchas y hechos sociales relevantes para la historia del municipio de Conde-Paraíba, específicamente en cuatro territorios: los antiguos quilombos de Gurugi e Ipiranga, la Aldea de Pescadores de Jacumã y el asentamiento rural Doña Antônia. Para su realización, los sujetos de la investigación son los jugadores del Antigo Coco de Roda en el municipio de Conde-PB. Realizamos entrevistas durante tres meses, con guión semiestructurado, siguiendo el uso de una grabadora; forma de identificar el perfil de los entrevistados y análisis documental, realizamos un reportaje fotográfico y utilizamos como fuentes los cantos de los cocos, las fotos y los videos antiguos, que nos remiten al origen de Coco de Roda en el municipio. Utilizando la historia oral y la memoria, desarrollamos un análisis crítico basado en la observación sistemática, con el fin de interpretar mejor la realidad de los involucrados en esta investigación. En general, los resultados revelaron que el movimiento de Cultura Popular Coco de Roda siempre estuvo presente en las luchas y conquistas de la reforma agraria en los territorios relevados, y que, del juego a la resistencia, Coco de Roda permanece vivo en la memoria de la gente. La tesis aquí defendida es que el Antigo Coco de Roda refleja no sólo procesos históricos de resistencia popular, sino que hay, en él, una relación epistemológica con principios de la Educación Popular.

Palabras - Clave: Educación Popular; Rueda de coco; Historia oral; Memoria.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Mapa das Sesmarias dos índios de Jacoca.....	19
Imagem 2	Mapa topográfico da Cidade de Conde - PB.....	20
Imagem 3	Mapa topográfico do Distrito de Jacumã.....	20
Imagem 4	Mapa topográfico do Quilombo de Ipiranga.....	21
Imagem 5	Mapa topográfico do Quilombo de Gurugi.....	21
Imagem 6	Mapa topográfico do Assentamento Dona Antônia.....	22
Imagem 7	Protesto pela luta da terra em Conde.....	75
Imagem 8	Mapa do município de Conde-PB.....	76
Imagens 9 e 10	A agricultura Familiar no Assentamento Dona Antônia e o Artista Popular Nito.....	77
Imagens 11 e 12	Frei Anastácio nos anos 1980, nas lutas territoriais de Conde-PB e Frei Anastácio hoje em dia.....	81
Imagem 13	Dona Antônia.....	82
Imagem 14	Plantação de Macaxeira no Assentamento.....	83
Imagem 15	Plantação de inhame; ao fundo, plantações de coqueiros, no Assentamento Dona Antônia.....	84
Imagem 16	Visita dos alunos e professores do PPGE/UFPB ao Museu Quilombola do Ipiranga.....	85
Imagem 17	Praia de Jacumã em 1986.....	86
Imagem 18	Praia de Jacumã em 1996.....	86
Imagem 19	Nosso Bloco da Burrinha homenageando mestres e mestras do Coco de Roda.....	89
Imagem 20	Bloco da Burrinha na avenida.....	91
Imagem 21	Zé Guilherme e Alex Madureira.....	91
Imagem 22	Reunião de organização de evento para o Inventário Cultural.....	95
Imagem 23	Ciranda da Alegria do Assentamento Dona Antônia em apresentação para o Inventário Cultural.....	96
Imagem 24	Colheita do coco chamado “Costa do Marfim”.....	97
Imagem 25	Batalha de Rap na escola Ilza Ribeiro, em tempos de nossa Gestão.....	98
Imagens 26-27	Coco de Roda na Praia de Tambaú em 1938.....	101
Imagens 28-29	Coco de Roda na Praia de Tambaú em 1938.....	101

Imagem 30	O Coco de Roda no território da Mestre Ana do Coco/Comunidade quilombola Ipiranga (2023).....	103
Imagem 31	Visita do grupo de pesquisa Gepedupss ao Coco de Roda Novo Quilombo, na Comunidade Quilombola de Ipiranga	105
Imagem 32	Plantação de pés de coco do Assentamento Dona Antônia.....	107
Imagem 33	Mestra Dona Lenita, fundadora do Coco de Roda Novo Quilombo, gravando no estúdio de Vital Farias.....	109
Imagem 34	Mestre Zé Cutia.....	109
Imagem 35	Capa do CD do Coco de Roda Novo Quilombo.....	110
Imagem 36	Capa do CD do Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia.....	110
Imagem 37	Contracapa do CD do Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia.....	111
Imagem 38	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	117
Imagem 39	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	120
Imagem 40	Mestre Elias.....	122
Imagem 41	Mestre Marinaldo.....	122
Imagem 42	Rosilda (atual presidente da Associação de Moradores de Dona Antônia)....	123
Imagem 43	Ednaldo, pescador, atualmente residente na Vila do Amanhecer (Jacumã)....	125
Imagem 44	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	127
Imagem 45	Mestre Severino de Jacumã.....	129
Imagem 46	Registro do antigo Coco de Roda da Praia de Jacumã.....	131
Imagens 47-48-49	Cartazes críticos e educativos expostos pela mestra Ana do Coco durante a apresentação do Coco de Roda na Comunidade Quilombola Ipiranga.....	137
Imagem 50	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	145
Imagem 51	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	146
Imagem 52	Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Características dos sujeitos da pesquisa quanto aos dados pessoais e profissionais.....	114
-----------------	---	------------

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEAAL	CONSELHO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DA AMÉRICA LATINA
CF	CONSTITUIÇÃO FEDERAL
FCP	FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
CNPQ	CONSELHO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INCRA	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
INCUBES	INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
UEPB	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
UFPB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PETI	PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL
PPGE	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRAC	PRÓ - REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
PIBIC	PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PROEXT	PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
UNESCO	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA
MST	MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERCURSO HISTÓRICO E TÉORICO-METODOLÓGICO DO ESTUDO.....	18
1.1 Primeiros passos da pesquisa.....	18
1.2 A importância da metodologia da História Oral e Memória	27
1.3 Nossa aproximação com o objeto de investigação, o Coco de Roda.....	35
CAPÍTULO 2 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA.....	39
2.1 Cultura Popular.....	39
2.2 A Educação Popular na América Latina.....	42
2.3 Aspectos históricos da Educação Popular.....	50
2.4 Elementos constituintes da Educação Popular: <i>diálogo, práxis, participação, conhecimento popular, esperança, resistência</i>	57
CAPÍTULO 3 O COCO DE RODA E PROCESSOS DE RESISTÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB.....	69
3.1 Algumas considerações sobre a questão da escravidão.....	69
3.2 A história do município de Conde-PB e seus laços culturais de resistência.....	72
3.3 O Coco de Roda como expressão de resistência da cultura popular.....	99
CAPÍTULO 4 MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB.....	113
4.1 Perfil Social dos brincantes do Coco de Roda.....	113
4.2 Memórias sobre o Coco de Roda no município de Conde - PB.....	134
4.3 O Coco de Roda, da brincadeira à resistência no território de Conde-PB.....	142
4.4 As relações existentes entre o Coco de Roda e a Educação Popular.....	148
CAPÍTULO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS.....	164
APÊNDICES.....	169
ANEXOS.....	173

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERCURSO HISTÓRICO E TEÓRICO-METODOLÓGICO DO ESTUDO

1.1 Primeiros passos da pesquisa

O presente estudo emerge a partir do projeto de pesquisa MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular, desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa em Educação Popular. Minha aproximação com a Educação Popular se deu durante o período de formação na graduação em Filosofia, na licenciatura e no bacharelado, onde participamos de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/Cnpq) na área da Educação, cujo plano de trabalho denominava-se *A implementação da Biblioteca Digital Paulo Freire*, onde, *a priori*, estabeleceu-se a conexão de saberes existentes entre nossa formação filosófica e a filosofia da educação freireana.

Dessa conexão, se desenvolveu nossa monografia de conclusão de curso, cujo título é: *O ensino de Filosofia como uma experiência filosófica: da práxis socrática à filosofia da educação freireana*, que, posteriormente, nos relacionou com o universo da práxis existente na educação. Mais adiante, defendemos um trabalho de especialização em educação na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, com o título: *Comunidades Quilombolas: práticas Pedagógicas de cultura popular nas perspectivas da educação popular no litoral sul da Paraíba*, que nos deu todas as condições de aprofundar nos estudos que durante o período de 2011.2, na condição de *aluno especial* na disciplina Educação Popular e Economia Solidária – ministrada pelos professores: Dr. José Francisco de Melo Neto, Dr. Maurício Sarda de Faria e Dr. Brendan McDonald, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB – o que revelou-se como oportunidade que nos levou a discussões de assuntos referentes à Educação Popular, ao ensino de Filosofia, à Economia Solidária e às manifestações culturais existentes como práticas educativas formais e informais no município de Conde-PB. Nossa aproximação com o tema Coco de Roda surgiu a partir de nosso trabalho na incubadora com o coletivo do Coco de Roda, o Aqualtune pré-vestibular. Como consequência de todo esse engajamento, seguimos para o mestrado e desenvolvemos uma dissertação no PPGE/UFPB, de título: *Coco de Roda Novo Quilombo: saberes de cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga, na cidade de Conde-PB*, e, assim, nos

possibilitou conhecer um pouco mais sobre o Coco de Roda para além de uma expressão artística e cultural, mas também educativa.

O Coco de Roda é um encontro das pessoas consigo mesmas, fazendo com que estas se descubram, pois, o Coco tem o poder do encontro – com os outros, com a educação, com a política, com a natureza, com a ideia de *cosmo*, com as matrizes culturais, com a ancestralidade. O Coco de Roda é um brinquedo ancestral, é uma cantoria de trabalho, um patrimônio imaterial, assim como os mestres e mestras do Coco são patrimônios imateriais. E quem dança o Coco é chamado de brincante.

Para este estudo em nível de doutorado, a delimitação do objeto da pesquisa é a manifestação do Coco de Roda nos antigos encontros do Coco na praia de Jacumã e o *locus* da investigação se deu em quatro territórios do município de Conde-PB: os antigos quilombos de Gurugi e de Ipiranga, a Vila de Pescadores de Jacumã e o Assentamento rural Dona Antônia. Mas, certamente podemos dizer que o ponto de partida foi a pesquisa-ação realizada no período do mestrado, ou seja, foi o caminho para chegarmos até aqui, inclusive porque, para a Educação Popular, essa forma de pesquisa, que também traz uma ação, é um compromisso possível a ser desenvolvido por todos os que, de alguma forma, querem trazer a mudança como perspectivas na pesquisa.

Vejamos o primeiro mapa da cidade de Conde-PB, em sua época de Sesmaria dos Índios da Jacoca, de 1866, extraído do Livro *Paraíba Tabajara*, de Eliane Farias, Lusival Barcelos, Juan Soler (2015).

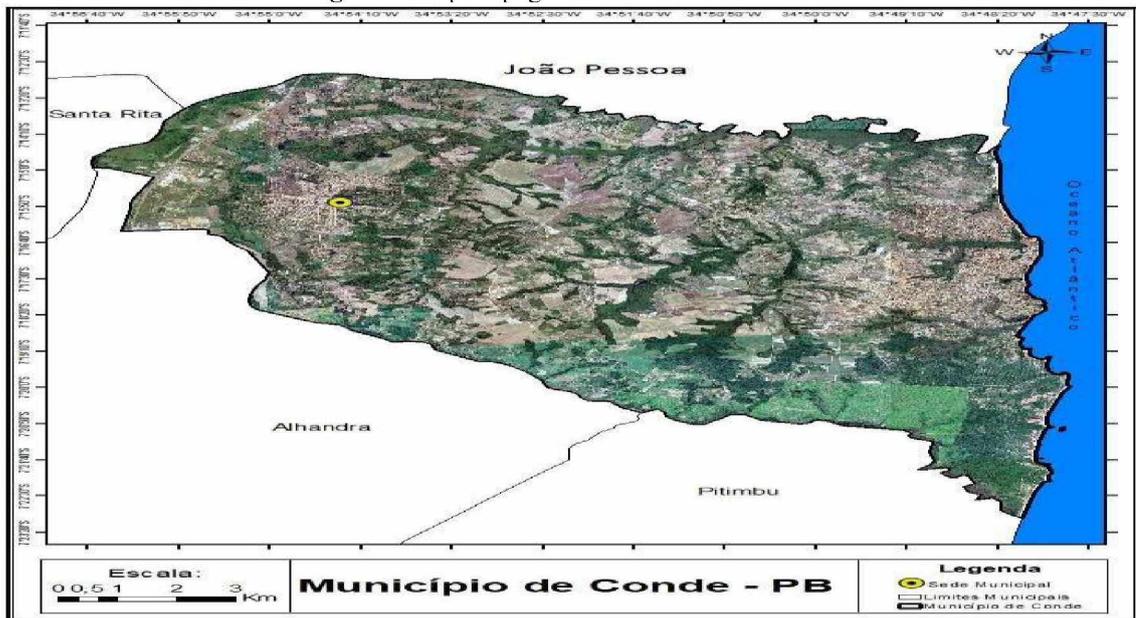
Imagem 1: Mapa da Sesmaria dos Índios de Jacoca (1866)



Fonte: Livro *Paraíba Tabajara* (FARIAS; BARCELOS; SOLER, 2015)

Agora, observemos o mapa atual da topografia desse município, que revela sua localização no litoral sul da Paraíba, fazendo fronteira com a capital paraibana, João Pessoa, e com os municípios de Santa Rita, Alhandra e Pitimbu.

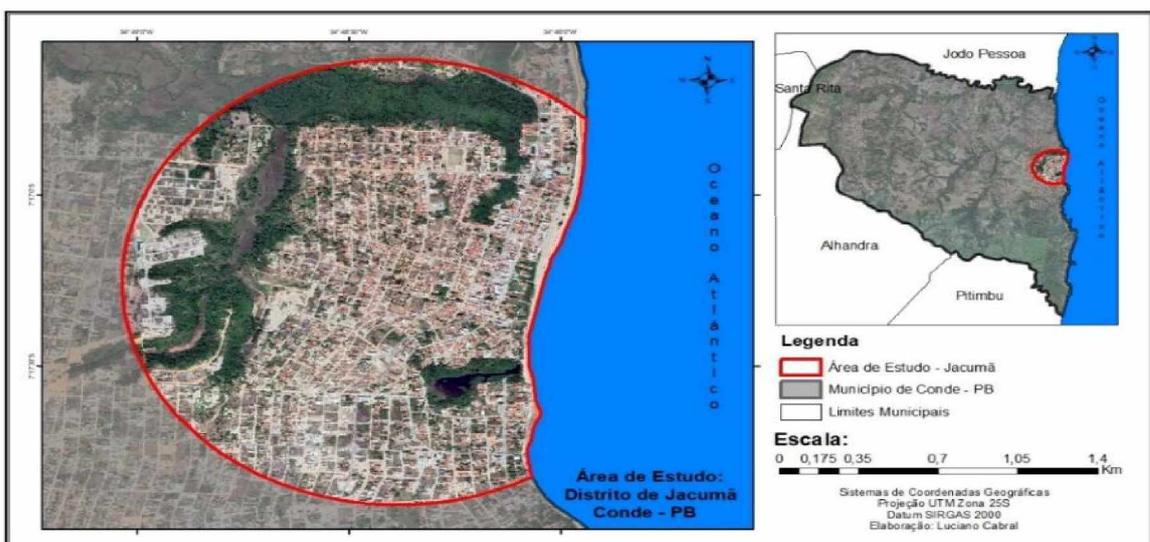
Imagem 2: Mapa topográfico da cidade de Conde-PB



Fonte: Cabral (2022)

Na imagem 2, é possível observarmos o ponto de cor amarela indicando a localização exata da sede municipal de Conde-PB, situada a mais noroeste do mapa. Em seguida, também apresentamos as imagens dos mapas topográficos dos 4 territórios onde o Coco de Roda ocorre até os dias de hoje no referido município.

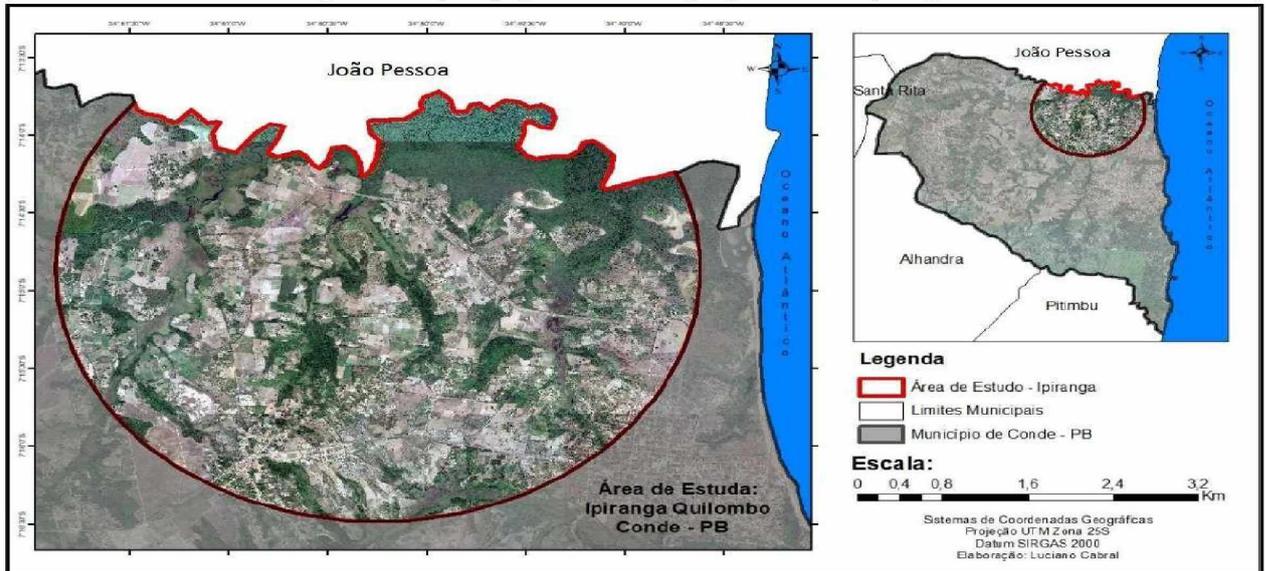
Imagem 3: Mapa topográfico do Distrito de Jacumã



Fonte: Cabral (2022)

Na imagem 3, é possível visualizarmos o Distrito de Jacumã, onde se encontra a Vila de pescadores. No lado esquerdo da imagem o distrito está ampliado, já no lado direito da imagem é possível observarmos sua localização ao leste do mapa da cidade de Conde-PB.

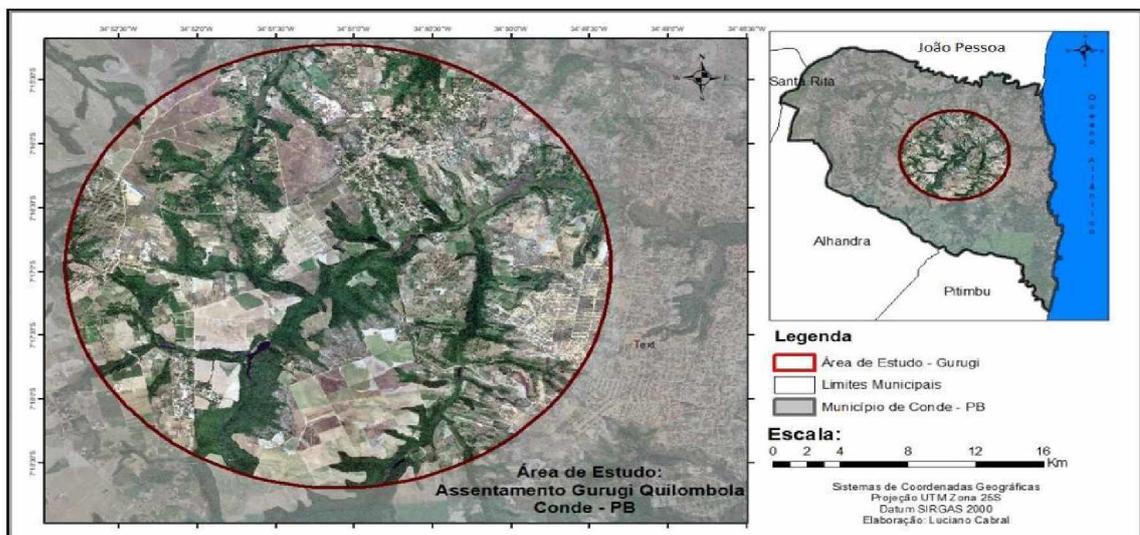
Imagem 4: Mapa topográfico do Antigo Quilombo de Ipiranga



Fonte: Cabral (2022)

Na imagem 4, visualizamos o território do Antigo Quilombo de Ipiranga, atual comunidade quilombola de Ipiranga. No lado esquerdo da imagem, o território quilombola está ampliado, já no lado direito da imagem é possível observarmos seu posicionamento ao norte do mapa da cidade de Conde-PB.

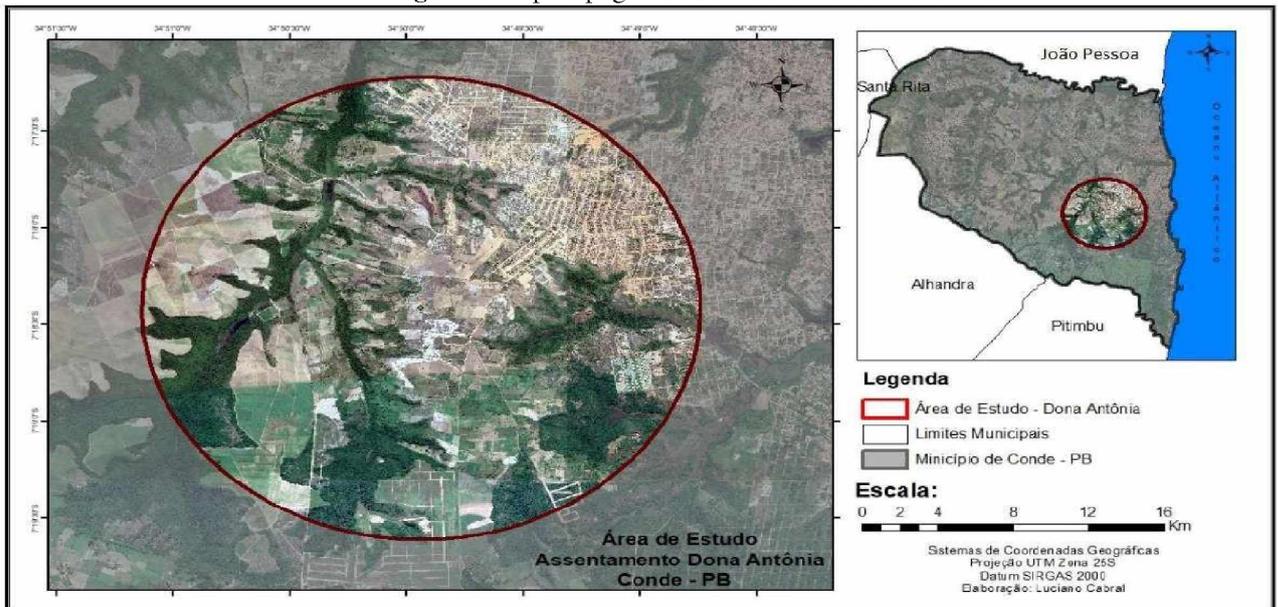
Imagem 5: Mapa topográfico do Antigo Quilombo de Gurugi



Fonte: Cabral (2022)

Na imagem 5, visualizamos o território do Antigo Quilombo de Gurugi, atual comunidade quilombola de Gurugi. No lado esquerdo da imagem, o território quilombola está ampliado, já no lado direito da imagem é possível observarmos seu posicionamento no centro do mapa da cidade de Conde-PB. É notório que ele faz divisa com a comunidade quilombola de Ipiranga, o qual foi apresentado no mapa anterior.

Imagem 6: Mapa topográfico do Assentamento Dona Antônia



Fonte: Cabral (2022)

Na imagem 6, visualizamos um território mais rural, o Assentamento Dona Antônia. No lado esquerdo da imagem a área do assentamento está ampliada, já no lado direito da imagem é possível observarmos seu posicionamento mais ao sudeste do mapa da cidade de Conde-PB.

De acordo com Santos (1998, p. 15), “vivemos com a noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados”. O autor explica “que é o uso do território, e não território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica” (Ibid, p.17).

Ao longo dos últimos 15 anos, moro em Jacumã (um dos territórios onde o Coco ocorre) e faço parte do quadro efetivo da Rede Estadual de Ensino, atuando como docente responsável pela disciplina *Filosofia* na Educação Básica, com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA). E essa minha vivência não só como morador, professor de filosofia, pesquisador, mas também gestor escolar, conheci bastante a realidade dos alunos e moradores das comunidades quilombolas de Ipiranga, Gurugi, Vila de Pescadores de Jacumã, Assentamento Dona Antônia e os demais territórios assistidos pela Escola Estadual João da Cunha Vinagre.

Assim sendo, o eixo analítico de acesso ao nosso objeto de estudo está na Cultura de base e fora dos muros da escola e se encontra em todo o território de Conde-PB. Contudo, foi a partir da escola que ocorreu a aproximação com os sujeitos sociais que fazem o Coco de Roda acontecer. Diante disso, cabe destacar que atualmente, a educação nacional está passando em seu tempo histórico por muitas dificuldades enfrentadas para implementar no currículo escolar desses jovens e adultos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 11.645, de março de 2008 – que veio alterar a lei 9.394, de dezembro de 1996, modificada pela lei 10.639, de janeiro de 2009 – no sentido de incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira, assim como de garantir a permanência do ensino de Filosofia na educação básica, como nas garantias fundamentais da Constituição Federal de 1988 no que se refere os artigos 215 e 216.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

- I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
- II - produção, promoção e difusão de bens culturais;
- III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
- IV - democratização do acesso aos bens de cultura;
- V - valorização da diversidade étnica e regional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos (BRASIL, 2021).

Tomando como ponto de partida a legislação, surgem nossas inquietações a respeito da implementação dessas formas de tratar a educação brasileira, tanto pelo poder de reflexão que a Filosofia pode oferecer, quanto pelo considerável débito social relacionado à história e à cultura afro-brasileiras. Nesse sentido, este estudo também pretende contribuir com a Educação Popular para a construção (ou a recriação) de uma nova sociedade e, pensar criticamente o que é vigente na Educação Popular, para uma “educação ao longo da vida nas perspectivas populares” (BRANDÃO, 1990, p. 64) e suas contribuições teóricas para a formação de professores, sobretudo da EJA, no território ora pesquisado.

Nossa pesquisa tem como **objetivo geral** compreender a origem e contribuição histórica, cultural, social e política do movimento do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB, observando seus processos de resistência e suas relações epistemológicas com princípios da Educação Popular. A problemática aqui posta foi definida tomando por base o seguinte questionamento: A partir da origem do Antigo Coco de Roda do município de Conde-PB é possível explicarmos os processos de resistência advindos dessa expressão cultural e suas possíveis conexões com a educação popular?

Para os **objetivos específicos**, definimos: 1) fazer um levantamento das fontes que possibilitem identificar a memória do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB (fotos, letras dos antigos cocos e documentos); 2) conhecer a origem do Antigo Coco a partir da história oral dos sujeitos locais que cantam e dançam e/ou mantêm viva a tradição do Coco de Roda no referido município; e 3) Compreender o histórico da trajetória cultural, social e política desse Antigo Coco de Roda a fim de identificar as possíveis conexões com os princípios da Educação Popular.

O fato de nosso estudo ocorrer em um contexto crítico também vivido pela Filosofia na escola pública, destacamos o poder de transformação social que ela oferece à Educação de Jovens e Adultos como forma de resistência, possibilitando a interdisciplinaridade de conceitos como: *ancestralidade, esperança, conhecimento popular, práxis, Educação Popular, opressão, diálogo, trabalho e memória*, associando sempre a visão de ser humano (tanto ontológica como histórica e humanizada) com a finalidade da Educação de estimular a inquietação e mobilização frente a realidade.

Diante disso, na condição de professor de filosofia, visamos resgatar a relevância de movimentos que expressam nossa cultura e Educação Popular, a fim de estimular a educação crítica e a possibilidade de oferecer aos jovens e adultos uma melhor compreensão do mundo, do ser e do outro no universo social em que vivem. Assim, este estudo busca contribuir tanto com os estudos e pesquisas acerca do tema Coco de Roda, Educação Popular, Cultura Popular,

como com a formação para o exercício da cidadania, preservando o conhecimento popular e o desenvolvimento intelectual e individual de cada um dos envolvidos com a pesquisa, pois buscamos uma práxis educacional que possa desenvolver a interação necessária entre a escola, a comunidade, a história oral e a memória, pois, segundo Bosi (2004, p. 73), “Compreendendo a *memória* como uma dimensão fundamental de todas as culturas”, e utilizando-a como forma de ensinamento que se possa passar de uma geração a outra, seus saberes e estilo de vida, seus modos de ser, estar e agir no mundo.

A todo o momento registramos, recordamos e renovamos nossos atos. Nesse sentido, a preservação da memória tem um papel indispensável na conservação e difusão das experiências culturais, considerando que se trata de lembranças que nos fazem recordar os acontecimentos e guiam o futuro de todos nós.

Ao buscarmos compreender a origem e contribuição histórica, cultural, social e política do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB, optamos pela metodologia da história oral e memória, somada a pesquisa documental, visto que ambas se complementam e nos levam a uma abordagem qualitativa.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que possuem vivências sobre determinados acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e aspectos da história contemporânea. Conforme Marconi e Lakatos (2004, p.282):

A História Oral investiga os fatos e acontecimentos registrados na memória de pessoas de destaque na comunidade. É uma técnica de coletas de dados bem ampla. [...] preocupa-se com o que é importante e significativo para a compreensão de determinada sociedade. Esse levantamento, realizado por meios mecânicos ou manuais, tem como finalidade preservar as fontes pessoais, obtendo dados que podem preencher lacunas em documentos escritos, registrando, inclusive, a linguagem, os sotaques, as inflexões, até mesmo as entonações dos entrevistados. Tudo que se pode coletar sobre o passado de certos indivíduos, suas opiniões e maneiras de pensar e agir, procurando captar, principalmente, dados desconhecidos. [...] História oral, que tem como uma de suas finalidades a de preencher lacunas nos documentos escritos, é considerada de muita importância porque pode interessar a várias ciências como a Antropologia, Sociologia, Ciência Política, História etc.

Ainda conforme as autoras, a entrevista na História Oral pode ser classificada como biográfica ou temática. Contudo, apontam que ambas podem trazer impressões distorcidas da realidade em virtude de a memória ser falha. Ademais, “na seleção dos entrevistados deve-se escolher, primeiro, os mais idosos, porque vivenciaram fatos do passado (antes que desapareçam) e profissionais especializados em determinado assunto” (Ibid, p. 282). Assim

sendo, optamos pela História Oral Temática, como método condutor da tese, e que foi realizada com pessoas adultas e idosas brincantes do Antigo Coco de Roda no município de Conde-PB, ou seja, eles foram os **sujeitos da nossa pesquisa**.

No que diz respeito à pesquisa documental, se debruça em todos aqueles materiais e monumentos que trazem memórias e recordações, e por isso, estão presentes em objetos, documentos, fotografias, imagens, vídeos, arquitetura, nos permitindo, a partir de um viés crítico e reflexivo, com fontes primárias e secundárias, falar do passado como tempo presente.

Em síntese, os procedimentos e técnicas de coleta de dados da nossa pesquisa qualitativa foram: levantamento bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, formulário de identificação e história oral temática.

Fazendo o tratamento do material empírico com análise crítica dos textos já produzidos, das entrevistas, das fotos produzidas e outros materiais existentes ao longo da pesquisa, para, assim, problematizar a história do Coco de Roda a partir dos bancos de histórias, que são os acervos de músicas, vídeos e fotos coletados na pesquisa.

No que se refere a relevância do presente estudo, cabe ressaltar que, além da nossa pesquisa anterior, a de mestrado, encontramos mais dois estudos acerca do Coco de Roda Novo Quilombo: a tese de doutorado de Janaina Lucene Mendonza Barreto, intitulada; *Coco de Roda Novo Quilombo: da roda ao centro, imagens e símbolos de uma tradição*. 2017. desenvolvida pela Universidade Federal da Paraíba, na pós-graduação em Artes Visuais, que teve o objetivo de identificar e analisar alguns elementos visuais do Coco de Roda Novo Quilombo de Ipiranga. Os elementos que foram identificados no percurso de sua pesquisa foram o bombo, a roda, a umbigada e as vestimentas, tendo em vista a tradição da riqueza musical da dança e dos elementos visuais. O estudo ressaltou e discutiu os elementos visuais para os conhecimentos científicos e saberes presentes na universidade, em particular, para os campos das Artes Visuais.

Assim como a dissertação de mestrado de Peticia Carvalho Moraes, intitulada *A Festa do Coco das comunidades quilombolas paraibanas Ipiranga e Gurugi: acontecimentos e corponegociações* (2016) apresentada à Escola de Artes e Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo-USP, com a área de concentração dos Estudos Culturais, foi analisada a festa do Coco de Roda ocorrida no último sábado de cada mês pela comunidade de Ipiranga, que teve como objetivo evidenciar as transformações ocorridas na festa com a brincadeira durante o período de visitas, entre 2013 e 2016. A partir da análise dos acontecimentos registrados pela autora, foi levantada a hipótese de que a festa do coco não é um espaço de produção de acontecimentos e de criação de outras formas negociação entre os corpos dos participantes. Uma das perguntas que mais interessou à pesquisadora foi entender o

que se fazia nos diferentes grupos de moradores dos quilombos e o que se desejava na festa, os procedimentos da pesquisa foram realizados no trabalho de campo com observação participante, tocando experiências durante as experiências teóricas e vários registros com o olhar deleuziano-guattariano da antropologia da performance que discutiu as práticas coletivas. A dissertação trouxe o conceito deleuziano de *acontecimento* como conceito chave. Criando, para a pesquisa, as relações entre o Coco de Roda e o corpo e os diferentes repertórios de movimentos.

Ao encontrarmos um número incipiente de estudos sobre o Coco de Roda da Novo Quilombo, destacamos que nossa pesquisa, em nível doutoral, traz um argumento de tese que inova, visto que ainda não havia estudos que buscassem nas raízes do Antigo Coco de Roda elementos para explicar o Novo Coco. Daí partimos da **hipótese de tese** de que a origem do Antigo Coco de Roda não só reflete processos históricos de resistência popular como há relação epistemológica com princípios da Educação Popular.

Desse modo, nossa tese está estruturada nos seguintes pontos; neste primeiro capítulo abordamos a cerca do percurso histórico e teórico-metodológico do estudo, dando destaque à importância da metodologia da história oral e a memória e nossa aproximação com o objeto de estudo, o Coco de Roda. No segundo capítulo, apontamos sobre Cultura Popular e Educação Popular em uma relação dialética, com a América Latina, nos aspectos históricos e em seus elementos constituintes, como as categorias, diálogo, *praxis*, participação, conhecimento popular, esperança e resistência. No terceiro capítulo abordamos a história do município de Conde-PB e seus laços culturais de resistência e o Coco de Roda nesse município com algumas considerações sobre a questão da escravidão, No quarto e último capítulo, vamos ver a formação da resistência, trazer a pesquisa de campo com as entrevistas e a análise de todo o material coletado e, assim, explicar os processos de resistência popular advindos dessa expressão cultural que é o Coco de Roda e suas conexões com princípios da Educação Popular.

1.2 A importância da metodologia da História Oral e Memória

História e memória, conforme Ford (2019, p. 04), “são categorias cuja abordagem no meio acadêmico se torna ainda mais necessária em tempos de conhecimento fragmentado e desistoricizado”. A autora destaca a valiosa contribuição de François Hartog a respeito do tema, afirmando que ele fornece novo fôlego para estas discussões, pois questiona qual é a concepção de história à qual nos referimos. “Pois enquanto conceito, uma abstração da realidade, a história possui lugar, tempo, recortes de classe e de gênero. A história não é neutra dessas questões, e

isso precisa ser observado em sua construção teórica” (Ibid, p.06). Além dos recortes citados (classe e gênero), podemos acrescentar o de raça, visto que a história da nossa sociedade, sobretudo a de desigualdade de classe, também é forjada em cima desse recorte.

De acordo com a perspectiva freireana, a educação também não é neutra. Desse modo, ao buscarmos analisar e compreender uma expressão cultural como o Coco de Roda, revelamos nosso compromisso com a história dos oprimidos na sociedade, aqueles oprimidos que desde o dia em o homem resolveu criar grilhões para outros homens e denomina-los de escravos, os quais, a despeito de seus opressores, também se revelaram construtores da história, uma história de muita luta e resistência.

Assim, a escolha e delimitação dos sujeitos de nossa pesquisa se faz necessário por compreender que ouvir os sujeitos brincantes do Coco de Roda, o qual ocorria nos antigos encontros do Coco na praia de Jacumã, no Conde-PB, é de extrema importância para a preservação da memória e, conseqüentemente, dos saberes populares e resistência dos mais antigos, pois, como disse Bosi, (1994), uma psicologia do oprimido existe, e temos que superar essa barreira que está na memória opressora, pois, por muitas vezes, a opressão começa na memória. E, assim, temos que continuar a lutar pelos mais velhos com suas memórias, pois “São a fonte de onde jorra a essência da cultural” (BOSI, 1994, p. 33). Tendo como principal esteio do método de abordagem de pesquisa a nossa conexão, na certeza de que “foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores” (BOSI, 1994, p. 37), que estabeleceu a nossa pesquisa e, a compreensão do que é ser um pesquisador.

O observador participante pode dar origem a interpretações apressadas, não basta a simpatia ou sentimento fácil pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum e na convivência, nas condições de vida muito semelhantes (BOSI, 1994, p, 38). Só assim, ocorrerão maiores aproximações dos Sujeitos da Pesquisa e o universo da pesquisa, as reais condições de execução serão capazes de trazer para a realidade dessa pesquisa “as mais vivas recordações que afloram nas entrevistas (BOSI, 1994, p, 39). Pois, muitas histórias do povo nordestino não foram registradas. Precisamos urgente recontar a história do Nordeste e de seu povo, a partir do olhar do próprio povo, que muitas vezes foi vencido pelos opressores, mas mesmo assim continuam a resistência, porque muitas dessas histórias “foram contadas em confiança, como confidências” (BOSI, 1994, p, 39). Como educador popular e filósofo que sou, tenho a responsabilidade e o compromisso de colaborar como essa busca justa por uma escrita vinda do povo, por fazer parte desse povo, por ser um agente de transformação junto ao povo, temos a compreensão de que “Se as lembranças às vezes

afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa de paciente reconstrução” (BOSI, 1994, p. 39).

Nossa atividade de pesquisador no território quilombola tem esse comprometimento orgânico de “Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais, pois uma lembrança puxa outra lembrança” (BOSI, 1994, p. 39). E, que, no significado da oralidade na construção de identidades e da memória social, a história oral é de extrema importância.

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta sua história, esta se mostra em um contexto sócio histórico que deve ser considerado (OLIVEIRA, 2005, p. 93).

Nosso trabalho reside, ainda, “em traduzir todos esses quebra-cabeças, montando, categorizando e tratando as peças a partir dos aportes teóricos escolhidos” (OLIVEIRA, 2005, p. 95). Que, de acordo com as questões éticas relacionadas à história oral, devemos estar atentos ao cuidado com a “preservação da identidade das pessoas, buscando sua autorização para o uso público das transcrições, dos depoimentos e dos escritos” (OLIVEIRA, 2005, p. 95).

De acordo com os fundamentos teóricos que sustentam a metodologia da história oral, estamos aprendendo, na relação teoria e prática, a dimensão ontológica que é o trato com a pesquisa e com as relações sociais advindas da própria facilidade das pesquisas de hoje em dia com relação à produção e a coleta de dados, pois, a pesquisa em história oral,

É uma prática de apreensão de narrativas feitas de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato (MEIHY, 2013, p.18).

Destacando, também, que estamos realizando nossa pesquisa com fontes que foram identificadas, conhecida no campo da história Oral como “Bancos de histórias” (MEIHY, 2013, p.12), e, por ter uma forte ligação de trabalho já realizado no território é que conseguimos produzir, coletar e organizar um vasto acervo de materiais para através desses registros a história oral, contudo, possa também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidades e memórias coletivas do povo do território. Pois, a história oral,

É uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformado em texto escrito (MEIHY, 2013, p. 19).

A história oral é, também, um processo sistêmico e as bases para a realização desse tipo de metodologia necessita de procedimentos que se relacionam na conjunção de dois elementos que se completam na relação de pesquisa, como “o entrevistador e o entrevistado” (MEIHY, 2013, p.20), tendo como base os princípios éticos que estabelecem as pesquisa no campo das ciências humanas, e que na entrevista devemos reconhecer os entrevistados como colaboradores, porque a participação é espontânea (MEIHY, 2013). As duas partes devem manter uma possibilidade confortável para o estabelecimento da entrevista e, posteriormente, a organização do material coletado e de sua publicação. Basicamente, há três gêneros distintos em história oral; “história oral e de vida, história oral temática e tradição oral” (Ibid, p. 32).

Como dissemos no tópico anterior, neste estudo trabalhamos com a história oral temática, por tratar dos povos de origem indígena e africana, e, por tratar com uma tradição oral responsável por lutar e vencer conquistas territoriais na cidade de Conde, pois, nos territórios investigados (os antigos quilombos de Gurugi e de Ipiranga, Vila de Pescadores de Jacumã e o Assentamento Rural Dona Antônia), houve muita resistência, visto que os assentados venceram a batalha contra o latifúndio. Hoje as terras desses assentamentos são de posse dos agricultores, e o mar do litoral sul é de pleno poder dos pescadores da zona pesqueira de Jacumã, com suas associações organizadas e uma colônia de pescadores em pleno funcionamento.

De acordo com Meihy (2013, p.35) “as histórias oral e de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até contradições na fala”.

Sabendo das condições emocionais e materiais e de toda a luta do povo quilombola pelo reconhecimento de seus territórios, bem como, de sua cultura popular, observamos sua marcha na luta pela manutenção das conquistas, pois, batalhas foram vencidas, mas a guerra ainda não, uma vez que a atual ampliação imobiliária na área e o contínuo desrespeito pelos bens culturais quilombolas estão presentes na realidade cotidiana desse povo. Assim, com essa luta de um povo quilombola me reconheci e, enquanto homem negro e morador do município de Conde-PB, passei a seguir a luta também.

Com o acervo Ayala, foi realizado o registro e memória da cultura popular, nos vídeos, músicas com o apoio do Inventário Cultural¹ da cidade, recém-produzido pela prefeitura e, por

¹ O Inventário Cultural do Município de Conde (2020), assim como outros Inventários Culturais, é um instrumento de preservação, que busca identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação, de natureza material e imaterial. Desse modo, O Inventário Cultural de Conde busca compor um banco de dados que tematize e efetive a valorização, a preservação e a pesquisa, fomentando a educação patrimonial acerca dos bens culturais do município. Parafraseando a apresentação do próprio inventário, é um espaço ofertado às vozes, à produção cultural, às muitas subjetividades e vivências do município de Conde (INVENTÁRIO CULTURAL, 2020).

todos nós da cidade, como uma construção de narrativas do território para determinar como algo científico que está na memória das pessoas, e nossa pesquisa tem relação direta com as pessoas para revisitar as histórias dos territórios, trazendo a fala do povo e compreendendo as relações existentes entre as plantações de pés de cocos e as formas de trabalho dentro desses coqueirais impressados dentro do sistema opressor da cana-de-açúcar na Zona da Mata Paraibana e em toda a faixa da Mata Atlântica do Nordeste e a relação com o Coco de Roda, sendo um fenômeno musical típico da região nordestina.

A importância do nosso estudo e a contribuição do Coco de Roda com a memória do povo de Conde-PB é na manutenção do patrimônio cultural material e imaterial de nossa cidade, pois o não conhecimento da memória pode comprometer e muito o nosso presente. Tanto é que que muitos alunos não conheciam a história do Coco de Roda do município, o que fez emergir todas as nossas inquietações, nossas dúvidas e o nosso olhar de pesquisador. De acordo com Ribeiro (1995, p.19), “O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, é o que trataremos de reconstituir e compreender”, estimulando o humano do humano, retomando sempre os aspectos da vida e os elementos das lutas de classe por uma educação crítica como leitura de mundo, lutando pela democracia e pelo aprendizado em mão dupla para a mudança de realidade e permanência na resistência contra a desumanização histórica do povo negro e tendo sempre o diálogo como arma na busca do *ser* mais e pela ação de se apropriar não só da palavra, mas, também, do conteúdo, com a visão de ensinar o sentimento de esperança e a valorização dos saberes e culturas. De acordo com Freire (2000, p. 51),

[enquanto] o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita – e isso é o mais doloroso – em nome de sua própria libertação.

A Educação Popular, enquanto fenômeno humano, alimenta os processos de ensino e aprendizagem pautada pelo trabalho, pois, afirma Freire (1987, p.32), “Não há palavra verdadeira que não seja a práxis” sendo esta a responsável pela criação dos entes formadores da cultura humana e, inclusive, da própria Educação Popular. Trata-se de um fenômeno humano de produção de conhecimento e apropriação dos produtos culturais pelo trabalho, expressos por um sistema aberto de ensino e aprendizagem, construindo uma teoria do conhecimento referenciada na realidade com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas e dos grupos, com conteúdos e técnicas de avaliação, permeado por uma base

política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

Sempre partindo dos saberes elaborados pelas classes populares e respeitando suas metodologias e pressupostos epistemológicos como o Conhecimento Popular, olhamos a partir de dentro das relações sociais com o *conhecimento* em ato, em ação, das classes populares com o objetivo de fazer uma pesquisa social orgânica por um mundo possível para todos.

Ao mesmo tempo em que nos indignamos com a pobreza latino-americana, acreditamos na sua potência de criação, alegria, conhecimento e proposição política, colocando a Educação Popular como ferramenta de luta política e de autoconhecimento, pois essa educação é para pensar e fazer pensar sobre o trabalho de ação como fator de transformação da sociedade, como uma antropologia de ideias para uma educação centrada na pessoa e destinada a se estender por toda a sua vida.

Concepções como a conceituação do signo da Educação Popular em suas diferentes faces ou vertentes de superação das antigas lentes de leitura de mundo e sendo linha de frente com o olhar crítico à lógica do capitalismo global e pela valorização de todos os humanos, assim como as influências das ideias freireanas pela valorização de sua experiência acumulada em uma educação como prática da liberdade.

Mantemos o discurso em favor da vigência da Educação Popular no século XXI, com enunciados, princípios e procedimentos direcionando suas metas para beneficiar e atender às camadas populares, mantendo firme sua postura libertadora e emancipatória para os seres humanos, tendo na práxis e na realidade concreta de vida dos sujeitos protagonistas seu marco epistemológico, mantendo sua pedagogia fundamentada no dispositivo dialógico e participativo. Atuando com os setores populares da sociedade na inclusão social de etnias e gêneros na luta em favor do território.

E, tendo a refundamentação da vigência da Educação Popular como posicionamento crítico decorrente da defesa do pressuposto básico de sempre reaprender a pensar, pois segundo se busca reavaliar os princípios políticos, filosóficos e pedagógicos entendidos não como capacitação lógica, mas como domínio do uso de um instrumento que ordena o pensamento, como o desenvolvimento da capacidade de questionar, de rejeitar como dado inequívoco a evidência imediata.

Esse caminho tem como referencial teórico-metodológico o pensamento de Paulo Freire, em objetivação à superação do senso comum para poder forjar nova consciência, crítica e também fundamentada na história da Educação.

O encaminhamento para o ensino crítico não se reduz à defesa de um saber estritamente filosófico, muito menos em trato exclusivamente pedagógico. Ambos os paradigmas são atravessados por viés abstrato, sem se darem conta de que o trato com o ensino é questão eminentemente concreta, fruto da prática social, marcadamente contraditória, pois é resultante de conflitos entre as classes sociais, e é isso que mais tarde ou mais cedo obriga os sujeitos “invisíveis” a se tornarem sujeitos históricos.

A Educação Popular, nos moldes de seu paradigma mais contemporâneo, oferece aportes para a reflexão sobre as questões que permeiam o recorte dessa pesquisa. Assim, buscamos possibilitar a investigação do antigo Coco de Roda, unindo a filosofia e a práxis em discussões que possam ancorar a valorização das representatividades do território e a formação de identidades autônomas em sua própria cultura, desconstruindo conceitos criados pela classe dominante em detrimento da Cultura Popular.

Faz-se necessário, portanto, estimular e aprofundar as discussões sobre essa temática, a partir do convívio educacional formal, precisamente nas aulas de Filosofia e de História, as quais remetem os estudantes, sobretudo os originários da cultura afrodescendente, aos conflitos de identidade gerados pelas questões étnico-raciais e socioeconômicas na história das matrizes que construíram o povo brasileiro. E, nesse sentido, muitos se sentem desestimulados a participar do processo ensino-aprendizagem, ocasionando, além da evasão, uma construção imaginária que a educação não serve como meio de formação identitária

Além disso, é fundamental um olhar crítico sobre a história do Brasil, principalmente na relação entre opressores e oprimidos. Daí nossa opção pela história oral, visto ser um conjunto de procedimentos que se inicia na elaboração de um projeto, no estabelecimento de grupos e pessoas a serem entrevistadas, o planejamento da gravação das entrevistas como os momentos pré-fotográfico, fotográfico e pós-fotográfico, como, também, a definição dos locais das gravações e, com muito cuidado e respeito a disponibilidade das pessoas e o *fator tempo*, com o tempo das coisas, das pessoas e das estações do ano, pois, grande parte dos nossos entrevistados, brincantes do Coco de Roda, são pescadores e agricultores que, por sua vez, dependem do tempo para trabalhar. E, por isso, as transcrições são coerentes ao que foi pesquisado, mantendo sempre o rigor científico do material escrito para, assim, se efetivarem a autorização para o uso e para o arquivamento adequado, para possíveis publicações e, como fonte da história oral e da memória do povo quilombola da cidade de Conde.

As entrevistas geraram documentos e materiais importantes para a preservação da *memória do povo*, pois “a história oral não se faz sem a participação humana” Meihy e Holanda (2013, p.22). Dessa forma, observando os cuidados de antes e no momento da gravação, com

testes dos aparelhos, com a prévia definição do local e data, assim como a apresentação do título do projeto ao entrevistado e com a participação ou não de outras pessoas nos momentos da gravação. Pois, se trata de construção de documentos de representatividade, que expressam várias versões sobre os fatos arquivados na memória individual, que leva a uma memória coletiva e, conseqüentemente, uma *consciência comunitária*. Sendo assim, a história oral se estabelece pelas definições da elaboração do projeto, das gravações feitas e na organização de todo o material coletado para a pesquisa, seguida das análises dos dados e do arquivamento em seus diversos modelos e a devolução social da pesquisa.

Rever a história do território para construir uma narrativa a partir da memória e trazer a fala do povo, observando e relatando as relações entre o Coco de Roda e as plantações de pés de coco e formas de trabalho nas plantações, assim como as possibilidades da formação do Coco de Roda na educação e na cultura do município é fundamental, pois, o Coco de Roda não começou ontem, e podemos, a partir da busca e potencialização das raízes culturais que o Coco de Roda promove, buscar soluções e desdobramentos para questões culturais atuais.

Os antigos deram a direção, e essa direção é a luta e o exercício de viver do que se gosta; o Coco de Roda não fica apenas no entorno da ideia de cultura popular de modo genérico, e, sim, aprofunda o entendimento e a vivência sobre a cultura popular do território.

Articulando sempre o mundo do trabalho com a forma de organização e sistematização da luta dos trabalhadores em busca de melhores condições e trabalho pelo viés dos sindicatos, das associações e das cooperativas de trabalho no contexto do capitalismo vigente.

A construção da pesquisa se deu, a princípio, pelo planejamento; em seguida, houve a organização de todo o material existente com o levantamento de toda a bibliografia para, assim, desenvolver a leitura pontual dos conceitos que fundamentam a tese e, conseqüentemente, o momento da concretude da pesquisa, que é a parte transcrita; após uma grande reflexão, essa parte realmente é o momento de destaque, que aponta a sequência da pesquisa de campo, que se estabelece a partir dos sujeitos e dos locais da pesquisa, a exemplo da Vila de pescadores de Jacumã, os quilombos de Gurugi e Ipiranga, o Assentamento Dona Antônia pela associação de moradores e os arquivos pessoais das pessoas envolvidas.

Historicamente, o município de Conde é conhecido pela sua cultura carnavalesca no litoral sul paraibano, onde os impactos da pandemia da Covid-19 acabaram afetando o turismo e, conseqüentemente, a economia local, trazendo as incertezas econômicas e as ameaças ao futuro cultural do município.

A nosso ver, a memória e a história oral estão nos processos de reprodução de saberes das comunidades populares a partir Cultura Popular, assim como as relações sociais do chão da

escola, das lutas por territórios, identidade, políticas públicas e acesso a educação ao longo da vida.

1.3 Nossa aproximação com o objeto de investigação, o Coco de Roda

Conforme já mencionamos, na época do nosso mestrado, concluído em 2014, defendemos a dissertação “COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB. Nela analisamos o perfil socioeconômico dos sujeitos entrevistados, os participantes do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, os quais foram escolhidos por participarem não só do Coco de Roda, como pelo fato de serem alunos da escola onde leciono a disciplina de Filosofia e Direitos Humanos, o que facilitou o acesso e o diálogo. O grupo possuía cerca de 30 participantes, nós entrevistamos 10 pessoas, o que representou o total de 33%.

A pesquisa do período do mestrado foi apenas na comunidade quilombola de Ipiranga, por estar totalmente envolvido como educador popular nesse *lôcus* de investigação. Escolhemos esse lugar e esses participantes por notarmos que os sujeitos dessas pesquisas teoricamente ficariam mais à vontade para responder, com sinceridade, as perguntas do questionário, visto que como pesquisador e também professor de muitos deles, desenvolvemos afinidade com todos os colaboradores desta pesquisa. Para a coleta das informações acerca do perfil dos entrevistados, utilizamos um formulário onde abordamos as seguintes variáveis: sexo, estado civil, idade, nível de formação, ano de conclusão dos estudos e atividade ocupacional.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, constatamos que a maioria dos entrevistados atuava na agricultura, onde o território pesquisado se encontra no campo, destacando a importância da agricultura como fonte de trabalho e renda do quilombo, destacando, também, que 30% dos entrevistado trabalhavam na indústria, com uma jornada de trabalho exaustiva deixando fora das possibilidades de continuidade dos estudos para o nível superior de ensino, destacando que dos entrevistados 50% eram mulheres e 50% homens. E, é sobre esses homens e mulheres com a cultura adquirida ao longo do tempo, que surge toda a resistência como eixo de classificação social deste bravo povo quilombola, nessa hierarquia de classes, onde o capital domina e explora uma multiplicidade de formas de trabalho, tendo como perspectiva de mudança as ações educativas do Coletivo Aqualtune e das associações de Gurugi e Ipiranga é que desenvolvemos forças para continuar a luta desse povo.

Na nossa comunidade o Coco de Roda é como uma raiz, uma característica nossa, do nosso povo, sabe? Porque se a gente puder falar das duas comunidades, Ipiranga e Gurugi, o Coco de Roda foi que conseguiu isso, unir as duas comunidades (Entrevistado nº 2 apud SILVA, 2014, p.75).

Essas entrevistas da nossa dissertação deram os primeiros rumos para a presente tese de doutorado. Assim, nos transformamos juntos com a luta das comunidades quilombolas, uma luta pela propriedade, uma luta pela preservação de territórios, conceito que incorpora as relações sociais, culturas com a preservação de saberes relação com a natureza e com a “civilização”, reconhecendo a Cultura Popular quilombola como um direito ancestral.

É a questão da cultura... Um ponto forte da educação popular da gente é o coco, e com isso eles vão buscando o pessoal mais velho da comunidade pra conversar, e quando eles sentam com o pessoal mais velho pra conversar, aí vem trazendo um monte de curiosidade... (Entrevista nº03 apud SILVA, 2014, p.76).

Para isso, a escola (que não é nosso *locus* de investigação, mas foi onde conhecemos os brincantes do Coco de Roda), enquanto ambiente de mudança própria nas relações, tanto de saberes populares como de saberes acadêmicos, deveria ter critérios de validação desses saberes para um currículo que desafie as crianças, os jovens e os adultos a permanecerem no ambiente escolar e comunitário como também supere as relações de poder pela multiplicação de homens e mulheres negras dentro das esferas institucionais do setor público federal, estadual, municipal. Para que se possa ter um currículo culturalmente orientado com prescrições curriculares e livros didáticos apropriados, com professores preparados para ministrar disciplinas de forma que se respeite o território e com coordenações pedagógicas extremamente preparadas para o mundo do trabalho docente em território quilombola, pois, a fala do entrevistado que segue, deixa bem claro essa necessidade.

Eu não vejo nenhuma escola trabalhar com a lei do ensino afro-brasileiro dentro desses quilombos. O próprio quilombo... cara, você não estudar o que você é... saber que é uma lei e o município não tá implantando. Já deveria começar com essa educação a partir do Fundamental I (Entrevistado nº01 apud SILVA, 2014, p. 76).

Se não é a escola que está estimulando essa visão crítica, certamente suas reflexões advêm da Cultura Popular da comunidade quilombola em que vive, mas sobretudo de sua participação no Coco de Roda. É preciso entender que a etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros. Esta diferenciação ocorre em função de aspectos

culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos. Sobre o termo raça, podemos expor a ideia a qual justifica que, para seres humanos, o conceito não existe: a contribuição de vários povos na formação da identidade brasileira é evidente e nos remete à riqueza de uma sociedade plural na qual a originalidade de cada cultura deve ser valorizada como segue na fala:

É como se resgatasse os ensinamentos antigos... O Coco tem uma tradição... a gente chama o povo pra dançar, mas se você observar, antes da primeira música: pessoal, o coco é uma roda, tem toda uma tradição (Entrevista nº02 apud SILVA, 2014, p.77).

Observamos, no decorrer da nossa pesquisa-ação do mestrado, que o grupo de cultura popular Coco de Roda Novo Quilombo também é uma associação que desenvolve ações socioculturais centradas no processo de humanização da população do quilombo de Ipiranga no município de Conde-PB, utilizando a arte, a música, a cultura popular e a Educação Popular como ferramentas de inclusão social produtiva e de cidadania, a partir da temática afro-brasileira. Referência de multiculturalismo na zona da mata paraibana, o Coco de Roda Novo Quilombo integra as mais diversas formas de expressões artísticas na música, nas artes cênicas, literatura, na dança na educação popular, com o objetivo de promover a diversidade cultural, garantindo a originalidade das expressões culturais locais com um grande potencial na cultura popular da Paraíba.

A partir dessa valorização do grupo de Coco de Roda, os integrantes esperam que a comunidade fortaleça sua identidade e se perceba como um agente ativo e transformador da sociedade. Assim, pretendem que os participantes e moradores da comunidade de Ipiranga possam, a partir do que foi assimilado nos acolhimentos do Coco de Roda, ter mais subsídios para aproveitar as situações cotidianas para promover a interação cultural através da realidade vivenciada a fim de promover o rompimento com o preconceito e discriminação. Dessa maneira, nossa pesquisa do mestrado revelou que o Coco de Roda vem contribuindo para uma sociedade mais justa e uma educação que valorize cada sujeito.

O Coco é que começa a conhecer a comunidade, conhecer a gente, começa a conhecer os nossos povos, nossa cultura. Através do Coco, a gente conquistou reconhecimento. Compreendeu? Conseguimos mostrar que a gente não tem só o Coco, mas que a gente tem cultura; a gente tem nossos rezadores, nossos rios, sabe? Não é só o coco; mas antes ele vinha através do coco; então, o coco é que traz o pessoal pra conhecer a gente (Entrevista nº 06 apud SILVA, 2014, p. 78).

Portanto, essa história oral do Coco hoje em dia já pesquisamos, mas, e as raízes históricas dele? Quais as memórias que esses sujeitos têm dele no município de Conde-PB? Como se deu a origem desse movimento chamado Coco de Roda? Ele emerge apenas como uma brincadeira ou também como luta ou movimento social de resistência cultural e territorial? Seus princípios se articulam ao da Educação Popular? Enfim, essas e outras questões estão postas e precisam ser dirimidas, visto que existe muito material para fontes históricas e pouca análise acerca deles ou da história oral dos sujeitos desse movimento.

CAPÍTULO 2 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO POPULAR: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA

O Coco de Roda é uma expressão da Cultura Popular e, ao nosso ver, reflete processos educativos inteiramente articulados à Educação Popular. Daí compreendermos que antes de adentrarmos no tema específico do Coco de Roda, faz-se necessário explicarmos o significado e a força da Cultura Popular e o porquê do paradigma da Educação Popular reforçar sua relevância na sociedade em que vivemos.

2.1 Cultura Popular

A Cultura Popular nos remete a uma série de elementos populares, sejam eles: textos, músicas, roupas, instrumentos, coreografias, danças, gestos, casas, e, sobretudo, saberes populares. Nos remete, também, ao movimento de Educação Popular dos anos de 1950 e 1960, que defendia a relevância da Cultura Popular Brasileira. É importante pensá-la a fim de olhar para as matrizes do nosso povo para vislumbrar como é ver, com clareza, a memória do país sendo contada, cantada e ensinada de gerações para gerações. Para Fávero (1980, p. 24),

A cultura popular utiliza instrumentos e métodos próprios de trabalho, instrumentos que se estruturam e se definem a partir das necessidades da comunidade à qual se destinam, numa preocupação de atender as suas solicitações, utilizando motivações adequadas à realidade.

Para o referido autor, “a existência humana é existência de pessoa em comunidade, ou seja, comunicação de valores de pessoa à outra” (Ibid, p.32). E é sobre esses valores que a cultura brasileira se firma e se reafirma nas histórias das matrizes do nosso povo, seja ela indígena, negra ou já da mestiçagem europeia, que juntos formaram quem somos hoje como povo de cultura bastante miscigenada. Conforme Machado (2021, p. 128), “Ainda que no mundo acadêmico, bem como no senso comum, paira a tese do liberalismo, de que culto é ‘quem tem cultura’, leia-se, cultura erudita, deixa-se a margem aqueles que também têm suas culturas”. E, continua: “sejam elas quilombola, indígena, camponesa, cigana, periférica etc”. (Ibid, p.136). De acordo com a autora, todos os seres humanos são cultos, visto que todos têm cultura, pois, fundamenta-se na perspectiva freireana de que não existe saber mais ou saber menos, existe saberes diferentes.

Para falar sobre cultura no Brasil, temos que pensá-la no contexto da totalidade social, ou seja, entender em que condições históricas, sociais, políticas e econômicas, a cultura se

forma na sociedade em que vivemos. Fávero (1983, p. 15) explica que “a natureza exprime o que é dado ao homem e a cultura é o que é feito pelo homem.” Dessa forma, tanto um estudo como este, como uma casa ou uma dança popular, a exemplo do Coco de Roda, são formas de manifestações da cultura criadas por homens e mulheres para a sociedade.

A cultura popular é um exemplo de reformismo, do reformismo que é apenas manifestação de uma atitude revolucionária concreta. Ela não é uma adaptação, feito na defesa do passado, as novas exigências surgidas da realidade. Ela resulta, é certo, de uma atividade adaptada às circunstâncias do momento histórico, mas que se adaptam ao futuro (FÁVERO, 1983, p. 16).

Apesar de reconhecermos a complexidade que envolve tais questões, no Brasil, nossa moradia transmite cultura, nossos textos transmitem e omitem cultura, assim como nas maravilhosas danças populares, vivenciadas nos quatro cantos do nosso território brasileiro. Os antigos quilombos, hoje denominados de comunidades quilombolas, são exemplos de territórios da nossa nação que carregam em si uma herança africana, rica na diversidade cultural e carente do poder público em prol de políticas públicas que fortaleçam cada vez mais essa matriz formadora de grande parte do povo brasileiro, sendo esse povo os negros e os mestiços de nossa nação.

Mediante estas questões, refletimos sobre os significados do termo *cultura*. Para os gregos, cultura significava a *Paideia*, ou seja, toda a formação do povo grego em todos os seus aspectos. Já, para Laraia (1996, p. 25), o conceito de *cultura* utilizado atualmente foi definido pela primeira vez no século XVIII, por Edward Taylor (1832-1917). O autor explica que o conceito de Taylor definia *cultura*:

Em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 1996, p. 25).

Com essa visão, o autor explica que Taylor marca fortemente o caráter de aprendizado da cultura e se opõe a ideia até então vigente, de que ela era uma aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. Ao abordar a cultura como um conceito antropológico, Laraia (1996, p. 105) afirma que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a

compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

Igualmente, a concepção de cultura popular tem uma gênese, uma trajetória e uma atualidade. É nesse movimento de desenvolvimento que procuramos apresentar desde as conexões existentes entre a Cultura Popular e a Educação Popular, considerando que, nos anos 1960, uma estava fundida à outra.

Em conexão com o contexto mais amplo, na América Latina, com classes populares e com os trabalhadores empobrecidos, sem condições de reproduzir dignamente a sua vida material e espiritual, também desenvolveram articulações, movimentos e lutas em defesa dos seus direitos, utilizando da cultura popular como defesa, pois, segundo Pessoa (2018, p. 55) “a vida cria a cultura popular, e a cultura popular cria a vida”. Uma espécie de escudo contra a opressão da elite dominadora da cultura erudita. Especialmente entre os anos 1960 e 1990, foi se gestando uma concepção diferenciada de cultura popular e cultura erudita se desvinculando da concepção hegemônica da cultura estabelecida pela burguesia no território brasileiro, a chamada “cultura erudita”, desenvolvendo uma hierarquia cultural no Brasil.

Uma cultura é subalterna precisamente enquanto carece de consciência de classe, enquanto é cultura de classe ainda não consciente de si mesma. Com efeito, Gramsci sublinha como tal cultura hegemônica (GRUPPI, 1978, p. 91).

A origem da concepção de *Cultura* é antropológica, pois, conforme Laraia (1996, p. 46), “a pessoa é resultado do meio cultural em que foi socializada. É uma herdeira de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Segundo Pessoa (2018, p. 55), “a cultura cria a educação e a educação cria a cultura”. A cultura popular, dessa forma, decorre do modo de produção da vida em sociedade que, no capitalismo, na América Latina e também no Brasil, emerge a partir da luta das classes populares ou nos embates e confrontos dos trabalhadores na defesa de seus direitos. Assim, dependendo da organização que integram, os trabalhadores chegam, inclusive, a defender e a lutar pela construção de uma nova ordem social.

É neste sentido que a cultura popular definitivamente deixa de ser pensada como uma prática neutra e ganha o significado de ato político, como posto nas definições de Gramsci (2004, p. 99):

Uma pessoa é culta, no significado mais nobre do termo, se por cultura entendamos não simplesmente riqueza de conhecimentos intelectuais, mas a **capacidade de realizar** o próprio dever e de compreender seus semelhantes, respeitando todo o princípio, toda opinião, e toda fé que seja sinceramente professada. (Grifos nossos)

Paulo Freire segue nessa ótica gramsciana ao compreender a cultura como uma ação, e, por entendê-la como uma ação educativa, conseqüentemente também a toma como uma ação política. Para o autor: “toda ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la”. (FREIRE, 2015, p. 245). Daí, afirmar:

Por isto, como forma de ação deliberada e sistemática, toda ação cultural, segundo vimos, tem sua teoria, que, determinando seus fins, delimita seus métodos. A ação cultural ou está a serviço da dominação — consciente ou inconscientemente por parte de seus agentes — ou está a serviço da libertação dos homens. Ambas, dialeticamente antagônicas, se processam, como afirmamos, na e sobre a estrutura social, que se constitui na dialeticidade permanência- mudança (Ibid, p.252).

Evidencia-se, assim, que as possibilidades para formação política com vistas a um agir crítico para as ações relacionadas com os processos de luta e de organização das classes populares para, também, estimular processos de conscientização sobre o poder da Cultura Popular. Segundo Soares (2000, p. 375), “é necessário organizar a cultura, criando as condições imprescindíveis à conquista de uma consciência superior”. Tudo isso indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos como formador e também de voltar a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora. Para a cultura popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos capazes de transformar realidades sociais excludentes. É, nesse sentido, que a Cultura Popular se constitui uma ação cultural, uma ação dialeticamente conectado ao movimento de Educação Popular.

2.2 A Educação Popular na América Latina

É necessária uma nova educação, sobretudo na América Latina, ou seja, uma nova interpretação da memória e da história dos povos desse continente. Tanto observações semânticas como linguísticas, nossos desafios: transformar educadores em pesquisadores e, assim, justificar nossa luta na Educação, pois as implicações no processo de globalização estão se dando com grande avanço nos últimos anos, e, a construção de saberes e práticas

interculturais, que estão sendo tratadas como possibilidades de interação entre as diversas formas de compreender os fenômenos culturais e educacionais hoje, como destaca Streck (2010), que pretende contribuir para a reconstrução de uma teoria pedagógica que, ao olhar pra trás, reencontra-se com sua memória. Os processos de reprodução de saberes das comunidades populares, a partir da sabedoria pela cultura popular. Na luta por políticas públicas de acesso a um ensino que sirva para uma educação ao longo da vida. E, ainda, no mundo do trabalho como forma de organização e sistematização das lutas dos trabalhadores em busca de melhores condições de vida pelo trabalho pelas vias dos sindicatos, das associações, do cooperativismo.

O contexto da ação da Educação Popular no mundo do capitalismo vigente, no mundo pós pandemia, deve abarcar, junto aos movimentos sociais, a exemplo do MST, a população LGBTQIA+, indígena, quilombola, entre outros na América Latina, que são hoje os sujeitos da Educação Popular, os camponeses, grupos de base, dirigentes sindicais, grupo de mulheres, professores, jovens, adultos e crianças dos setores populares e os centros de Educação Popular.

A dimensão política da Educação Popular deve incluir a institucionalização da Educação Popular como política pública de Estado, não apenas de governo e, sim, a partir das relações históricas de lutas de classes. É a dimensão pedagógica da Educação Popular, consolidada através das práticas sociais institucionais voltadas à formação de sujeitos através da construção de valores, conhecimentos e concepções de mundo em busca da autonomia e emancipação, através das categorias da educação popular pelo fio condutor do saber pedagógico, sempre pensando para quem está se educando, para que se educa, com quem está se educando e como se educa, sempre com a intencionalidade de conteúdos e métodos de participação com ações pedagógicas de dimensão política.

Segundo Wanderley (2010), estas implicações se dão no contexto micro e macro, e nas relações existentes no local e no global. Quando se trata do conceito de micro, está se falando das relações promovidas por mudanças sociais que a Educação Popular dá aos envolvidos na busca pelo conhecimento e por todas as relações íntimas envolvidas no cotidiano escolar e comunitário na educação formal e informal. E, quando se trata das relações macro, observa-se o avanço de políticas públicas facilitadoras de uma busca igualitária pela educação para todos e o respeito estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se deixa claro que o direito à educação é um bem comum a qualquer pessoa.

Já na perspectiva local é onde as ações da Educação Popular realmente podem ser consideradas como uma busca pela conscientização dos sujeitos, pois, compreendemos que o sujeito consciente é aquele que vive a história de sua época e não se conforma com as dificuldades encontradas no seu caminho. Desse modo, para Silva (2017), faz-se importante

observar enunciados que identificam a Educação Popular com o povo ou com formas de organização, com o propósito de inclusão social, emancipação e valorização do sujeito humano, inserido em uma sociedade, capaz de se desenvolver economicamente, sem desvincular-se da justiça social.

Agora, se tratando de aspectos globais, é notória a revolução cultural que está se passando no mundo contemporâneo, pois um educador popular deve agir no local e pensar no global, pensar as possibilidades que a tecnologia da informação pode lhe dar e pensar como buscar práticas que estabelecerão uma busca justa pela cidadania e por uma sociedade global mais igualitária.

A Educação Popular busca se firmar como teoria e prática, como ação educativa alternativa às pedagogias e às práticas tradicionais e liberais, que estão a serviço da manutenção das estruturas de poder político, de exploração da força de trabalho e de domínio cultural. As primeiras teorizações e práticas educativas alternativas foram as dos socialistas, anarquistas e comunistas, que remetiam aos processos formais e não formais de cultura para educação a partir de uma concepção educativa que tinha elementos de diferenciação tanto da pedagogia tradicional quanto da pedagogia da Escola Nova que ia emergindo.

O relatório global sobre aprendizagem de adultos da UNESCO (2010) destacou o grande fenômeno intercultural que é a Educação Popular no mundo e a grande diversidade étnica e pluralidade dos povos e das nações que fazem uso da Educação Popular para a superação das dificuldades impostas pelo capitalismo e por toda pressão mundial em prol do desenvolvimento. Aqui no nosso Continente, o Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL), é o responsável pela grande articulação entre os países latino-americanos pela democratização da educação no novo mundo.

Nesse contexto, de crítica a esse sistema, estão o sujeito social como sendo o fio condutor do conhecimento e, sendo esse sujeito o detentor de analisar, compreender e de criticar aquilo que lhe é exposto, levantando a hipótese de que as coisas são, enquanto são, ou seja, que, por trás das aparências das coisas, podemos observar outras aparências, e assim, aquilo que é para alguém uma verdade, para outros pode não ser.

Atualmente, se pretende que a Educação Popular possa possibilitar às pessoas ao menos a condição de refletir sobre as verdades das quais se acreditam e as “verdades” que lhe são impostas e, com isso, as pessoas possam se questionar e formular melhor seus discursos e suas posturas na sociedade do capital. A interpretação das coisas como são é um ponto de partida para que, com a sabedoria popular somada à científica, possa se avaliar a realidade exposta e identificar os valores de justiça e equidade social

A análise atual da Educação Popular em seus desafios e perspectivas está na forma como as pessoas observam e agem na realidade. Ser justo para um, não é ser justo para o outro, ser benéfico aos prazeres do sujeito social pode não ser benéfico à vida individual e, o que é defeituoso a uma cultura pode ser considerado o ideal à outra cultura. Esta é uma grande problemática na sociedade contemporânea, pois, deixa claro que a realidade de um povo tem que ser compreendida pelo seu próprio povo e que os sujeitos têm a responsabilidade em se autoanalisar para que, com isso, possam deixar para as futuras gerações um legado que priorize o autoconhecimento e que a busca pela verdade está na relação do sujeito com o mundo e que é ele que tem que mergulhar nesse universo, pois é o sujeito à medida de todas as coisas e também o fio condutor das transformações; conseqüentemente, o poder de analisar criticamente o seu ser, o do outro e as coisas que estão expostas no seu mundo e na sua realidade.

As pesquisas na área da Educação Popular devem ter o caráter de *práxis*. Com registros atuais como ponto de partida e os de intenções de mudanças na prática, na ação do homem como ser de ciência e com as reflexões filosóficas para se adquirir conhecimento do homem empírico em busca de conhecimento científico, pois, a vontade dos que fazem a Educação Popular deve ser a de conhecer, produzir e relatar novos conhecimentos junto e para a realidade dos indivíduos que vivem em comunidade, a fim de transformar a realidade social. Mas como desenvolver isso? Sendo criterioso com a razão, sendo crítico com a especulação e buscando sempre uma lógica argumentativa e crítica, que supere as sensações e as percepções e representações ingênuas do mundo real, interpretando as coisas pela ciência e pelo conhecimento adquirido ao longo dessa caminhada da Educação Popular na América Latina.

De acordo com Silva (2017), historicamente na América Latina e Caribe, a prevalência do discurso pela Educação Popular ganha força a partir da emergência de governos autoritários, repressores e silenciadores daqueles discursos que não se enquadravam na ordem social implementada na época. Observar o caráter próprio e específico sobre a Educação Popular, com propriedade e de acordo com o que existe e que define o que realmente é a Educação Popular, nas relações dos sujeitos com os outros e, com as subjetividades para que se afirme sempre a intenção de educar, e que se garanta uma aprendizagem que valorize a construção do conhecimento pautada em decisão prévia com planejamento e deliberação nas organizações das ideias pedagógicas que norteiam a Educação Popular, sempre avaliando se houve processo de ensino-aprendizagem, passando de geração em geração, e que fomentem novos fenômenos educativos.

É preciso superar os conformismos e sair do reduto dos discursos e considerar as conexões de saberes existentes entre o conhecimento popular e conhecimento científico, para

poder superar as dificuldades existentes na Educação Popular, em busca de um “triplo processo” de humanização, socialização e singularização, pois educação não é um privilégio, e sim um direito.

Assim, compreender que refutar não seja apenas negar a existência de algo e sim a possibilidade de ratificar, mediante a possibilidade de confirmar a existência de algo, de tal modo, também, dando a possibilidade de retificar, analisando detalhadamente o real e refazendo categorias que afirmem possibilidades de novas perspectivas para o real com práticas próprias e também relações intersubjetivas, com intencionalidade para uma aprendizagem sistematizada na formação do sujeito, para a participação no cotidiano cultural e educacional em suas relações, pois, culturalmente, o que existe no cotidiano cultural hodierno são culturas paralelas e distintas que socialmente são complementares umas das outras e, que não se negue nunca a questão fundamental, que é a política, pois, a Educação Popular no contexto de hoje deve se preocupar com quais conteúdos ensinar, a quem ensinar, a favor de quem ensinar, contra quem ensinar, como ensinar.

A realidade existe antes mesmo de ser pensada ou, mesmo se não é pensada. As categorias da Educação Popular sem organização e ação não trazem mudanças a essa realidade concreta.

Espera-se que a Educação Popular, nessas novas perspectivas continentais de articulação, possa se destacar como uma educação que venha do povo com um caráter de criticidade histórico-dialético e uma educação como base na comunidade e efetividade. Uma Educação Popular que não possa ser confundida com uma educação informal sem intencionalidade de ser. E sim, com condições de existência das camadas populares e práticas de grandes e importantes mudanças sociais, que tragam proposta de trabalho e atividades de concretização da prática nas formas de organização do trabalho em um processo de conhecimento, partindo das discussões e de encaminhamento do povo com perspectiva crítica e ações vinda de *práxis* nas raízes dos fatos sociais do próprio povo. Onde estejam presentes as condições de existência e de superação das fronteiras sociais que influenciam o mercado de trabalho e o mercado alienante da cultura das massas. Que, nesse mundo contemporâneo, o domínio público da Educação Popular seja em busca de um comprometimento da educação com os conceitos ético, político, técnico-cooperativo, associativos de nosso povo.

Reafirmando nosso compromisso com a Educação Popular e com a Cultura Popular, iremos mostrar os indicadores sociais do município de Conde e, interpretar a partir da transcrição das entrevistas, analisando as possibilidades de saberes e práticas da Educação Popular no Coco de Roda no território, objetivando possibilidades de mudança nesse contexto,

a qual a pesquisa está realizada nos aspectos da educação, cultura, lazer, saúde, trabalho, família e renda desse importante território responsável por construir a sociedade paraibana do Litoral Sul, pois um pensador deve escrever sobre o seu tempo e com o auxílio da Educação Popular, compreender e agir em prol da mudança de realidade do território pesquisado. A conceitualização da nossa pesquisa se faz necessária pelas práticas desenvolvidas no território, pelos lugares (*locus*) de resistências, partindo sempre pelas lembranças e pela memória, que vão se completando ao longo da vida.

Partindo da Educação como prática da liberdade, a visão de totalidade na obra de Freire (2000) faz-se necessária para se contrapor à *Educação Bancária* como forma de Depósito de Ideias para uma Educação problematizadora que parte da realidade em busca de uma Conscientização, sempre tendo a Educação como forma de diálogo em uma Teoria da Ação Dialógica, combatendo as teorias antidialógicas. Como cultura é tudo aquilo que é feito pelos sujeitos, temos de estar cientes das ligações com os conceitos freireanos. Trazendo a categoria diálogo como um fio de ligações de conceitos, pois, é no diálogo que se faz a *Problematização* e na práxis a *Conscientização*. A Conscientização traz liberdade para poder contextualizar as relações existentes entre os oprimidos e os opressores no tempo e no espaço. A Síntese cultural em Freire define que “A leitura de mundo precede a leitura das palavras” (FREIRE, 2000, p 39). E, partindo dessa afirmação, o poder de síntese na memória, na cultura, na educação, são responsáveis pela sobrevivência cultural, a evitar o *Epistemicídio*, que significa matar o poder simbólico do outro.

Analisar as memórias do que já foi produzido anteriormente no contexto histórico delimitado no tempo e nos espaços onde foram consolidados e cantados o Coco de Roda no território constituem, então, saberes necessários à Educação para o futuro, mudando as velhas lentes do passado, que causam a cegueira do conhecimento para as novas lentes de visão de mundo com o conhecimento permanente como condição humana da identidade terrena, como uma ética do gênero humano para enfrentar as incertezas do mundo.

A nossa pesquisa se relaciona com o micro e o macro, com o local e o global, quando falamos de micro estamos falando das relações sociais cotidianas, quando falamos de macro falamos das relações sociopolíticas sobre o ensino e a aprendizagem, quando falamos do local estamos falando de território, das comunidades escolares e das comunidades do entorno e todas as relações socioambientais quando falamos em mundo como uma compreensão em sua totalidade e suas partes.

O tempo em trânsito é o tempo de mudança, que traz consigo a esperança, pois quando o desesperançado começa a ter esperança, gera uma consciência crítica, a verdadeira matriz da

democracia. Teremos, sim, um reencontro com a democracia e as pessoas se libertarão em comunhão. Pois, a classe oprimida avança nos ambientes escolares, nas universidades, mesmo sendo ainda colada à marginalização da sociedade fechada, que se caracteriza pela conservação do *status* ou dos privilégios.

Trazer a atualidade em Freire faz parte da nossa voz na educação e, as principais influências da pedagogia engajada para valorizar a presença do aluno na escola e a influência de todos, pois todos são os responsáveis pela educação, assim como nas comunidades tradicionais a educação é uma responsabilidade coletiva. Pois, os estudantes são ativos no território, a sua consciência prática na comunidade deve ser aberta ao multiculturalismo com respeito às crianças, os costumes locais pelo respeito aos mais velhos. Os jovens devem se sentir livres, as crianças devem sentir livres, e assim se pensar em um mundo livre, com condições de se criar comunidades pedagógicas, com processos de aprendizagem que valorizem a cultura local. Pois é necessário ser um professor que desperte para além do aparente que traga consigo uma educação com enraizamento nos antepassados e um desenraizamento dos colonizadores, para uma crítica do ser humano colonizador. Para, assim, valorizar a cultura afroindígena em seus melhores aspectos. Pois, o povo negro, indígena, quilombola, assentados e pescadores trazem sempre uma pedagogia da esperança como valorização do humano.

Os acontecimentos como ligação com a realidade retomam sempre os aspectos da vida, elementos das lutas de classe, educação crítica como leitura de mundo da democracia e a consciência crítica de nossa realidade concreta. Ou seja, por um aprendizado em mão dupla, com visão crítica favorável à luta de classes e com conscientização no processo pedagógico como instrumento de transformação cultural, política e social.

A não adaptação à opressão é a busca pela mudança de realidade como forma de resistência com vistas a uma pedagogia do oprimido, com ressignificação da memória como forma de rebeldia contra a desumanização, trazendo, sempre, o diálogo a priori em busca da liberdade, e contra qualquer forma de autoritarismo e elitismo, buscando sempre equilíbrio pessoal, se distanciando da trágica memória opressora do passado que, por muitas vezes, nos faz desistir de se apropriar não só da palavra, mas, também do mundo, do conteúdo e da possibilidade de ensinar. O sentimento de esperança e solidariedade com a valorização dos saberes e culturas com o pensamento crítico, valorizando as falas e as percepções de mundo e de aprendizado. Valorização dos saberes da experiência e das visões de mundo com a origem afroindígena, com os coletivos das comunidades e a participação de educadores para uma plural leitura de mundo, com significados de respeito à realidade passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica que estimule o protagonismo dos sujeitos. Partindo das

particularidades em busca da totalidade libertadora e integradora dos sujeitos com a crítica, com o papel fundamental dos docentes e discentes, com a sagacidade de saber de que lado a educação deve estar e ser efetivada.

Com ênfase na diversidade cultural, nas formas de trabalho com metodologias que busquem a verdade também na História Oral e na Memória, com o rigor da ciência, com a observação dos fenômenos, com a pesquisa aprofundada na documentação, tendo como essência o método e a técnica. Pois, a educação tem que ter a antropologia das culturas, como uma intencionalidade de educar nesse mundo.

A memória, as lembranças, as mudanças de governos trazem importantes impactos no *locus* de pesquisa. Por isso, olhares e abordagens precisam sempre da memória para serem atualizadas e, assim, serem capazes de mudança de olhar e de cotidiano. Analisar as lembranças e compreender suas importâncias, pois os fenômenos não se revelam nas suas aparências.

Assim, a educação popular trilha os procedimentos que incentive a participação, ou seja, um meio de veiculação e promoção para a busca da cidadania. Com posicionamento político e antropológico nas matrizes latino-americanas assumindo as lutas do povo; atendendo interesses da população; resgatando a visão de um mundo em mudanças; propondo melhoria de vida do povo; trazendo a perspectiva do povo.

Educação popular em pensadores latino-americanos; em pensadores brasileiros aparece como, aceitar o diálogo; troca de saberes; ato político; valorização da vida; O povo tem conhecimento milenar, construção de conhecimento que é feita com o outro, a partir de suas demandas; Educação Popular na América Latina e unificada como uma pedagogia humana. Uma forma de fazer uma Educação contém: amorosidade, política, solidariedade, participação, diálogo, fraternidade, em prol de uma educação libertadora diferente da educação colonizadora.

Em síntese, a Educação popular, na América Latina, é um fenômeno humano de produção e apropriação dos produtos culturais pelo trabalho, expresso por um sistema aberto de ensino e aprendizagem, constituído por uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com metodologias (pedagogia) incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas de forma coletiva, com conteúdos e técnicas de avaliação processuais, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

2.3 Aspectos históricos da Educação Popular

O processo de construção e desenvolvimento históricos da Educação Popular, do modo como o conhecemos atualmente, passa não só pela perspectiva crítica dos educadores que a sistematizaram, mas, também, pela conjectura em que o país vivia naquele momento (décadas de 1950 e início de 1960), pois, esta deixa de estar vinculada e de ser compreendida como uma simples educação para o povo (por vezes, imposta de maneira autoritária) e, sim, como uma educação com o povo, ou seja, desvincula-se a perspectiva que a associa apenas à instrução, norteando-a para que esta se situe enquanto prática que estimula a criticidade dos sujeitos, considerando o saber popular.

A educação popular, segundo Manfredi (1984, p. 40) pode ser entendida como um processo “que permitiria às classes subalternas elaborar e divulgar uma concepção de mundo organicamente vinculada aos seus interesses e não [...] como instrumento ideológico empregado pelas classes dominantes”.

Paulo Freire foi o educador que desenvolveu uma produção escrita e sistematizou a Educação Popular a partir de práticas realizadas nessa área, tornando-se referência desde a década de 1960. De acordo com Gadotti (1996, p. 35), ele “propôs uma educação de adultos que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política”. Além disso, já explicitava o respeito ao conhecimento popular.

Nas práticas de Educação Popular, “enquanto educação que alimenta o fenômeno humano de ensino e aprendizagem pautada pelo trabalho, sendo este o responsável pela criação dos entes formadores da cultura humana e, inclusive, da própria Educação Popular” (MELO NETO 2015, p. 51). O exercício da criticidade vai ser reforçado pelo diálogo enquanto maneira de reflexão, que parte dos próprios sujeitos debruçados sobre as suas experiências, seus espaços comuns de interação e de seus olhares sobre a realidade que lhes é apresentada, vivida e sentida. E, por isso mesmo, que esse modelo de educação vai além da educação de jovens e adultos. No Brasil, diversos acontecimentos históricos contribuíram para o direcionamento tomado pela atividade educativa que, desde sua origem, sofreu influência do tipo de colonização pois, como disse o Padre Jesuíta Antônio Vieira, em 1691, “O Brasil tem o seu corpo na América e sua alma na África” (GOMES, 2019, p, 409).

No século XX, entre os anos de 1930 e 1960, período marcado pelo nacional-desenvolvimentismo, as atividades educativas, de acordo com Bezerra (1984), eram fundamentadas na alfabetização, na educação de base e na Cultura Popular, elementos que se voltavam apenas para a instrução e não para o desenvolvimento de uma conscientização crítica. Na verdade, a autora explica que, somente as atividades dos grupos preocupados com a cultura

popular estavam voltadas para “a afirmação de uma cultura verdadeiramente nacional, a luta contra a invasão cultural, contra o imperialismo e a desnacionalização, a democratização pela valorização da expressão cultural e política das camadas populares” (p. 33). Em 1964, ano em que se deu início a um dos períodos mais obscuros do país – a Ditadura Militar –, se tem o retrocesso não só dos direitos civis e políticos, mas também do processo de desenvolvimento da Educação Popular, pois esta é tida como uma prática subversiva, em meio a esse contexto de repressão, tortura e recessão de direitos.

Duas orientações pedagógicas, estreitamente ligadas às forças políticas e às disputas pela direção do desenvolvimento, confrontavam-se à pedagogia tradicional, a pedagogia da Escola Nova e a concepção de Educação Popular com forte influência na Cultura Popular e na teoria de Paulo Freire. E, nesse momento do processo histórico brasileiro, a educação popular toma a forma do que ficou sendo conhecido como “a Cultura Popular dos anos 1960” (FÁVERO, 1983, p. 17).

O Golpe de 1964 representa a opção por um projeto de desenvolvimento cada vez mais associado e subordinado ao capital internacional. No contexto da ditadura, sob a influência das teorias crítico-produtivistas e de desescolarização, ampliam-se as análises do Estado e da escola como aparelhos de reprodução da ordem do capital.

As expressões do povo como sujeito de sua história de conscientização e de organização, protagonismo do popular, causam transformações políticas de finalidade da educação e dos métodos prática-teoria-prática, ver-julgar-agir e ação-reflexão-ação, que representam a orientação das práticas educativas desde a concepção da Cultura Popular, que estabelece, desse modo, o vínculo entre a educação, a política e a cultura, educação em busca de um novo projeto de sociedade.

Nas décadas de 1970 e 1980, tem-se uma prática educativa de cunho populista e não popular, expressa principalmente pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cuja preocupação central era apenas a alfabetização de adultos sem a preocupação com a formação de uma criticidade.

A Educação Popular e a Cultura Popular, que guardam uma tradição de ensinamentos, podem elevar o ser humano à busca pela conscientização do indivíduo, perspectiva que pode ser absorvida pelas futuras gerações. Com seu caráter interdisciplinar, a Educação Popular pode fortalecer a reflexão do sujeito social sobre sua realidade de vida e, com isto, estimulá-lo a refletir sobre o outro buscando a mudança.

Contudo, desenvolver uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa, também, difundir criticamente as descobertas, “socializá-

las”, por assim dizer; transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que a sociedade seja estimulada a pensar criticamente a realidade presente é um fato cultural bem mais importante e original do que a descoberta de uma nova verdade, que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Apesar disto, o encaminhamento para o ensino crítico da Educação Popular não se reduz à defesa de um saber estritamente ingênuo, mas sim que se supere a ingenuidade e se transite para uma conscientização. A Educação Popular é questão eminentemente concreta, fruto da prática social, marcadamente contraditória, pois é resultante de conflitos entre as classes sociais e é isso que estimula os sujeitos sociais a se tornarem sujeitos histórico-sociais, ou seja, não apenas assistir dos acontecimentos históricos de nossa sociedade, mas, sim, fazer parte deles, como protagonistas na luta por um mundo mais justo e igualitário.

A Educação Popular, enquanto educação, alimenta o fenômeno humano de ensino e aprendizagem pautada pelo trabalho, sendo este o responsável pela criação dos entes formadores da cultura humana e, inclusive, da própria Educação Popular.

Diante do exposto, levantamos a discussão da possibilidade de conexões entre saberes da Cultura Popular e da Educação Popular, pois, ainda hoje persiste o preconceito em relação a essas temáticas, desde os nossos governantes, que veem essa junção como sendo apenas manifestações do senso comum, no que diz respeito à manipulação da classe dominante em relação à sociedade, até por parte da sociedade burguesa, que não concebe tais conexões com a relevância devida para a construção de uma sociedade mais digna.

No entanto, a nosso ver, a Educação Popular está como ponto de partida para a aquisição do direito pela cidadania há mais de 50 anos, no Brasil, e se tornou um paradigma educativo de resistência, devido às reflexões sobre a realidade visando uma educação libertadora. Prevalece a utopia de que a Educação Popular pode nos libertar dos processos de consciência ingênuo, oferecendo confiança para defender nossas ideias e nossa consciência crítica, destacando o ponto de vista e defendendo o direito que leva a razão à natureza do pensamento do sujeito social autêntico e personificado, livre da opressão.

A Educação Popular, a partir do diálogo com um horizonte teórico-metodológico dialético, une o discurso e a prática em prol de um aperfeiçoamento do social, negando o conformismo e a opressão da classe dominante. Na direção desta educação devemos nos questionar sobre nossas escolhas para, assim, realmente acreditarmos nas nossas potencialidades e, a partir disto, pudermos defendê-las, para nos conscientizarmos contra o conformismo imposto pela ideologia dominante. A Educação Popular não nos dá somente confiança para desafiar a ideologia dominante, as crenças e as tradições da elite. Também nos

faz desenvolver nossas próprias ideologias, que podem ajudar a nos destacarmos diante da alienação das massas existente, sobretudo nos dias atuais, de avanço do conservadorismo.

Desse modo, a proposta da Educação Popular é a de tornar o indivíduo menos passivo e menos inclinado a seguir preceitos da ideologia dominante. O inspirador na Educação Popular é a ideia de que todos podem pensar criticamente, ou mais que isso, todos têm a responsabilidade de pensar criticamente, pois uma vida sem reflexão crítica não vale a pena ser vivida: considerando que “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 2000, p. 43). Além disso,

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem- sujeito (FREIRE, 2000, p. 44).

Vale salientar que Paulo Freire elaborou uma proposta teórico-metodológica para o trabalho de alfabetização de pessoas jovens e adultas, por meio do qual elas, através do diálogo, aprendem de maneira crítica, criativa e autônoma a rever seu próprio mundo social. Freire foi um educador conectivo, um homem do diálogo, que sempre soube escutar seus interlocutores, isto é, um construtor de diálogos. Para Freire (1998), o ato de ler é importante no sentido de o homem e a mulher conhecerem o mundo e, ao compreenderem os elementos constituintes de sua cultura, terem autonomia para pensar, falar, para viverem como donos de seus próprios destinos. Eis o sentido de um trabalho político, por meio da cultura e de um trabalho crítico por meio da educação. Esse é o sentido de um educador conectivo, que nos deixou em 1997, mas que sempre será lembrado, por causa de ideias que trouxeram um novo sentido para a Educação. Vejamos como o autor definia o homem no mundo:

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 2000, p. 47).

Na obra *Educação como prática para a liberdade*, o autor contextualiza o momento de transição em que a obra é escrita e menciona como o processo acelerado da modernidade reflete na sociedade, sugerindo uma linearidade, em detrimento da liberdade que os sujeitos podem adquirir, em um processo de reflexão e pela sua influência direta com a educação. Nessa obra,

reflete, também, sobre a forma como o sujeito se integra na sociedade, e para justificar esse argumento, assevera que a interação entre os indivíduos é necessária para efetuar mudanças de uma época para outra, portanto, o agente epistemológico dessa transição são o homem e a mulher. Sendo assim, a Cultura Popular e a Educação Popular estão diretamente relacionadas e enraizadas na história do nosso povo, necessitando de uma constante reflexão, através das raízes culturais, a fim de que a sociedade possa atingir uma concepção cultural, social e histórica, conforme reflete a citação que segue:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (FREIRE, 2000, p. 49).

Esse processo filosófico e sociológico gira em torno de um mesmo princípio, segundo o qual há uma vontade de transformar verdades inseridas por um processo de imposição, em que os sujeitos são submetidos aos dogmas normativos da sociedade, em verdades construídas gradativamente, na relação do sujeito com a natureza, a partir do conhecimento de mundo que cada sujeito adquire. E, quando se pensa em objetivos para a Educação Popular nos dias atuais, parece que os objetivos seriam o de dar oportunidades e possibilidades de transformação do indivíduo a partir da sua conscientização, que é caracterizada como uma experiência com o pensamento conceitual, isto é, que está relacionada com a sua prática.

Assim, para que a Educação Popular enfrente as carências básicas da educação, em seu contexto interdisciplinar, devem-se desenvolver técnicas didáticas, pois o educador popular não pode se abater por condições que geralmente são precárias. O desejo de mediar discussões deve superar o contexto das dificuldades da realidade para que se possibilitem mudanças. Certamente, isso ajudará a combater as dificuldades e a deficiência educacional que temos em nossa sociedade, porquanto, o educador popular deve determinar experiências que possam ser desenvolvidas para combater as carências e, então, prosseguir nos estudos básicos e experimentar o ensino nessa perspectiva crítica. Isso acontecendo através do diálogo investigativo do aluno com a realidade à sua volta e consigo mesmo, em um movimento de investigação filosófica, na busca de elaborar conceitos e categorias que possam dar conta de seus problemas. Assim, o jovem e o adulto, além do pensamento crítico do cotidiano, poderiam usar o pensamento filosófico para recriar-se a si mesmo e ao mundo através da *práxis* social.

A relação entre a Cultura Popular e a Educação Popular pode ser fundida estabelecendo uma continuação. Com novos estilos e com o auxílio das novas tecnologias, a educação popular

desenvolve aquilo que é, de certa forma, sempre um recomeço na Educação Popular, que sempre é retomada pela Cultura Popular e que tradicionalmente supera modelos anteriores.

A poesia, os contos, as músicas, os livros e os filmes que representam a Cultura Popular são elementos muito interessantes que podem ser utilizados para essas mudanças. É fundamental que o educador se aproxime cada vez mais dos universos da Cultura Popular para que depois o cotidiano social seja realmente modificado pela *práxis* estimulada pela Educação Popular. E, o cotidiano realmente deve ser o cenário dessa aproximação, a fim de que todos os envolvidos nesse processo possam tomar a cultura e a educação como verdadeira forma de ver o mundo. Nesse contexto, temos perspectiva para discutir os temas pertinente à realidade dos sujeitos aprendentes, possibilitando a tomada de consciência sobre assuntos em questão, estimulando a reflexão crítica. Nesta abordagem, o tema é transformado em um problema. É equacionar e elaborar a questão norteadora, de forma que possa ser colocada uma interrogação em determinado contexto. Essa etapa é responsável pela condução da experiência filosófica de pensar no agir no mundo.

A partir dessa problematização, é que determinados temas podem ser questionados, criando-se um movimento em direção a possíveis mudanças. Esse movimento possibilitará a representação de ideias e, assim, pode-se ter consciência crítica sobre os problemas para poder superá-los. Essa é, pois, uma tarefa fundamental da educação popular para motivar mudanças. Reconhecendo, inclusive, que nem toda mudança virá da luta de pequenos grupos, visto que uma efetiva transformação social da sociedade capitalista depende das lutas de classes.

Ressaltamos, ainda, que Freire iniciou essa militância porque passou por problemas. Para ele, a sua realidade estava repleta de problemas. Portanto, pode-se dizer que ele iniciou aquilo que hoje tentamos fazer, tomar um problema como partida e a conscientização como chegada para uma nova partida, que é a ação para a mudança do indivíduo consciente de si e dotado do poder de mudança. É necessário, que assim como foi para Freire, que parte dos problemas, cheguemos à construção de outro mundo possível. E, depois lutemos por esse mundo possível e melhor, subsequentemente, encontramos ferramentas e soluções na nossa própria história de luta e resistência do povo brasileiro.

A efetivação dessas atitudes seria a forma de recriar novos caminhos de ligação entre a Cultura Popular e a Educação Popular, entre a escola e as comunidades, entre os professores e os alunos, entre os governos e as classes populares. Afinal, pensar sobre os desafios e perspectivas da Educação Popular na história do Brasil e, hoje, na realidade política nacional não é apenas em uma dimensão só do observador, mas o próprio ato de pensar que esse observador é agente de mudança e perguntar que sentido tem pensar algo que está errado e não

tentar modificar essa realidade, e pensar o que aconteceria se pensássemos diferentemente e agíssemos diferentes em prol de mudanças.

E, isso são experiências fundamentais para o futuro, pois é notório que existem boas perspectivas para a Educação Popular, mas, lembrando que só na militância é que o novo pode surgir e que, a exemplo de muitos países da América do Sul e Caribe, ainda temos que desenvolver as habilidades de leitura e de escrita, em um ensino que prioriza o exercício do pensamento, pois se lê mal e se escreve mal em nosso país por falta de investimento na política de educação.

Então, a Educação Popular deve também assumir essa perspectiva de vencer a aversão à leitura e à escrita, pois está relacionada à sociedade, através do pensamento da reflexão e da ação e os sujeitos devem ser capazes de proceder a essa reflexão crítica estimulando sujeitos transformadores e políticos. Nesse contexto, deve promover uma transformação nos meios social, acadêmico e pessoal, estabelecendo os princípios de justiça, cidadania e sociabilidade entre os indivíduos de uma sociedade. O debate sobre a América Latina começa com um olhar crítico sobre a escravidão, temos que compreender a memória da escravidão na América Latina. Saberes elaborados pelas classes populares, epistemologias desenvolvidas pelas comunidades com metodologias próprias, respeitando a sabedoria dos mais velhos e atentos à sabedoria dos mais jovens em busca de pressupostos epistemológicos da Educação Popular com o conhecimento e o olhar a partir de dentro das relações sociais. A partir desse ato e olhar, por muitas vezes, sabendo que não se pode fazer nada, mas, pelo menos, conviver com o problema e lutar juntos para possíveis mobilizações em ato, em ação com as classes populares.

Precisamos de pesquisas sociais orgânicas para um mundo possível para todos, que, indignados com a pobreza latino-americana, transforme sua indignação em potencial de criação, com alegria, conhecimento e proposição política. Com uma Educação Popular como ferramenta de luta política e de autoconhecimento, para pensar e fazer pensar o trabalho de ação, de reflexão e de novas ações.

Trazer a Educação Popular em uma dialética sobre a História e a Memória, segundo Streck (2010, p.22), “Implica reconhecer a legitimidade das concepções e os valores contidos na Memória” para, assim, pensar a população brasileira e da América Latina pelas camadas populares como fator de transformação da sociedade, pensar sempre a Educação Popular como uma antropologia e, tendo como obstáculos a formada e hegemônica mentalidade de superioridade europeia.

O que fomos no passado, o que somos no presente e o que seremos no futuro tem relação direta na memória da escravidão. Destacar a herança africana como memória de um povo de

resistência. Nossa escrita destaca a escravidão na América Latina, visto que, ela nasce também o racismo estrutural, vários tipos de escravidão aconteceram na América, mas, com certeza, a escravidão do povo africano foi a mais cruel e sanguinária no território Latino-americano. A escravidão foi um regime de poder que construiu até os dias de hoje as desigualdades e os privilégios. Não basta só combater a escravidão do passado, é preciso enfrentar o cruel legado no presente para que não se estenda ao futuro, daí a nossa defesa da Educação Popular.

2.4 Elementos Constituintes da Educação Popular: *diálogo, práxis, participação, conhecimento popular, esperança, resistência*

No decorrer deste último tópico, apresentamos algumas considerações sobre algumas categorias constituintes da educação popular, por nós observada, no território de Conde-PB e que se encontram nas obras de Paulo Freire, referência no tema, como a exemplo da *Pedagogia do Oprimido*, assim também como no *Dicionário Paulo Freire*, que traz toda a conceituação do mundo das categorias e das ações que sempre estiveram presentes no discurso freireano, como também o *Dicionário de Educação do Campo*, que traz a linguagem do povo do campo. Trazemos, também, a linguagem filosófica do *Dicionário de Filosofia*, pois, de acordo com Abbagnano (1998), em geral, categorias são qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua expressão linguística em qualquer campo. Historicamente, o primeiro significado atribuído às categorias é realista, pois elas são consideradas determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e para compreender a própria realidade.

Essas categorias constituintes da Educação Popular foram observadas no chão das escolas quilombolas, no chão das comunidades, no chão do barracão do Coco de Roda no Quilombo de Ipiranga, da Associação de Dona Antônia, da Colônia de Pescadores de Jacumã, e em todo o território de Conde-PB. Embora existam outras, podemos citar aqui alguns desses elementos constituintes da Educação Popular, já identificados na pesquisa, a exemplo do *diálogo, conscientização, práxis, participação, conhecimento popular, esperança, resistência, conhecimento popular*. De acordo com o *Dicionário Paulo Freire*, “Em *Pedagogia do oprimido*, Freire elabora uma fundamentação teórico-filosófica sobre as condições do diálogo verdadeiro e seu papel central para uma educação libertadora” (1998, p.198). Para grande parte do pensamento antigo, o *diálogo* não é somente uma das formas pelas quais se pode exprimir o discurso filosófico, mas a sua forma típica e privilegiada, isso porque não se trata de discurso feito pelo filósofo para si mesmo, que o isole em si mesmo, mas de uma conversa, uma

discussão, uma pergunta e uma resposta entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca da forma natural no diálogo.

O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo, podemos *dizer o mundo* segundo o nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma *práxis social*, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora (STRECK; REDIN; ZITROSKI, 2008, p.198).

Também, consolida a superioridade do diálogo como forma literária, que procura reproduzir o ritmo da conversação e, em geral, da investigação conjunta, está presente de modo mais claro em todas as formas da *dialética* e não se pode dizer que esteja totalmente ausente da indagação filosófica mais do que qualquer outra, procede através da discussão das teses polêmicas incessantes entre as várias diretrizes das pesquisas.

O diálogo é uma arma dos oprimidos para se organizarem contra o opressor e expressa uma educação que estimula a consciência crítica, e, de forma que aqueles que tardiamente aprenderam a ler e a escrever possam, a partir da educação de jovens e adultos, também reler e reescrever o seu mundo. Que, com o uso da leitura e do diálogo, os envolvidos com a Educação Popular compreendam melhor o seu ser; respeitem o outro e, assim, transformem o seu mundo.

Conforme Machado (2012, p. 152), “a educação popular constitui-se um paradigma sistematizado por Paulo Freire que visa contribuir para o processo de conscientização e mobilização das classes subalternas”, que é o ato ou efeito de conscientizar-se para uma tomada de consciência da natureza e das relações humanas dentro da sociedade em que se vive, buscando sempre uma forma de superação das relações de exploração e de como atuar para modificar essas, e de estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos e convicções. No *Dicionário Paulo Freire* temos a seguinte definição: “Conscientização é um conceito estruturante da concepção e da prática da *educação libertadora* (ver verbete). Por ser esta uma centralidade da produção teórica de Paulo Freire, muitos creditam a ele a criação do termo (2008, p.198). Mas o autor nega a autoria de tal categoria.

A conscientização produz a desmitologização (...) Por isso mesmo, a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a desvela para conhecê-la e, para conhecer os mitos que enganam e ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (FREIRE *apud* MACHADO, 2012, p. 164)

De acordo com essas definições, é possível perceber que há, realmente, uma distinção entre o discurso dos que são educados pela educação popular, tendo em vista que a educação

para ser popular deve ser crítica, problematizadora, voltada para a conscientização, de forma que o *Dicionário Paulo Freire* define de tal modo: “A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social” (STRECK; REDIN; ZITROSKI, 2008, p.98). A partir daí a população, pela tradição de militância pedagógica, procura explicar a realidade de outra forma, a fim de transformá-la.

Mas, a Educação Popular procura ir além do discurso, pois volta-se à *práxis* social. A *práxis* é a transcrição da palavra grega que significa ação, a terminologia marxista que designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, a ação transformadora que a revolução deve exercer sobre tais relações. Vazquez (2007) nos alerta que é preciso explicar a formação das ideias a partir da “*práxis* material” e que, por conseguinte, formas e produtos da consciência só podem ser eliminados por meio da inversão prática das relações sociais existentes e que a reação do homem às condições materiais da existência e sua capacidade de inserir-se nas relações de produção e de trabalho e de transformá-las ativamente é a subversão da relação fundamental entre as estruturas e as superestruturas. Assim, é a totalidade das relações de produção e de trabalho que determinam as relações humanas e, uma das suas maiores críticas a partir do pensamento de Karl Marx, foi a de que os filósofos pensaram sobre o mundo e que agora o necessário era transformá-lo.

Dizemos “Práxis” transcrevendo o termo empregado pelos gregos na Antiguidade para designar a ação propriamente dita. Como se sabe, em nosso idioma dispõe também do substantivo “Prática”. Tanto um como outro termo (“Práxis” e “Prática”) podem ser empregados indistintamente em nossa língua, embora seja o segundo o que se costuma usar na linguagem comum e na literária; o primeiro, em compensação, só é reconhecido- e, mesmo assim, não sempre- no vocabulário filosófico. Sem descartar completamente o vocabulário dominante na linguagem comum, preferimos utilizar em nossa pesquisa- apesar de seu uso restrito- o termo “Práxis”. A razão que nos levou a isso foi justamente a de livrar o conceito de “prática” do significado predominante em seu uso cotidiano que é o que corresponde, como veremos ao longo desta introdução, ao de atividade prática humana no sentido estritamente utilitário, que tem em expressões como estas: “homem prático”, “resultados práticos”, “profissão muito prática” (VÁZQUEZ, 2007, pp. 27-28).

Para o autor, a *práxis* torna possível a passagem da teoria à prática e assegura a íntima unidade entre uma e outra quanto à categoria *conhecimento*, esta vem do latim e significa *cognoscere*, “conhecer pelos sentidos”. O conhecimento passa a existir quando o indivíduo traduz a experiência vivenciada, através do pensamento e da linguagem, segundo Freire (1998, p. 50):

A construção do conhecimento pelo sujeito tem por base as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde ele vive. Reforçando que a construção do conhecimento deve se basear num diálogo multipolar permanente entre todos os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem, querem eles estejam dentro ou fora do espaço físico escolar.

Mas, não estamos falando de qualquer conhecimento, e sim do *saber popular*, visto que o autor ainda afirma que a construção do conhecimento é algo que acontece a todo o momento e envolve variáveis que vão além do cognitivo, envolvendo o sensitivo, o motor, o estético, o intuitivo e o psicológico etc. O sujeito, a comunidade e o “mundo” têm um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo, mas isso só é possível com a *participação*. Tem-se, no *Dicionário Paulo Freire*, que “A força do tema participação emerge nos movimentos de mobilização social pela democratização da sociedade. Na América Latina, marcada pelas ditaduras militares, o clamor pela participação se intensificou” (2008, p.98).

Para a Educação Popular, o significado dessa categoria é de extrema importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, tendo em vista que a participação é o ato de fazer saber, comunicar, informar, tomar parte, compartilhar e associar-se pelo sentimento e pelo pensamento na busca pela mudança e pela melhoria individual e coletiva dos sujeitos em comunidade. De nada vale o saber, a crítica, se não partimos para a ação, se não participamos das lutas e conquistas sociais.

A Educação Popular é uma proposta de educação crítica para a mobilização da sociedade. É a educação que busca a conscientização sobre determinada problemática, sendo que ela não pode impor, ou seja, não pode obrigar ninguém a se mobilizar, mas ela pretende que a sociedade tome ciência de sua situação e que parta dela mesma o interesse de *lutar*, pois isso significa combater a opressão com oposição firme contra a violência feita por grupos ou por pessoas.

A participação popular é ferramenta capaz de romper com a tradição da sociedade elitista excludente. Os conselhos populares da educação podem caracterizar-se como aprofundamento de uma real participação da comunidade de pais e de representantes de movimentos populares (STRECK; REDIN; ZITROSKI, 2008, p.302).

As classes populares possuem o esforço em superar e vencer obstáculos ou dificuldades, enfrentando também conflitos no âmbito político, econômico e cultural, envolvendo interesses e disputas por *status* social, estabelecendo, no decorrer da história, formas explícitas entre as diferenças de classes sociais, considerando uma característica fundamental das sociedades humanas e que quase sempre são motivadas por posições

contraditórias que ocupam essas classes nos processos de produção econômica e cultural por seus direitos, enquanto que repassados para cada geração de uma sociedade, pois, como segue a citação:

Compreende-se a educação popular, fundamentada no referencial teórico-metodológico freiriano, como uma concepção de educação, realizada por meio de processos contínuos e permanentes de formação, que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos na luta (GADOTTI, 1996, p. 36).

Desse modo, a Educação Popular vai estimular a crítica da realidade em que as pessoas vivenciam. Como podemos reforçar na afirmação de Freire (2000, p. 52):

O movimento de educação foi uma das várias formas de mobilização adotadas no Brasil. Desde a crescente participação popular através do voto, geralmente manipulada pelos líderes populistas, até o movimento de Cultura Popular, organizado pela União Nacional dos Estudantes, registram-se vários mecanismos políticos, sociais ou culturais de mobilização e conscientização das massas.

Assim, faz-se necessário uma distinção entre educação popular e conhecimento popular, pois, para muitos, esses dois elementos podem ter o mesmo sentido, porém são elementos completamente diferentes, apesar de serem interligados, o que não quer dizer que são a mesma coisa.

Conhecimento popular difere de senso comum. É o conhecimento que deu embasamento a todos os outros, obtido através de ações não planejadas, sendo indispensável e fundamental para o homem. Surgiu através de sua relação e compreensão com o mundo numa expectativa de sobrevivência que terá continuidade enquanto o ser humano existir, pois, surge na relação dele com a realidade ou objeto. Existem vários tipos ou formas de conhecimento, dentre as quais incluem os conhecimentos populares, das quais são conhecimentos repassados de geração para geração como ao que são passados no coco de roda, podendo ser ou não exato. Destacando também que ele pode se tornar conhecimento científico quando for testada e confirmada sua veracidade. Este conhecimento constitui um conhecimento contingente, pois suas proposições ou hipóteses têm a sua veracidade ou falsidade conhecida através da experimentação.

Não estamos dizendo que o conhecimento popular é um todo homogêneo e coerente. Existem divergências de pensamento entre as próprias camadas

populares. Além disso, o seu conhecimento [...] não é livre da influência do que é dominante na sociedade (COSTA, 1987, p. 16).

Conforme a autora, “o conhecimento popular não é o ‘senso comum’ que precisa da ciência para ultrapassar a influência da ideologia dominante” (Ibid, p. 24). Para ela, nosso conhecimento científico não nos autoriza a dizer o que as camadas populares devem ou não pensar ou fazer, pois elas também, por outros caminhos, a engrenagem da sociedade, o seu conhecimento também vem sendo elaborado e acumulado ao longo da história. Assim, o conhecimento popular nada mais é que os conhecimentos que adquirimos no cotidiano através de experiências vivenciadas, propositalmente ou não. Pois, existem diferentes tipos de saber ou de conhecimento, e, de acordo com o *Dicionário Paulo Freire* se dividem em: “conhecimento sensível, intuitivo, afetivo; conhecimento intelectual, lógico, racional; conhecimento artístico, estético; conhecimento axiológico; conhecimento religioso; e, mesmo, conhecimento prático e conhecimento teórico” (2008, p.85). Tais experiências nos são passadas desde o nosso nascimento pelos mais velhos e, assim, faremos com as seguintes gerações, transmitindo valores e princípios criados no decorrer da construção da humanidade.

Por vezes, precisamos considerar que a grande maioria dos conhecimentos científicos tem base no conhecimento popular, vem do mesmo a inspiração para investigação e comprovação de determinada coisa.

Percebemos que levamos esse conhecimento popular a sério, e até mesmo sem perceber nos utilizamos dele diariamente, um exemplo disso nas vivências que compartilhamos em toda essa pesquisa no quilombo de Ipiranga nas rodas de coco, nas conversas com os mais velhos e na ação educativa com os jovens e os adultos desse lugar de mistura de conhecimento com educação popular e cultura popular e na luta pelo território.

É por isso que o debate acerca da construção do conhecimento e da cultura popular contribui com a Educação Popular enquanto uma prática social e política que visa estimular a criticidade dos sujeitos sociais, especificamente das classes subalternizadas.

O exercício da criticidade, portanto, vai ser reforçado pelo diálogo enquanto maneira de reflexão que parte dos próprios sujeitos debruçados sobre as suas experiências, seus espaços comuns de interação e de seus olhares sobre a realidade que lhes é apresentada, vivida e sentida.

Ao apresentar a categoria de diálogo, perpassando cronologicamente as fases históricas que serviram de base para o seu desenvolvimento fundamentando-a, desde a origem do seu termo até a inserção do diálogo no contexto atual, trazendo a relação intrínseca entre a Educação Popular no Brasil sob uma perspectiva freireana.

Assim, essa forma de diálogo tida como precisa no pensamento de Paulo Freire surge como uma essência para prática de liberdade, ação e reflexão da realidade construída em coletivo e, assim:

A Educação Popular deve estar a serviço de uma presença coletiva, de um sentimento de pertencimento no mundo, de uma identidade coletiva em torno de um projeto utópico; resgatando as raízes históricas dos sujeitos, memórias coletivas e suas relações com presente (MELLO, 2005, p. 19).

Através de todo um processo histórico, podemos perceber como a Educação Popular se desenvolveu baseada em duas percepções, a primeira que traz a educação enquanto uma atividade educativa apenas de cunho instrutivo e legitimador da ordem, mas que é voltada para as classes populares e a segunda à qual comungamos, que traz a concepção de Educação Popular enquanto prática política e social construída e fortalecida pelo diálogo, este enquanto uma reflexão que busca conscientizar através da exposição de ideias, e, essa forma de interação se traduz como a essência da liberdade, da ação e da reflexão da realidade, sendo na perspectiva freireana uma interação não hierárquica e não impositiva que considera as verdades individuais de forma que cada uma tenha sua significância, de modo que na junção de todas elas, possam-se desenvolver decisões para a transformação do meio.

Assim, a partir desse pressuposto é estabelecida a possibilidade da coletividade criar e recriar, e conseqüentemente transformando, ao mesmo passo que desenvolve uma consciência crítica, a transformação da realidade social como forma de resistência.

De acordo com Streck (2010, p.23), “A América Latina é fruto de heranças coloniais, mas ao mesmo tempo, das resistências”. E, nesse viés, a *resistência freireana* tem a ver com a possibilidade de mudar o mundo, compreendê-lo dinâmico, recusando o discurso de que a mudança irá acontecer espontaneamente, ou seja, que “virá porque está dito que virá” (STRECK; REDIN; ZITROSKI, 2008, p. 359). Para Freire, a pedagogia progressista não pode fazer concessões ao:

Dogmatismo neoliberal, que reduz a prática educativa ao treinamento apenas técnico-científico dos educandos e que a adaptação só pode ser aceita como consequência da experiência da vida da resistência como tática na luta com a cultura popular, com a Educação Popular e a política, pois, os fins da união entra a educação e a cultura é a política com a ocupação dos espaços, com a tomada de decisões, e a tomada de poder (FREIRE, 2000, p.103).

Temos de compreender que as resistências ante a mundialização constituem modestos esforços de cooperação popular na organização da vida cotidiana e que, por isso, não têm como

se manter por muito tempo, Paulo Freire a apresenta a partir de um caráter permanente que o educador considera que é mais fácil a quem deixou de resistir ou a quem sequer foi possível algum tempo, “aconchegar-se na mornidão da impossibilidade de assumir uma briga permanente e quase sempre desigual em favor da justiça e da ética” (FREIRE, 2000, p. 41).

Portanto, a resistência pressupõe uma disputa entre desiguais, onde, entre outras coisas, nessa possibilidade e, nesse dever de luta, como forma de *resistência freireana*, tem a ver com a possibilidade de mudar o mundo, compreendê-lo dinâmico, recusando o discurso de que a mudança irá acontecer espontaneamente, ou seja, de que “virá porque está dito que virá, e assim resistir para existir”.

Conforme Paulo Freire, “a acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir” (2000, p. 41). Na sua proposta, os sujeitos não só constataam o que ocorre no mundo, como intervêm nele, ou, em outras palavras, podemos entender que a constatação não deve servir à adaptação ao sistema, mas sim deverá estar comprometida com a mudança.

Para todos nós, das classes populares, as resistências orgânica e cultural são *manhas* necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. O sincretismo religioso afrobrasileiro expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco [...]. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 2000, p. 87).

Assim, a concepção de resistência em Freire se aproxima mais da proposta de que existe uma relação de conflito entre as ideias dominantes, cuja hegemonia não tem como ser total, e as ideias contra-hegemônicas, que surgem como oposição e que são criadas através da luta política e cultural. De modo que a *resistência* deixa de ser um movimento só de reação de autodefesa e passa a ser uma ação ou política ofensiva. As resistências são práticas que “contrariam alguns aspectos da ‘visão de mundo’ dominante” (FREIRE, 2000, p. 87)

Por isso, “reconhecer que o sistema atual não inclui a todos não basta. É necessário, precisamente, por causa deste reconhecimento, lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com o qual não há o que fazer, a realidade é assim mesmo” (IBIIDEM, p. 123). E, compreendendo em que lado estamos, se, é ao lado dos oprimidos ou do lado dos opressores, pois é nesse contexto que:

É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da *vocaçào*. Não

sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser (FREIRE, 1999, p.99).

São os polos opostos das relações sociais de antagonismo. Fundamentalmente, oprimidos e opressores são classes sociais antagônicas e em luta. No entanto, é possível que se instaurem relações de opressão entre os próprios oprimidos. Enquanto seres envolvidos em relação de dominação, tanto oprimidos quanto opressores têm sua vocação ontológica negada pela realidade histórica de opressão que funda suas existências. Só a práxis libertadora do oprimido é capaz de superar a opressão e restaurar a humanidade de ambos. A memória dessa relação entre opressores e oprimidos está muito presente na nossa realidade, essa memória tem que ser sempre revisitada e cada vez mais esclarecida, pois são classes sociais distintas, sendo a classe opressora a que domina a cultura hegemônica dentro da sociedade capitalista, que conseqüentemente geram memórias sociais coletivas, que muitas vezes foram contadas de dentro da casa grande e não dos barracões e das senzalas e muito menos dos quilombos ou nas tribos indígenas. Na relação dialética em que se encontram, é imperioso, pois, reconhecer o “antagonismo indisfarçável que há entre uma classe e outra” (FREIRE, 2002, p. 141).

Desse modo, o processo de conscientização só alcançará o estágio propriamente crítico quando o oprimido se identificar como classe: “A consciência crítica dos oprimidos significa, pois, consciência de si, enquanto ‘classe para si’” (FREIRE, 1979, p. 48). Essa forma de entendimento na relação entre oprimidos e opressores, como forma de classes sociais com constante oposição que ocorre em diferentes tempos históricos, tal oposição se dá entre classes específicas de diferentes formações socioeconômicas.

A convicção de que oprimido e opressor são conceitos próprios da teoria de classes permanece presente também na luta da Educação Popular sendo impossível que, após a leitura da *Pedagogia do oprimido* os trabalhadores, rurais ou urbanos, chegassem à conclusão de que as lutas de classes são necessárias a mudança da realidade a partir e a mudança de mentalidade a partir da memória.

Depois disso, segue Freire sempre se referindo ao opressor “como indivíduo e como classe” e ao oprimido “como indivíduo e como classe” (FREIRE, 1999, p.100). E, outro aspecto de grande relevância com relação aos opostos oprimido/opressor é que ambos se encontram impedidos de ser plenamente humanos. E, que essa relação de opressão obstrui a vocação histórica nos sujeitos e impedem as pessoas a ser mais. “A desumanização causa o ser menos e todas as desigualdades históricas da América Latina que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (FREIRE, 2002, p. 30).

O opressor desumaniza-se no ato da opressão, enquanto o oprimido é desumanizado pela realidade objetiva da opressão e pela internalização da imagem do opressor que o faz um ser duplo. Assim, é o opressor oprimindo ou, se quisermos, a opressão do opressor que impossibilita não só a humanização do oprimido, mas também frustra sua própria vocação de ser mais. É por isso que não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da *vocação*. “Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (FREIRE, 1999, p.99). Oprimidos e opressores não estão, entretanto, condenados à desumanização – a tarefa da pedagogia do oprimido parte da reflexão sobre a opressão e culmina no engajamento na luta por libertação.

Só aos oprimidos, entretanto, cabe esta tarefa histórica. “Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos” (FREIRE, 2002, p. 31). Portanto, a superação da contradição opressores/oprimidos, sinônimo da libertação de todos, é obra da práxis do oprimido e de outras lideranças revolucionárias que “renunciam à classe à qual pertencem e aderem aos oprimidos” (FREIRE, 2002, p.161). Assim, na exposição da relação entre oprimidos e opressores, o autor funde criativamente as contribuições da dialética.

A introdução do trabalho como princípio educativo em todas as relações sociais, na família, na escola e na educação profissional em todas as suas aplicações, particularmente hoje, em um mundo em que o desenvolvimento científico e tecnológico desafia a formação de adolescentes, jovens e adultos no campo e na cidade, supõe recuperar para todos a dimensão da escola unitária e politécnica, ou a formação integrada a sua forma prescrita pela lei (FREIRE, 2012, p. 751).

Na obra de Freire o trabalho é concebido tanto na sua dimensão ontológica como condição do processo de humanização do ser – quanto histórica, no reconhecimento que o autor faz das suas diferentes manifestações nas sociedades humanas ao longo do tempo. Destaca-se a singular e profunda relação que Freire estabelece em alguns de seus escritos entre *linguagem* (palavra/diálogo), *consciência* (de classe) e a *experiência do trabalho*.

Ainda de acordo com o *Dicionário de Educação do Campo*: “A compreensão do sentido dado ao trabalho como princípio educativo dentro da visão da formação humana integral de Marx e outros pensadores é fundamental para os movimentos sociais do campo e da cidade e para a exploração humana” (2012, p.751).

A *Esperança* é uma categoria da Educação Popular que vamos destacar, sendo também a categoria central na obra de Freire, ligada com outros conceitos, a esperança se faz necessária

em tempo atuais, pois a esperança gera o verbo esperar, que move as pessoas diariamente com os pensamentos e as ações apontadas para dias melhores.

A *esperança* é, para Freire, “necessidade ontológica” e, sendo um imperativo histórico, a esperança se manifesta na prática. Não há *Esperança* no repouso de espera, isto seria imobilidade ou paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje. Da mesma forma, nem toda *esperança* é igualmente geradora de uma realidade distinta. A esperança se torna uma presença viva, experienciada como a antecipação de uma promessa que já começou a ser cumprida. Paulo Freire integra a esperança não apenas em seus escritos pedagógicos. Ela faz parte de seu ser no mundo e alimenta a sua busca e as suas lutas, seja entre os camponeses nordestinos, com estudantes universitários, seja na gestão pública. A esperança baseada na ação impede a acomodação pragmática à realidade. No *Dicionário de Filosofia*, acerca da *esperança*, podemos ler:

Esperança como uma das emoções fundamentais, umas das virtudes teológicas, o princípio ou determinação da realidade fundamental, o impulso fundamental da vida, ou seja, a mola que leva o ser humano a transcender o presente em direção do futuro. Tal impulso que nasce da incompletude, concerne a própria estrutura do ser, a expectativa da esperança da intenção em direção a uma possibilidade, uma característica fundamental da consciência humana, uma determinação fundamental interna a realidade adjetiva em conjunto, uma categoria básica da filosofia (1998, p. 412).

Como está expresso no *Dicionário Paulo Freire* (2008), na *Pedagogia da Esperança*, se encontra um convite à releitura do mundo e, tendo a consciência que o mundo antecede a palavra, tinha pouca paciência com a educação, seja como uma forma de treinamento, um método, seja como uma prática política e moral que fechava a história, o potencial de atuação individual e social, a alegria e a importância da solidariedade engajada, a importância de responsabilidade social e a possibilidade de esperança. Freire era um intelectual crítico e consciente porque corria riscos, tomava posições sem ficar quieto e defendia vigorosamente que a educação não era meramente o fundamento do aprendizado, mas um pré-requisito para ler criticamente o mundo e transformá-lo com o objetivo de torná-lo melhor.

Consta, no *Dicionário Paulo Freire* (2008) que, é importante criar teias dialéticas que conectem práticas aparentemente sem relação. Quando o pensador pernambucano falava sobre a relação entre autoridade e liberdade, não só abordava a questão dos limites e possibilidades de liberdade em uma sociedade democrática, mas, também, enfocava como essa dialética se efetivava na teoria e prática da sala de aula. A nós, parece evidente que Paulo Freire considerava que toda atividade humana começa com a história, ele não só fundamentava sua compreensão

do ser humano inconcluso em uma lógica de autodeterminação e esperança, mas também falava sobre a importância da curiosidade intelectual na sala de aula e de como ela e uma cultura do questionamento eram centrais para uma pedagogia do não concluído.

Paulo Freire era um intelectual inserido no mundo, que nunca se permitia esquecer a conexão entre o abstrato e o cotidiano, o global e o local, a própria pessoa e o outro. Sua interrogação contínua sobre a relação em constante mudança entre o determinismo e a esperança, a privatização e a solidariedade, o treinamento e a aprendizagem crítica, a conversação e o diálogo substantivo, e a liberdade e a autoridade é tão crucial hoje quanto era durante os muitos anos em que ele a abordou em numerosas palestras, artigos e livros.

Conforme está destacado no *Dicionário de Paulo Freire*, a luta para resgatar uma pedagogia da esperança e luta deve ser conectada ao melhor que a democracia pode oferecer, o que significa reconhecer que uma sociedade jamais alcança os limites da justiça e deveria assumir a responsabilidade coletiva de disponibilizar os recursos materiais e simbólicos que constituem os meios para dar dignidade às pessoas, de modo que se tornem plenamente livres para reivindicar seu papel de agentes morais e políticos e que a democracia seja a base da esperança.

Existe outros elementos constituintes da educação popular, mas neste estudo nos detemos nos que consideramos como centrais, como princípios próprios da Educação Popular.

CAPÍTULO 3 O COCO DE RODA E OS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB

Os processos de resistência de um povo se dão de várias formas, mas, aqui já explicamos que, o que nos chamou atenção foi a resistência da cultura popular por meio do Coco de Roda, não só por ser algo alegre, coletivo e ancestral, mas por percebermos como aquela dança, aquela batida, aquelas vestimentas e posturas nos educa. E, para falarmos que esse brinquedo ancestral/expressão cultural/dança/brincadeira resiste, é preciso explicarmos porque ele resiste, contra o que ele resiste e quem perde e quem ganha com essa resistência. Assim sendo, explicamos que o Coco de Roda resiste ao preconceito, ao racismo, ao processo de aculturação e exploração do povo branco contra o povo negro. Ele resiste contra as sequelas e mazelas da escravidão. Quem perde com o silenciamento do Coco de Roda, não é só a Cultura Popular, mas cada negro e negra desse país, pois se o Coco vive é porque está viva a história oral e memória dos sujeitos históricos que o ensinaram de geração em geração. E, portanto, quem perde com a resistência são os racistas e quem ganha são os descendentes desses sujeitos históricos, que um dia tiveram a coragem de fugir, fundar quilombos e plantar raízes afrodescendentes, inclusive, *in memoriam*, daqueles que até tentaram, mas não conseguiram se libertar e chegar até um quilombo. Daí iniciarmos este capítulo fazendo algumas considerações sobre a escravidão.

3.1 Algumas considerações sobre a questão da escravidão

A América Latina é o maior território escravista ocidental, temos uma segregação territorial como base das desigualdades. A escravidão é responsável por várias mazelas na América Latina. Genocídio como extermínio parcial ou total, de comunidades, grupos étnicos e religiosos. Genocídio da memória e da cultura. A contribuição afro-indígena profunda do povo negro na América Latina. Linguagem pejorativa e preconceituosa sempre foi uma barreira Latino-Americana, as palavras constroem o mundo e a leitura do mundo tem que anteceder a leitura da palavra. Não podemos deixar esse mundo ser construído pelo racismo. Lutar por uma memória contra a opressão sofrida. A memória é uma ferramenta de construção do futuro, porque, por muitas vezes, a memória da opressão é a que reina. A história da escravidão é de dor e sofrimento e não deve ser esquecida.

Segundo GOMES (2019), a palavra “escravo” vem de “eslavo”, ou seja, povo de pele branca, escravizada no continente europeu pelo Império romano, ainda na Antiguidade, mas

não vamos falar desse povo, e sim, do povo africano escravizado na América Latina, com o olhar de filósofo e pesquisador. O Capital humano como princípio na agenda da América Latina políticas públicas de enfrentamento a memória da escravidão fortalecimento das lutas pela memória do povo afroindígena. Não podemos dar as costas à América Latina. Não podemos ignorar a nossa frente África. Combater o racismo estrutural na cidade de Conde. Combater as práticas escravistas na América Latina. No meio da injustiça e da dor da escravidão na história sempre correu um fio de esperança. O Brasil foi o maior território escravista da América Latina, 40% de todos os povos escravizados na América Latina tiveram como destino o Brasil.

Alguns países especializaram-se em ganhar, e outros que se especializaram em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e fincaram os dentes em nossa garganta (GALEANO, 1994, p. 13).

Além de todos outros ciclos econômicos opressores com a mão de obra escava, pois foram mais de quatro séculos de escravidão na América Latina. A escravidão é um assunto urgente na América Latina. O tráfico de escravos em números foi de aproximadamente 12 milhões de pessoas, onde 10 milhões sobreviveram ao tráfico nos navios negreiros. Aproximadamente 2 milhões de pessoas morreram na viagem nos navios negreiros, dando continuidade às cruzadas, com as navegações e as explorações da costa da África, assim como os jesuítas e donos de engenhos negociavam escravos. A pobreza e as desigualdades são os legados da escravidão.

Pessoas eram tratadas como animais, como mercadoria, e, dessa maneira, a escravidão avançou na América Latina, do castelo de São Jorge da Mina, o El Mina em Gana, que foi o lugar de onde saiu boa parte dos escravizados para o Brasil. O apanhado dos 500 anos de exploração da América Latina foi tratado no livro *As veias abertas da América da América Latina*, de Eduardo Galeano, uma publicação proibida no Uruguai, Argentina e Brasil no período das ditaduras na América, sendo liberado só na redemocratização desses países. Essa grande obra conta a história dura de nossa América Latina, tanto na Economia como na Política, com críticas fortes sobre a riqueza e pobreza e sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, com grade ênfase aos ciclos econômicos, apontados como ciclos de explorações sobre a madeira, o ouro, recursos naturais como o petróleo, açúcar, prata, banana, café. Relata, também, a conquista pela espada, ou seja, os ciclos de violência da colonização, assim como a conquista pela cruz que traz à luz a influência da igreja católica a América Latina.

Mas também nos traz a utopia latino-americana de continuar suas lutas. Livrando-se do estigma de entrar no mundo pela porta de serviço. Outro ponto forte marcado pela violência são as histórias e as memórias dos povos Inca, Maia e Asteca, que, de tão cruel que foi a colonização espanhola, ao ponto de apagar literalmente a cultura desses povos. Assim como foram a Guerra do Paraguai e as ditaduras em nossa América Latina. Posteriormente, a Integração da Zona de Mercado e da Indústria com caráter pesado no Setor agrário e têxtil trazendo os problemas estruturais e ambientais assim, como os monopólios estabelecidos pelas relações multinacionais com as ditaduras responsável por boa parte da construção da mentalidade brasileira e seus vários elementos históricos.

Podemos dizer que, no Brasil, nunca houve uma revolução vinda do povo pobre, sempre as influências pra revoltas foram da elite e a fragilidade da democracia nunca nos permitiu uma verdadeira revolução da classe trabalhadora. A inesperada América Latina sempre acontece e muda os rumos das tentativas de revoluções, e isso começa pelo pensamento de não-união ameríndia e separatista pelo colonizador.

Os países americanos continuam se identificando por cada porto, as veias abertas da América Latina nos mostram que a América Latina é um laboratório de pesquisa. A América Latina sempre viveu um clima institucional tenso, trazendo marcas até os dias de hoje, com um modelo institucional tenso, e que estamos cada vez mais distantes de estruturas institucionais leves, e tão pouco chegaremos a uma América Latina de estruturas institucionais livres, fomos vencidos pelas estruturas Institucionais radicais do capitalismo dependente e de um imperialismo opressor com uma dependência estrutural institucional do Capitalismo das disputas territoriais e comerciais, as condições econômicas deixadas pelo sistema do Colonialismo Interno e do Colonialismo Externo deixaram marcas na alma do povo e na memória das pessoas.

Reflexões posteriores trazem também os conflitos na Colômbia, com o tráfico de drogas e com a condução de vários homicídios e vários anos de violência, mesmo com a transformação da Industrialização e, com o avanço na produção de cocaína. O movimento guerrilheiro das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) traz os conflitos agrários e o surgimento do Exército de Libertação Nacional (ELN) e, com isso, o assassinato de 57 juízes e vários políticos responsáveis pela corrupção e pelo transporte da droga para o mercado consumidor dos EUA, proporcionado uma banalização da produção da coca pelos Cartéis de Medellín e de Cali, liderados por Pablo Escobar, e, por outro lado, a construção da rede Latino-Americana de Educação e Direitos Humanos, e, em Medellín surge a primeira reunião da Teologia da Libertação. E, com isso, a relevância das lutas na América Latina não foi regional, mas geral,

sempre como um laboratório de mudanças históricas, como nos países da Argentina, Brasil, Bolívia, Costa Rica, México, Cuba, Chile, Peru.

A América Latina é um sonho de estudos da História Comparada. A conceituação do signo da Educação Popular, em suas diferentes faces ou vertentes. A superação das antigas lentes de leitura de mundo para futuros paradigmas alternativos frente à lógica do capitalismo global, com a opção pelas classes populares e pela valorização de todos os humanos, com a marcante influência das ideias freireanas. Mas, com a valorização das experiências acumuladas de sociedade fechada para uma sociedade aberta, com uma Educação como prática da liberdade (FREIRE, 1987). Direciona, dessa forma, suas metas para beneficiar e atender às camadas populares e mantendo firme sua postura libertadora e emancipatória para os seres humanos.

Tem na *práxis*, e na realidade concreta de vida dos sujeitos protagonistas, seu marco epistemológico. Mantém sua pedagogia fundamentada no dispositivo dialógico e participativo e reforça sua dimensão sociopolítica. Os setores populares da sociedade na inclusão social de etnias e gêneros na luta em favor do meio ambiente como possibilidade político-pedagógica e a centralidade do ser humano na valorização da diversidade e na emancipação do saber e valorização do ensino e da aprendizagem e, pela Justiça social na produção e no trabalho, assim como o cuidado com o meio ambiente e a responsabilidade com as gerações futuras, iremos avançar sempre em nossos sonhos de uma sociedade mais justa e igualitária.

3.2 A história do município de Conde-PB e seus laços culturais de resistência

O município de Conde está localizado no litoral sul do estado da Paraíba, região do Nordeste Brasileiro, inicialmente foi chamado de “Vila de Jacoca”, que foi um correspondente às Sesmarias de Jacoca, tão rememoradas nas narrativas de seus nativos e na história da formação do território. O município de Conde tem raízes históricas na aldeia Jacoca, de indígenas Tabajara, administrada pelos missionários franciscanos, logo depois de sua chegada à Paraíba, em 1589. A sede do município originou-se da fusão dessa aldeia com outra, denominada Pindaúna, de indígenas Potiguaras, durante a ocupação da capitania pelos invasores holandeses.

O Inventário Cultural (2020) destaca que, em 1636, quando os holandeses se apoderaram da Capitania da Paraíba, a região onde se localiza a sede municipal ainda era habitada pelos indígenas que, por ordem do governador holandês, foram se alojar na capital. Foi fundado um povoado pelo capitão inglês John Harrison, que estava a serviço dos holandeses durante essa ocupação. Esse povoado foi batizado de Maurícia ou “Mauricéia”, homenagem ao

governador da província, Conde Maurício de Nassau, e foi importante como ponto estratégico na defesa da passagem de Recife, que era a capital para os holandeses, até Filipéia de Nossa Senhora das Neves, nome antigo de João Pessoa.

Expulsos os holandeses e restaurada a capitania e o governo português, os portugueses elevaram a aldeia Maurícia à Freguesia e, mais tarde, à categoria de Vila com o nome Conde, o que não deixava de ser uma recordação do Conde Nassau. A freguesia foi criada em 1668, em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Seu progresso foi rápido, chegando a ser Vila e Sede da Comarca. Ao longo de sua história, essas denominações recebidas têm suscitado controvérsias com relação ao seu significado. Jacoca, seu nome indígena, quer dizer “abraçame”, baseando-se, para tal afirmativa, na lenda de que, no lugar, uma índia tapuia fora surpreendida quando dizia esta palavra a um potiguar. Em outra interpretação, Jacoca deriva de *Jacuoca*, e significa morada dos “jacus”. Para o historiador Horácio de Almeida *apud* Inventário Cultural (2020), o nome de Conde, ao contrário do que se propaga na historiografia paraibana, deve-se à existência na região da “Fruta do Conde”, também conhecida como “pinha”.

Outros historiadores citados nesse Inventário Cultural explicam o nome de Conde como uma homenagem ao administrador holandês, Conde João Maurício de Nassau, um costume português de se dar nomes aos povoados e vilas das colônias

Na divisão administrativa do Brasil, em 1911, o município de Conde aparece, pela primeira vez, como distrito de João Pessoa, o mesmo acontecendo em 1933, 1936 e 1937 e no quinquênio 1939-43. No quinquênio 1944-48, figurou com o nome modificado para Jacoca. A Lei nº 318, de 07 de janeiro de 1949, que fixou a divisão administrativa para o quinquênio 1949-53, modificou mais uma vez, passando para Vila do Conde.

Sua emancipação política foi alcançada através da Lei nº 3.107, de 18 de novembro de 1963, instalando-se oficialmente a 28 de dezembro do mesmo ano, desmembrado de João Pessoa e formando um único distrito, o da sede, com o nome simplificado para Conde. O Primeiro Prefeito, nomeado no ato de criação da cidade (1963 a 1964) foi Antônio de Souza Maranhão, sucedido na ordem que segue:

1965 a 1968 – Prefeito: João Gomes Ribeiro / Vice: Jeranil Lundgren Corrêa de Oliveira
 1969 a 1972 – Prefeito: Almir Machado Corrêa de Oliveira / Vice: Venâncio Viana de Medeiros.
 1973 a 1976 – Prefeito: Antônio de Souza Maranhão / Vice: João Batista de Carvalho
 1977 a 1982 – Prefeito: Aluísio Vinagre Regis – Vice: Antônio de Souza Santos Júnior
 1983 a 1988 – Prefeito: Antônio de Sousa Santos – Vice: Antônio de Souza Maranhão
 1989 a 1992 – Prefeito: Aluísio Vinagre Regis – Vice: Temístocles de Almeida Ribeiro
 1993 a 1996 – Prefeito: Temístocles de Almeida Ribeiro – Vice: Arleide Azevedo A. da Silva

1997 a 2000 – Prefeita: Arleide Azevedo Almeida da Silva – Vice: Nilton Tavares Vieira
2001 a 2004 – Prefeito: Temístocles de Almeida Ribeiro – Vice: José Arari Lacerda
2005 a 2008 – Prefeito: Aluísio Vinagre Regis – Vice: Elvira Maria Alexandre da Silva
2009 a 2012 – Prefeito: Aluísio Vinagre Regis – Vice: Quintino Regis de Brito Neto
2013 a 2016 – Prefeita: Tatiana Lundgren Corrêa de Oliveira – Vice: Alessandra da Silva Ribeiro
2017 a 2020 – Prefeita: Márcia de Figueiredo Lucena Lira – Vice: Temístocles Ribeiro Filho.
2021 a 2024 em andamento - Karla Pimentel Regis- Vice: Dedé Sales. (INVENTÁRIO CULTURAL, 2020, p.55)

Conseqüentemente, cabe destacar que, oficialmente, a cidade de Conde-PB tem seu início em plena ditadura militar, com o primeiro prefeito nomeado no ato de criação da cidade (1963-1964), que foi Antônio de Souza Maranhão, com um mandato rápido de apenas um ano. Por consequência, é importante observarmos a sequência de nomes que aparecem em nossa pesquisa, o segundo prefeito foi João Gomes Ribeiro, tendo como vice Jeranil Lundgren Correia de Oliveira, dando início ao poder territorial dos Lundgren no município, sendo o próximo prefeito o seu marido, Almir Machado Correia de Oliveira (1969-1972); os Lundgren são oriundos da Suécia, e, se instalaram no litoral de Pernambuco, e o dominaram e exploraram economicamente; posteriormente ocuparam uma região extensa, do litoral pernambucano ao litoral do Rio Grande do Norte, dominando várias cidades como, por exemplo, as cidades de Pitimbu e as cidades do vale do Mamanguape, especificamente a de Rio Tinto-PB, fazendo a manutenção colonial no litoral nordestino.

Entretanto, com uma sucessiva troca de poder familiar, com resquícios das capitânias hereditárias, os Lundgren se uniram aos posseiros que já viviam no território, explorando as terras com plantações de cana de açúcar, como as que foram ocupadas pelos irmãos Nelson Pimentel e Nilsom Pimentel, o pai da atual prefeita Karla Pimentel, ex esposa do filho de Aluísio Regis, que, por sua vez, foi prefeito por quatro vezes da cidade, alternado o poder com pessoas de sua confiança, sempre se mantendo no cargo de chefe de gabinete na gestão municipal, no que resultou na tomada do poder pela sua ex esposa, Tatiana Lundgren Correia de Oliveira (2013-2016), filha de Almir Correia e Jeranil Lundgren Correia, reafirmado ainda mais o controle do território pelo sistema familiar político dos Lundgren. A única prefeita que está nessa lista, eleita pelo voto popular, e, que rompeu essa sequência do poder dos Lundgren e dos Pimentel foi a professora Márcia Lucena, que se elegeu, por um mandato (2017-2020), quebrando a hegemonia colonial das famílias Lundgren e Pimentel no território.

Sob essa ótica no território, nossa pesquisa vai destacar a luta e resistência do povo afroindígena diante de todos esses processos hegemônicos das famílias Lundgren e Pimentel, pois, todas as lutas territoriais pela conquista da terra foram contra essas famílias, conflitos que geraram memórias de resistência em um território que, em um sistema cíclico de poder, ainda

nos dias atuais, com a prefeita Karla Pimentel, mantém o ciclo de gestões familiares no município.

A cidade de Conde é conhecida pela beleza de suas praias, como a praia do Amor, praia de Jacumã, praia de Carapibus, praia de Tabatinga, praia de Coqueirinho, praia de Arapuca, praia de Tambaba. O que muita gente não sabe é que, além de belas praias, esse município é um território fértil, também, em sua diversidade cultural e nas lutas pela conquista dos territórios. Vejamos a imagem a seguir, que apresenta um protesto por terra em 2020:

Imagem 7: Protesto pela luta da terra em Conde-PB



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde/2020)

Foi levantado pelo Inventário Cultural (2020) que, além da inegável beleza de sua paisagem, o que mais enriquece esse município são as pessoas que vivem no território. A história de Conde está diretamente relacionada com a luta de seu povo pela terra e pela soberania alimentar e a bandeira da luta pela terra é garantir condições para que a cultura, que durante muito tempo foi silenciada e perseguida pelos usurpadores da terra, possa ter solo fértil para construir a constante resistência. Para garantir cultura, é necessário primeiro garantir a manutenção do território. A bandeira de luta pela terra também está presente entre os Tabajaras, que, desde 2006, lutam pelo reconhecimento de suas terras enquanto território indígena. Nas bases da História Oral de Conde, foi constatado, pelo Inventário Cultural, que o território que corresponde às Sesmarias de Jacoca foram doadas no séc. XVII, em 1614, aos indígenas da Aldeia da Jacoca, de acordo com documentos históricos, a exemplo da Carta Topográfica das Sesmarias de Jacoca e pareceres antropológicos, a exemplo do Relatório Tabajara. Esses documentos indicam que os indígenas viviam aldeados e teriam lutado na guerra de conquista

da Paraíba, aliados aos portugueses contra os Potiguaras. Esses indígenas, os Tabajaras, reivindicaram suas terras até os dias atuais, tendo sempre a ameaça dos empresários do ramo imobiliário.

Os documentos também trazem indícios que, nesse período, já havia conflitos entre brancos e indígenas pelas terras das Sesmarias. O município de Conde está localizado a uma distância aproximada de 26,5 km da capital paraibana, João Pessoa, com uma população estimada em 25.010 habitantes, segundo os dados do IBGE (2020).

Imagem 8: Mapa do município de Conde - PB



Fonte: Cabral (2022)

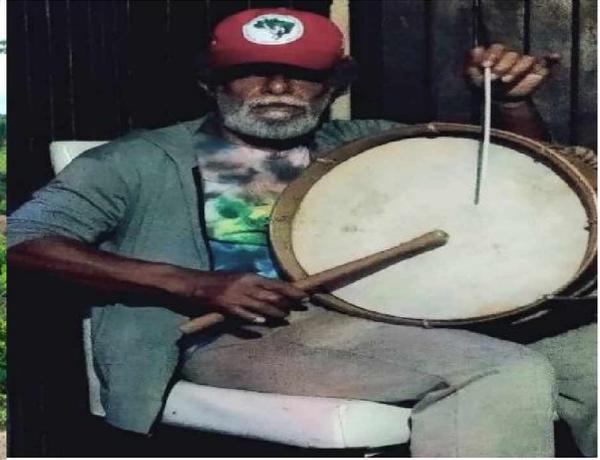
Segundo o levantamento do Inventário Cultural (2020), seus habitantes estão distribuídos entre os 12 (doze) assentamentos, 3 (três) quilombos, 3 (três) aldeias indígenas e loteamentos. Além das ocupações que ainda não conseguiram o título de posse, como a comunidade Capadócia, por exemplo, e uma terceira Aldeia em formação, situada próximo ao Assentamento Tambaba. De acordo com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que é o Instituto responsável pela garantia da reforma agrária no nosso país, os assentamentos são unidades agrícolas independentes entre si, conhecidas por “Parcelas”, que outrora pertenceram a um único dono e que foram redistribuídas para famílias que não possuíam suas terras para viver, garantindo os direitos de um povo a exemplo da imagem que segue, trazendo a força da agricultura familiar, tendo como lema nos movimentos sociais especificamente do MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, “se o campo não

planta a cidade não janta”. É no ambiente rural que está a história oral do povo que planta, pesca, toca e canta, como podemos observar nas imagens seguintes:

Imagens 9 E 10: A Agricultura Familiar no Assentamento Dona Antônia e O Artista Popular Nito



Fonte: Acervo pessoal do Autor (Conde/2021)



Fonte: Monalisa Andrade (Conde/2020)

O Inventário cultural destaca que os 12 (doze) assentamentos contam com áreas comunitárias construídas, as associações de moradores, igrejas e espaços de sociabilidade para toda a comunidade, sendo eles denominados de: Garapú, Rick Charles, Frei Anastácio, Guaxinduba, Barra de Gramame, Dona Antônia, Capim Açú, Mata da Chica, Gurugi, Tambaba, Ipiranga e Paripe, destacando que todos esses territórios foram conquistados pela luta da Reforma Agrária, com muito suor, lágrimas e sangue de um povo que tem em sua ancestralidade bem próxima a memória opressora da escravidão. Espera-se que, com a contribuição da História Oral das pessoas, se possa dar voz a memória popular.

O processo de colonização, segundo Laurentino Gomes em sua obra *Escravidão, volume I* (2019), a respeito do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, afirma que o território brasileiro foi fortemente marcado pela escravidão e exploração da mão de obra negra e indígena. Vale destacar a linha do tempo feita por Gomes (2019) para termos uma noção do micro para o macro e do local ao global, para podermos compreender a conjuntura territorial e compreender, também, como a população negra costumava se reunir em unidades territoriais para organizar suas fugas e rebeliões contra os senhores de engenho e capitães do mato e, também, para manter vivas suas crenças e tradições. Há a seguinte *linha do tempo* na obra do referido autor, com acontecimentos “que marcaram a história do Brasil e do mundo” (GOMES, 2019, p.11):

1444 - Registro do Primeiro Leilão de Africanos escravizados em Portugal;
1454 - Publicação da Bíblia em Livro impresso na Europa;

- 1455 - Papa Nicolau autoriza os Portugueses a escravizar os infiéis entre Marrocos e a Índia;
- 1456 - Os portugueses chegam ao Arquipélago de Cabo Verde;
- 1484 - Início da colonização da Ilha de São Tomé;
- 1492 - Chegada de Cristóvão Colombo à América;
- 1494 - Tratado de Tordesilhas, Portugal e Espanha e a divisão do Mundo entre si;
- 1498 - A esquadra de Vasco da Gama chega a Índia;
- 1500 - Em 22 de Abril, Pedro Álvares Cabral chega a Bahia, nesse momento um cavalo árabe vale entre quinze a vinte escravos;
- 1503 - Início oficial do tráfico de africanos para os domínios espanhóis na América;
- 1511 - Anau Bretoa chega a Portugal levando papagaios, peles de onça pintada, toras de Pau Brasil e 35 índios brasileiros cativos;
- 1515 - Leilão de 85 índios brasileiros escravizados em Valência, na Espanha;
- 1530 - Martin Afonso de Sousa dá início a colonização do Brasil;
- 1534 - O Brasil é dividido em capitanias hereditárias e a criação da Companhia de Jesus por Inácio de Loiola;
- 1535 - Engenhos começam a funcionar em Pernambuco e início da chegada dos primeiros africanos no Brasil;
- 1549 - Chegada dos jesuítas no Brasil;
- 1549 - Fundação da cidade de São Paulo;
- 1554 - Fundação da cidade do Rio de Janeiro;
- 1585 - A população do Brasil é de 60 mil habitantes sem contar os índios;
- 1600 - No Brasil epidemias de varíola dizimam dezenas de milhões de índios;
- 1612 - Os franceses invadem São Luís do Maranhão;
- 1630 - Após um ataque frustrado à Bahia, os holandeses ocupam Pernambuco;
- 1654 - Os holandeses são expulsos do Recife;
- 1660 - Criado em Londres a Royal African Company (RAC) que teria o monopólio de tráfico de escravos na Inglaterra;
- 1695 - Depois de quase um século de resistência, o Quilombo dos Palmares é destruído em Alagoas e a cabeça de Zumbi dos Palmares é exibida em um poste no Recife;
- 1700 - A população brasileira é estimada em 300 mil habitantes.

Continuando a linha do tempo, Saviani (2013, p. 49) destaca:

- 1759 - Institucionalização da pedagogia jesuítica ou *Ratio Studiorum*;
- 1837 - Primeira lei de educação: negros não podem ir à escola;
- 1850 - Lei das terras: negros não podem ser proprietários;
- 1871 - Lei do Ventre Livre, onde quem nascia de uma escrava poderia ser considerado livre;
- 1885 - Lei do Sexagenário - quem sobrevivesse até essa idade poderia ser considerado livre;
- 1888 - Abolição após 388 anos de escravidão;
- 1890 - Lei dos vadios e capoeiras, faziam rodas de capoeira e perambulavam pelas ruas, sem trabalho ou residência comprovada, iriam para cadeia;
- 1968 - Lei do Boi: a lei de cotas para os brancos, foi para filhos de donos de terras, que conseguiram vaga nas escolas técnicas e nas universidades;
- 1988 - Nasce nossa Atual Constituição Federal;
- 2001 - Conferência de Durban, realizada pela Organização Nações Unidas na Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, o Estado reconhece que terá que fazer políticas de reparação e ações afirmativas;

2003 - Lei 10639 - estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”;

2009 - 1ª Política de Saúde da População Negra. Que prossegue sendo negligenciada e violentada;

2010 - Lei 12.288 - Estatuto da Igualdade Racial. Em um país que se nega a reconhecer a existência do racismo;

2012 - Lei 12.711 - lei de cotas nas universidades. Publicada em 29 de agosto, decreta que todas as instituições federais de ensino superior devem reservar, no mínimo, 50% das vagas para alunos de escolas públicas.

Foi a partir dessa Lei nº 12.711, que o Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB cria em 07 de outubro de 2016 a resolução nº 58/2016, que dispõe sobre ações afirmativas na Pós-graduação *Stricto Sensu* da UFPB para candidatos autodeclarados e oriundos da população negra, povos indígenas, povos e comunidades tradicionais e pessoas com deficiência.

Com todas as informações dessa linha do tempo, cabe destacar que a partir da Constituição de 1988 e da promoção da diversidade cultural e valorização das culturas de origem afroindígenas surge, no dia 22 de agosto de 1988, a Fundação Palmares, com a finalidade de promover e construir políticas públicas que assegurem o direito e valorização das expressões artísticas e culturais da população negra do Brasil.

No município de Conde, existem 03 (três) comunidades formadas por pessoas negras, que se autorreconhecem enquanto comunidades quilombolas, mantendo vivas suas crenças e tradições, são elas: Gurugi, Ipiranga e Mituaçu. A luta pela terra e a formação de um território em aldeias indígenas, quilombos e assentamentos caracterizam o território de Conde, que traz, em sua formação e na memória de seu povo, um valoroso histórico de lutas pela busca dos direitos do povo sobre a terra, que, há bastante tempo, tem sido distribuída de forma injusta.

A distribuição é importante porque se trata da moradia e, na maioria dos casos, meio de subsistência, por meio da agricultura, do trabalho dos moradores locais. A luta pela terra não representa apenas a busca de um pedaço de terra para viver, plantar e colher. A posse de um território representa, também, a continuidade cultural de um povo, de suas crenças, tradições, de seus saberes, da celebração de suas festas, do seu lazer. Garantir o território é garantir a existência cultural de um povo. O Conde tem uma história de luta pela terra que se relaciona com a reforma agrária e a resistência do povo que mora no campo, com enfoque nos Quilombos, Assentamentos e Aldeias Indígenas, uma vez que houve um processo de desapropriação agrária no território. Como consta no Inventário cultural (2020), a formação do Assentamento Tambaba, que está localizado na APA (Área de Preservação Ambiental) de Tambaba, é um dos

seis assentamentos rurais que existe na região. Ele tem, como particularidade, a proximidade do mar. O assentamento é resultado da luta pela terra.

Destaca-se, também, pelo Inventário Cultural, a história do Assentamento Tambaba, que tem seu marco na ocupação da Fazenda Tambaba, de propriedade de Henio Sá Leitão, por 62 famílias com o apoio da CPT (Comissão Pastoral da Terra), em 04 de agosto de 1986. A CPT é um movimento que antecede o próprio MST, e que foi citado algumas vezes por nossos entrevistados, como seguem as afirmações:

A CPT foi o órgão que mais participou aqui, de tudo a CPT estava de dentro. Ajudou a gente demais, demais mesmo (E8, 2022).

A Arquidiocese da Paraíba, que dava apoio pra gente, de vez em quando nos visitava, celebravam missa, e, procuravam saber o que a gente tava querendo, orientavam de como a gente deveria se comportar, e tinha, também, a participação e orientação da CPT, a Pastoral da Terra (E10, 2022).

Recebemos o apoio do representante da CPT, hoje deputado Frei Anastácio, na época, era representante da CPT; eu pensei que a CPT podia nos esquecer, mas não aconteceu isso (E10, 2022).

O referido Inventário mapeou, ainda, o Assentamento Garapú. Antigamente, a região desse assentamento pertencia a um único dono, José Santos Filho. Era conhecida por Fazenda Garapú, possuindo um terreno de 2.200 hectares de terra. Nesse território residiam várias famílias de agricultores que haviam negociado com o proprietário o direito para plantar e colher, em pequenos pedaços de terra. Em contrapartida, dariam sua força de trabalho. Foi destacado pelo Inventário Cultural que os conflitos na fazenda tiveram início quando José Santos Filho vendeu a propriedade e o “novo dono” começou a destruir as lavouras dos agricultores para plantar bambu. Os agricultores se organizaram e enviaram uma carta à FETAG (Federação dos Trabalhadores e Agricultoras Familiares do Estado), em 1974, denunciando o proprietário. Após vários conflitos, a fazenda Garapú foi desapropriada em 3 de junho de 1976. No entanto, a medida não foi suficiente para que os conflitos cessassem, pois, o antigo proprietário continuou destruindo as lavouras e plantando bambu. Diante desta situação, o INCRA foi acionado, mas, ainda assim, não conseguiram solucionar o problema por completo.

Outro território levantado pelo Inventário cultural foi o Assentamento Rick Charles. O documento explica que de acordo com relatos de alguns moradores e com dados encontrados em referências científicas de estudos mais aprofundados, todo o território que hoje corresponde ao assentamento pertencia a um único dono, o pernambucano Pedro Cavalcanti de Arruda Filho. Após dez anos de conflito, o governo da Paraíba tomou posse das terras no ano de 1992, mediante o INTERPA (Instituto de Terras da Paraíba). Seguindo o levantamento do Inventário

Cultural, há, também, o Assentamento Paripe. Ao ouvir as informações dos moradores locais, o Inventário Cultural registra que a região que corresponde ao assentamento Paripe foi desapropriada no ano de 1982, no mesmo período em que ocorreram os conflitos agrários em Gurugi 1. Não se sabe ao certo a origem do nome, mas acredita-se que foi usado para fazer referência à antiga fazenda Paripe.

Outro assentamento que merece destaque no Inventário cultural, é o Assentamento Frei Anastácio, que surge do movimento de ocupação da antiga fazenda Boa Vista. A escolha do nome faz referência ao Frei Anastácio, ex-deputado federal do PT (Partido dos Trabalhadores), liderança religiosa de bastante importância na luta pela terra no município e por toda sua atuação, juntamente com a CPT (Comissão Pastoral da Terra), que deu muito apoio ao acampamento no período da ocupação. Diante disso, após o título de posse, a comunidade decidiu batizar o assentamento com o nome dele. Vejamos, a seguir, imagens do Frei:

Imagens 11 e 12: Frei Anastácio nos anos 1980, nas lutas territoriais de Conde-PB, e Frei Anastácio hoje em dia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

A imagem 11 se encontra disponível no acervo da Associação de Moradores de Dona Antônia, situado no assentamento Dona Antônia, um dos territórios onde o Coco de Roda vive. Alguns dos entrevistados relataram momentos em que presenciaram a presença do Frei Anastácio no período em que iniciaram a luta. Vejamos os relatos:

Teve um momento que o proprietário se aproximou do povo (ainda lembro como hoje), e Frei Anastácio estava conosco conversando, quando Nilson Pimentel se aproximou, para dar uma proposta para nós. Mas, o povo já estava bem esclarecido do que queria, e foi quando houve o primeiro momento com o proprietário (E3, 2022).

Tinha o Frei Anastácio, ele foi um dos que lutou muito aqui, com o pessoal, foi Anastácio, outros seguiram. Um que ficou na nossa história foi o Frei Anastácio (E7, 2022).

Eram, e eles davam palavras de força, palavras fortes que vinham deles; e, eles abriram caminhos com os conhecimentos que tinham, nos passavam esses conhecimentos e iam nos fortalecendo (E11, 2022).

O Frei Anastácio, eu sei que era franciscano. Depois, ainda veio outro grupo de padres, que colaboraram bastante conosco. Agradecemos bastante até hoje, esses padres eram da Teologia da Libertação (E3, 2022).

Frei Anastácio é que segurou o bastão da luta desde o início. Aí, veio vindo as coisas, a conquista da terra, que é um marco importante na nossa vida (E3, 2022).

O Inventário Cultural (2020) também registra que um dos assentamentos mais produtivos de Conde que, inclusive, nos dias de hoje, tem a maior parte das plantações de pés de coco do município, é o Assentamento Dona Antônia. Esse assentamento possui uma área de 1.112 hectares, dividido em 110 lotes de 5 hectares cada. Está situado entre Jacumã e Ademário Régis, sendo bastante arborizada.

Imagem 13: Dona Antônia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (s/d)

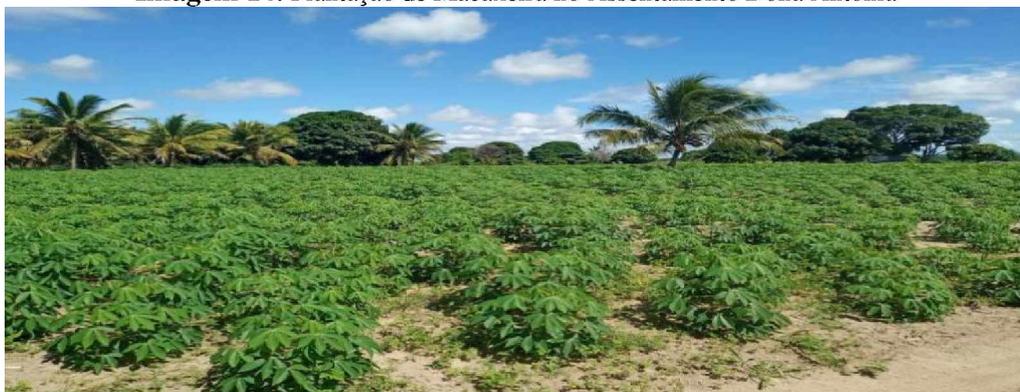
Na área comum do assentamento, encontramos a sede da associação de moradores e a capela da padroeira do assentamento, Nossa Senhora de Guadalupe. As 110 famílias que residem neste assentamento vivem quase que exclusivamente da agricultura. Vários moradores relatam que, antes das famílias garantirem a posse de suas terras, aconteceram muitos conflitos, destacando a figura de uma senhora chamada Dona Antônia, ex-escravizada, mãe, avó, uma grande referência no processo de ocupação e luta pela terra, que faleceu aos 117 anos na luta, antes mesmo de receber seu lote de terra. Diante disso, a comunidade batizou o assentamento com o nome dela, como uma homenagem, conforme uma das falas das entrevistas:

Outro marco histórico foi o nome do assentamento, Dona Antônia. Porque, Dona Antônia, uma ex-escravizada, que morreu com mais de 100 anos, sonhava com um pedaço de terra, e, quando ela chegou aqui no acampamento com a família dela. Ela não enxergava mais, mas era lúcida, ainda. Com 117 anos, já bem debilitada, um tanto frágil (...) ela morreu cerca de 05 meses após a conquista do território. Entramos em 20 de novembro, e ela morreu em maio, dentro do acampamento, e o nome do assentamento ganhou o nome dela (...) e, ela era uma ex-escravizada, estava dentro de nosso grupo, um marco histórico para nós, morreu sonhando por um pedaço de chão (E3, 2022).

Temos, também, mapeado pelo Inventário Cultural (2020), o Quilombo de Mituaçú. A localidade é composta, em sua maior parte, pela Comunidade Quilombola de Mituaçú, contudo, já houve outras ocupações e compras de terrenos circunvizinhos à área demarcada. A localidade também é conhecida como Sítio Mituaçú. O nome da localidade é derivado da palavra indígena que significa “ave grande”: o nome *Mituaçú* se trata de uma combinação de duas palavras, *mutum*, que significa um tipo de pássaro e *açu*, que significa grande, logo *mutum* mais *açu* significa um tipo de pássaro grande. Por isso, há uma relação com os povos originários da região, os Índios Tabajaras.

O Inventário cultural confirmou que existem documentos que registram o seu território há mais de 150 anos. Naquela época, era conhecido por *Mutuassú*. Mituaçú é uma das comunidades mais antigas de Conde, juntamente com os Quilombos de Gurugi e o de Ipiranga, além das aldeias indígenas de Gramame e Vitória. Foi catalogado pelo Inventário Cultural em virtude da localização próxima aos rios. A relação com atividades pesqueiras é bastante comum, tanto em relação ao mangue como a pesca de peixe, camarões, caranguejos, marisco e siri. A fonte de água corrente também possibilitou o desenvolvimento da agricultura, com destaque para o coco, a macaxeira e o inhame.

Imagem 14: Plantação de Macaxeira no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde/2020)

Imagem 15: Plantação de inhame; ao fundo, plantações de coqueiros, no Assentamento Dona Antônia



Foto: Acervo pessoal do autor (Conde/2021)

Os destaques do Inventário Cultural (2020) estão na luta do povo negro no Quilombo de Ipiranga, a partir da admissão da escravidão no Brasil, que ocorreu na primeira metade do século XVI, no período colonial português. Como resistência de práticas escravocratas, historicamente presenciamos a formação de quilombos. Muitos foram preservados, mesmo após o período de escravidão formal no país. Como representação dessa resistência dos povos de origem africana, na contemporaneidade ainda encontramos muitos territórios de origem quilombola, reconhecidos como quilombos remanescentes.

Segundo o Inventário Cultural (2020), a comunidade autorreconhecida por “Quilombo do Ipiranga”, cujo nome significa *rio de águas vermelhas*, está localizada entre o Vale do Rio Gurugi e o Vale do Rio Gramame, no Conde. A localidade conta com uma população de 130 famílias, que obtiveram a certidão de reconhecimento do Instituto Fundação Palmares no ano de 2006, de remanescentes de comunidades quilombolas, onde é plantada a maioria da produção de inhame da Paraíba.

Entre os que construíram o levantamento do Inventário Cultural, acredita-se que, antigamente, não havia demarcação de limites nas propriedades, mas, com o crescimento populacional, os limites foram sendo impostos por cercas. A história da comunidade é contada destacando a forte relação ancestral, considerando uma terra de herdeiros dos primeiros moradores, em sua maioria, ex-escravizados, que ocuparam aquele território e deram início aos processos de povoação, a exemplo das duas mulheres negras, Torquata e Silvér, consideradas, pelas lideranças locais, como as primeiras moradoras do Quilombo do Ipiranga. Sua história é marcada pela resistência do seu povo, sobretudo das mulheres fortes, que conduziram as famílias e que conduzem a cultura popular no território quilombola.

Outro grande destaque relatado pelo Inventário Cultural é o Museu Quilombola, localizado no Quilombo de Ipiranga, que veio da vontade de construir um Museu onde a história e a memória do povo quilombola pudessem ser sempre lembradas e o lugar para despertar a

importância de preservar alguns saberes, utensílios e objetos que trazem à tona toda uma vivência quilombola, possibilitando que as gerações mais jovens possam experienciar um pouco de como era a vida desses antepassados, dando visibilidade e reconhecimento para a cultura quilombola, diante disto, iniciaram a busca por objetos que contassem essa história. Toda a comunidade participou, doando objetos e utensílios para o espaço. A casa de taipa é original de construção arquitetônica quilombola do século XIX.

Imagem 16: Visita dos alunos e professores do PPGE/UFPB ao Museu Quilombola do Ipiranga



Fonte: Associação Coco de Roda Novo Quilombo (Conde/2019)

De acordo com os moradores do Quilombo de Ipiranga, o Inventário Cultural levantou que o Museu Quilombola tem um valor simbólico muito forte, por representar um mergulho na história da comunidade, a partir de uma imersão no passado, por retratar as vivências do povo quilombola. Pois, segundo o levantamento, a casa de taipa e cada objeto presente no museu remetem ao passado daquelas pessoas, se constituindo em um importante símbolo cultural e identitário. Diante disso, podemos concluir que ele tem uma importante representação social, por se constituir em um lugar de memória, que reconstrói a história da comunidade, representando um espaço de resistência, conhecimento ancestral e identidade.

Vale destacar, também, a comunidade do Amparo, registrada oficialmente como Loteamento Condessa do Vale, a localidade é conhecida popularmente como Amparo, nome da antiga fazenda que deu origem ao loteamento.

De grande destaque pelo Inventário Cultural, a conhecida Praia do Amor (localizada no Distrito de Jacumã) tem como referência mitológica a Pedra Furada, que une os apaixonados que a ultrapassam. A referida praia é um espaço das comunidades pesqueiras, onde estão os barcos ancorados à colônia de Pescadores Z9, com seu arco e formações rochosas de calcários.

Imagem 17: Praia de Jacumã em 1986



Fonte: Jornal *A União* (1986)

Imagem 18: Praia de Jacumã em 1996



Fonte: Jornal *A União* (1996)

Outro grande destaque do Inventário cultural é, sem dúvida, o Rio Gramame, pois ele é responsável por banhar 06 cidades da Paraíba e garantir a sobrevivência de mais de 700 mil pessoas. O Rio compreende os municípios de João Pessoa, Cabedelo, Bayeux e parte de Santa Rita e, ainda, as cidades de Pedras de Fogo e Conde; sua barra ou boca, como é conhecido o encontro do rio com o mar, marca a delimitação entre João Pessoa e Conde, com destaque para as suas águas profundas, o rio Gramame é responsável por grande parte da riqueza pesqueira do município.

Destacado pelo Inventário Cultural (2020), o Rio Gramame atravessa as comunidades de Conde; sendo assim, muitas vezes, para ir de uma comunidade para outra, é necessário atravessar o rio. Além disso, o Gramame proporciona uma complexa rede de economia e sociabilidade entre os pescadores e a população. Está claro, pelo Inventário, que a cultura

ribeirinha possibilita referências de localização entre a comunidade através das ‘camboas’, que são os braços do rio. Moradores se localizam pelo rio através dos portos: Porto Dedinho, Porto dos Coqueiros, Porto da Mangueira, Porto dos Quartéis e o Porto da Boca da Barra, no final de seu curso natural de beleza e riqueza para o município.

O rio também banha a aldeia indígena Tabajara, que ganha destaque por seus utensílios de cerâmica, cocares, adereços de miçangas. A Oca fica no centro da Aldeia e, é nela onde são realizadas as reuniões e as aulas da comunidade, celebrando seus rituais, a exemplo do Toré, e eventos tais como os jogos indígenas na semana dos povos indígenas, o aniversário de retorno dos povos Tabajaras para suas terras e o Grito dos Tabajaras, que acontecem anualmente durante o mês de abril. Foi levantado pelo Inventário Cultural a importância deste local para a valorização das Aldeias Indígenas, constituindo-se como um importante símbolo da identidade dos povos tradicionais da Aldeia Barra de Gramame. Atualmente, são 17 famílias aldeadas e muitas outras que moram em outras localidades no Conde e em João Pessoa, no Bairro de Mandacaru e em toda a linha do trem que beira o centro da capital paraibana, que certamente aconteceu devido à falta de demarcação da terra indígena do município de Conde.

Outros grandes acontecimentos de cultura popular levantados pelo Inventário Cultural são as Procissões e Festas do Território, a exemplo da festa de São Sebastião, que é uma celebração que envolve devoção e identidade. A tão esperada procissão do “Bastião” percorre os antigos Quilombo Gurugi e o Quilombo de Ipiranga. No entanto, sua festa acontece no pátio da Capela de São Sebastião e no seu entorno, localizada no Gurugi.

A festa, que acontece nos primeiros dias do mês de janeiro, é muito esperada por todos que fazem a agricultura familiar do município, tendo São Sebastião como o protetor do povo negro do município. O Inventário destaca a devoção à São Sebastião, que está presente na história e na memória afetiva do povo há pelo menos 70 anos. Esta tradição, segundo os moradores entrevistados pelo Inventário teve início no ano de 1948.

Outro grande destaque pouco conhecido pelo povo paraibano, mas também catalogado como expressão cultural é o Gira de Jurema, que acontece na Cidade Sagrada da Jurema, em Tambaba. Em frente às falésias, na parte que é conhecida popularmente como Praia de Arapuca. A Jurema Sagrada é uma religião afroindígena, que representa o sincretismo religioso através de um culto cheio de encantamentos com símbolos de pajelança, catolicismo, candomblé e feitiçaria, onde se reúnem pessoas vindas de vários lugares da zona da mata nordestina.

A história da Jurema Sagrada, no Brasil, segundo o Inventário Cultural, tem seu início no século XVI, de forma clandestina, sendo característica peculiar do Nordeste Brasileiro. Característica da diversidade cultural nordestina, os cultos da Jurema sobrevivem até os nossos

dias e representam muito o povo nordestino, esses cultos são denominados *Jurema de chão*, *Toque de Jurema* e *Toré de Jurema*, uma manifestação extremamente importante para a preservação da cultura como, também, da fauna e da flora nordestina, pois, o culto da Jurema Sagrada é um ritual de preservação da vida e do meio ambiente, representada pela planta Jurema, esse simbolismo ultrapassa o plano físico, pois a Jurema representa um plano espiritual, metafísico de um sagrado feminino florestal. A Jurema é a árvore do mundo. E continuando com os destaques religiosos, foi catalogada a Procissão de Nossa Senhora de Guadalupe, que é uma romaria que ocorre todo primeiro domingo de dezembro, levando a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe da capela da igreja de Jacumã ao Assentamento rural de Dona Antônia.

Assim como foi inventariado por todos nós que fizemos o Inventário Cultural, temos, também, que destacar como procedimento de fé e de resistência o Toré indígena dos povos Tabajaras, como uma das maiores expressões desse povo, que marca a identidade étnica dos povos indígenas do Nordeste. Desde 2005, com a retomada do povo Tabajara no território e com o fortalecimento da identidade dessa nação indígena, o Toré vem sendo realizado como forma de culto aos seus ancestrais, buscando força do pai Tupã para que consigam resolver positivamente todas as questões internas e externas ao povo indígena do território da cidade de Conde.

Com grande destaque pelo Inventário Cultural, a Aldeia Gramame, o Toré ocorre todo último domingo do mês, na reunião da comunidade, onde são discutidas questões internas e questões relacionadas aos direitos indígenas. Podendo, também, ser realizado em momentos que necessitam de uma tomada de decisão com urgência, então, realizam o Toré buscando respostas dos seus ancestrais, invocando os *encantados* em busca de sabedoria.

Outra grande manifestação de fé e de resistência registrada pelo Inventário Cultural (2020) é a missa em memória ao Zé de Lela e Dona Bila, que é uma celebração de homenagem a duas grandes lideranças do Gurugi, referências na luta pela terra, que foram assassinadas nos conflitos agrários que ocorreram na década de 1980. O Inventário cultural levantou a marcante covardia dos milicianos rurais da cidade de Conde que, naquela época, diante do cenário hostil que a comunidade do Gurugi vivia, uma série de conflitos foram intensificando a mobilização da comunidade, que não aceitavam mais tanta violência contra seu povo. O crime se tornou o estopim da revolta, o cruel assassinato de Zé de Lela, em 28 de dezembro de 1988. José Avelino, um dos principais nomes na organização do movimento de luta pela terra, foi brutalmente assassinado na frente de sua casa, deixando esposa, Dona Lela, e 10 filhos.

Foi registrado pelo Inventário Cultural que, após este episódio da história do Gurugi, os moradores se mobilizaram, organizando protestos para denunciar o caso e lutar por justiça. Em

uma dessas mobilizações, 3 meses após o assassinato de Zé de Lela, no dia 30 de março de 1989, os agricultores foram protestar em frente ao Fórum de Alhandra, no julgamento do assassino de Zé de Lela. E foram surpreendidos por um carro desgovernado, onde estavam os milicianos rurais da fazenda e Severino Mariano, onde foram atropelados 28 agricultores, deixando vários feridos, e uma vítima fatal, dona Severina Rodrigues, conhecida por Dona Bila. Após essas inestimáveis perdas de duas grandes referências no processo de luta pela terra em Gurugi, a comunidade resolveu realizar duas missas, uma em homenagem a Zé de Lela e outra em Homenagem à Dona Bila, para lembrar a importância desses companheiros de luta que perderam suas vidas em prol de uma causa maior, que é lembrada no Memorial das ligas camponesas, no município de Sobrado, vizinho à cidade de Sapé.

Outro ponto forte de Jacumã é a sua festa de carnaval, pois o Conde é uma cidade carnavalesca, que atrai os turistas foliões para brincar e se divertir nessa festa. No carnaval é onde acontecem namoros e paixões, uma atividade social intensa e carregada de afetos e memórias. O carnaval de Jacumã é conhecido em toda a Paraíba e, porque não dizer, em todo o Brasil, contando, também, com a participação de estrangeiros, que anualmente vem se divertir e fazer turismo em Jacumã nesse período.

Imagem 19: Nosso Bloco da Burrinha homenageando mestres e mestras do Coco de Roda



Fonte: Coletivo Bloco da Burrinha (Conde/2019)

O Inventário Cultural (2020) afirma, claramente, que o Carnaval de Conde é festa de forte aderência popular, constituindo-se como um importante símbolo da nossa identidade nacional. A festa se expressa em diversas localidades do município, legitimada como uma importante celebração no calendário festivo de Conde. O documento destaca que o carnaval oficial de Conde tem início com o desfile dos Blocos, que acontece na avenida central de

Jacumã, a Ilza Ribeiro, que não deixa ninguém parado, agitando as pessoas com o som envolvente das marchinhas de frevo e dos ritmos atuais da juventude, seguindo a festa para o palco da Praça do Mar, restaurada na gestão da prefeita Márcia Lucena, onde, nos tempos de outrora, havia no local uma quadra de esportes, chamada popularmente de “quadra de Jacumã”, que, por muito tempo, foi o espaço da concentração dos trios elétricos, da festa, com as apresentações das bandas e dos grupos de diferentes estilos musicais.

É por isso, também, que podemos destacar a Cultura Popular como uma marca forte do carnaval do município de Conde, onde os diferentes se encontram e coexistem, brincam a festa com toda a sua multiplicidade de ritmos, sons e brincadeiras como a do Coco de Roda.

A festa já começa na praia, foliões, turistas, moradores das redondezas e grupos de amigos se organizam, cada um com sua caixa de som, numa polifonia musical e fazem suas festas, com comidas, bebidas e muita música. Várias famílias começam seu dia nas areias de Jacumã e, é muito comum encontrar churrasqueiras nos momentos de divertimento na praia. No final do dia, os banhistas voltam para suas casas ou onde estão hospedados e se preparam para os shows na Praça do Mar. Cabe destacar que o Inventário Cultural afirma que muitos foliões saem da praia direto para os blocos, que se concentram no início da Avenida Ilza Ribeiro. Já outros preferem fazer a festa na frente de suas casas, com aparelhos de som, bebidas, churrascos e agregando outras pessoas. A Avenida Ilza Ribeiro, principal via de Jacumã e onde está concentrada a maioria dos comércios, vira passarela para os vários blocos que desfilam nos quatro dias de festas.

Imagem 20: Bloco da Burrinha na avenida



Fonte: Monalisa Andrade (Conde/2019)

O Inventário Cultural também serve de registro para as futuras festas de carnaval, como este pontua, os locais de concentração dos desfiles acontecem na altura da Colônia dos Pescadores, logo na entrada de Jacumã. No carnaval de 2019 passaram pela avenida o Bloco das Calungas, Bloco das Oliveiras, Bloco Virgens de Jacumã, Bloco O Caderudo, o nosso Bloco da Burrinha, Bloco Boca de Litro o Bloco Bug Folia. Houve, ainda, o desfile da Escola de Samba Império do Samba, que encerrou as comemorações ocorridas na avenida, na terça-feira de carnaval. Houve, também, “Carnaval de Poesia”, que homenageou os poetas paraibanos Ariano Suassuna, Augusto dos Anjos, Geraldo Vandré, Sérgio Castro Pinto e as poetas Anayde Beiriz e Violeta Formiga. No carnaval de Jacumã também já passaram artistas como Lia de Itamaracá, Margareth Menezes, Cidade Negra, Chico César, Siba Veloso, Totonho, Escurinho, Cida Alves, Zé Guilherme (*in memoriam*), entre outros.

Imagem 21: Zé Guilherme e Alex Madureira



Fonte: Rede Social (2017)

É importante ressaltar que, além dos blocos que desfilam nesta avenida, existem muitos outros que abrilhantam e encantam o carnaval de Conde, distribuídos por todo o seu litoral e centro, a exemplo dos Blocos: Virgens da Pousada no bairro da Pousada; Bloco do Nandão na praia Tabatinga; Marujos do Amor, no bairro do Village; Curicas e Curicos em Carapibus; e, o Bloco Descabaçadas, no Centro da cidade de Conde. Outro grande destaque foi o Festival de Jazz de Jacumã, em sua primeira edição, estavam presentes o multi-instrumentista Hermeto Pascoal, com a abertura do Coco Novo Quilombo, da comunidade quilombola do Ipiranga e o compositor Hamilton de Holanda, Parahyba Ska Jazz Foundation, com a abertura da Ciranda da Alegria, do assentamento Dona Antônia, tendo em sua segunda edição a banda pessoense Néctar do Groove e a Orquestra Brasileira de Música Jamaicana, o pianista Amaro Freitas, Abdias e a banda de Pife Avuô, momentos que, com certeza, ficaram na memória de todo o povo da Cidade de Conde.

Outro lugar de destaque do Inventário Cultural é a colorida Rua do Sol, um dos principais pontos de encontro do carnaval, fazendo a conexão entre a Avenida Ilza Ribeiro e a Praça do Mar, onde se concentra a feira de artesanato e o Beco da Boemia, com opções de bares, restaurantes e comércio ambulante, onde todo o povo se encontra para dançar os brega funks e “passinhos”, fenômeno da dança e da música que é bastante presente nos carnavais de Jacumã. Outra grande manifestação da cultura popular oficialmente registrada pelo documento é a ‘Barqueata’, uma celebração que acontece em dias anteriores ao Dia de Reis 06 de janeiro, onde a imagem de Nosso Senhor do Bonfim é levada à Igreja de São João Batista, em Jacumã.

A Manifestação da Cultura Popular, aliada à procissão é feita no mar, com barcos dos pescadores, por isso se chama “barqueata”. Há relatos de que o festejo acontece desde meados do século XX. A Igreja de Nosso Senhor do Bonfim está localizada no município de Pitimbu, vizinho à Conde. Já a Igreja de São João Batista está em Jacumã. A tradição da cultura popular da Barqueata e uma celebração e vem sendo realizada pelos seus fiéis.

Diante dessa manifestação da Cultura Popular, o inventário cultural destaca que os pescadores saem de Jacumã em direção a Pitimbu para buscar Nosso Senhor do Bonfim na paróquia de Pitimbu, levando a imagem do santo para visitar seu primo, São João Batista, em Jacumã. Após quinze dias, ocorre outra barqueata, desta vez de Pitimbu para Jacumã, para buscar a imagem do Nosso Senhor do Bonfim e a levar para a paróquia, integrando aos festejos relacionados à festa do padroeiro, em Pitimbu. E, com isso, fechando um laço de Cultura Popular entre os dois municípios.

Os pescadores afirmaram para o Inventário Cultural que, nos últimos anos, a tradição perdeu um pouco de sua força e, com isso, poucos barcos saem em direção a Pitimbu para

buscar o santo. Eles contaram que, em alguns anos, chegaram a sair cerca de 35 barcos. Os pescadores relatam, com muita nostalgia, os tempos de outrora, em que a Barqueata fazia parte dos festejos do dia de Reis com a união do movimento religioso com o profano. Costumava atrair um público bastante diversificado e, assim, “Há notícias de batuques e danças ao som de tambores que podiam ser ouvidos a quilômetros de distância” (GOMES, 2019. p. 409) contemplando todas as gerações. Era realizada a missa logo cedo e todos saíam em direção a Pitimbu para buscar o santo. Após a volta, sempre havia muita animação com Coco de Roda, Ciranda, onde o sagrado e profano andam juntos; a festa e a devoção acontecem em alto mar, repleta de alegria e fé, para celebrar a busca do Nosso Senhor do Bonfim. Foi registrado pelo Inventário Cultural uma tradição forte que no dia 4 de janeiro acontece uma celebração com as raízes na cultura popular, com transformações com o passar do tempo.

A cidade de Conde tem uma forte cultura náutica, por ter um porto na praia do Amor e por conta da conexão com o rio Gramame e a Barra do Graú, que fazem os limites do município com os outros rios que cortam o município e a cultura popular está alinhada ao Santo São Pedro e a toda narrativa que envolve o referido santo, considerado como o padroeiro dos pescadores. A festa de São Pedro é uma celebração bastante antiga, celebrada no dia 29 de junho, fazendo parte dos festejos juninos, na região do Nordeste e, há pelo menos 40 anos, é festejado na Colônia de Pescadores. Essa festa surgiu com a iniciativa de alguns pescadores que sentiam a necessidade de comemorar o dia de São Pedro, na tradição católica.

O Inventário Cultural apontou e nós apuramos que, durante todos esses anos, a celebração passou por algumas transformações. Inicialmente, a festa era realizada por um pequeno grupo de pescadores, que se encontravam logo cedo na praia de Carapibus para celebrar o dia do padroeiro e agradecer a proteção e as graças alcançadas. Ao final do dia, os pescadores saíam em uma procissão marítima em direção à praia de Jacumã, finalizando a celebração com muito Coco e ciranda, pois, como disse Ayala (2015, p. 39), “Estes elos podem ser encontrados no interior de mais de uma manifestação, como é o caso de uma mesma letra ser cantada ora no coco, ora na ciranda”, na beira do mar, e esse momento é de extrema importância para nossa tese, pois, foi nesse encontro que os pesquisadores Marcos Ayala e Ignez Ayala registraram o material de áudio de vídeo sobre o Coco de Roda.

Nossa observação participante junto ao Inventário Cultural destaca que os pescadores vão chegando e encostando suas embarcações. Cada participante leva uma contribuição para a festa, seja comida ou bebida. Os pescadores passam o dia na praia de Carapibus, dançando, brincando. Por volta das 15h se organizam e saem em procissão marítima até a praia de Jacumã.

Outra grande manifestação da cultura popular, realizada pelo povo de Conde e registrada pelo Inventário Cultural é a Festa de Santo Antônio, realizada na capela Santo Antônio, padroeiro do Assentamento Tambaba, em comemoração ao seu dia. A capela foi inaugurada no dia 13 de junho de 2003, já que na tradição católica é celebrado o dia de Santo Antônio. Neste dia, a comunidade realiza novenas, procissão e missas para a grande conquista que foi a construção da capela onde os fiéis pudessem realizar suas missas, terços, novenários e a procissão do padroeiro. Após a inauguração, todo dia 13 de junho é realizada a festa do padroeiro no assentamento. Além das celebrações religiosas, também é organizada uma festa com apresentações de trio pé de serra, de quadrilhas juninas, capoeira, bandas de forró local como a banda Forró do Nosso Jeito, da cidade de Conde, com a comercialização de bebidas e comidas típicas, animando os moradores do assentamento de Tambaba e dos territórios circunvizinhos.

Outro grande destaque de fomento de Cultura Popular inventariada da cidade é o São João Tradicional, com relevância e respeito às tradições do forró e suas matrizes e toda a estética correspondente. As festividades juninas fazem parte da tradição do município e tem a perspectiva de promover, além da manutenção da tradição da Cultura Popular como o entretenimento necessário para a população, que proporcionam bem-estar; e, ainda, pela necessidade de desenvolvimento de ações continuadas para a promoção e incentivo à cultura, ao turismo e à economia solidária.

Fizemos juntos, como a equipe do Inventário Cultural uma pesquisa participante com a organização de *lives* pela lei Aldir Blanc de apoio à cultura popular em tempos de pandemia, seguindo todos os protocolos de segurança, organizamos os eventos de preparação e produção de conteúdo junto com a Ciranda da Alegria da comunidade de Dona Antônia, com uma aproximação orgânica no território, pela importância do território na nossa pesquisa, pelo fato da maioria das plantações de coco da cidade de Conde se encontrarem no território, e onde, também, se encontram as relações de trabalho, e, por acompanhar as ações da associação da comunidade, além de colaborar com a organização dos eventos da Ciranda da Alegria e, com isso, chegando às conclusões que a Ciranda é uma forma de expressão de origem afroindígena bastante presente na região Nordeste do Brasil, que envolve dança e música. Seus participantes dançam em movimento circular, formando uma roda, que pode ser grande ou pequena, dependendo do número de participantes e do espaço onde a expressão está sendo realizada, com movimentos que seguem o ritmo lento e repetitivo da zabumba, caixa e ganzá.

Imagem 22: Reunião de organização de evento para o Inventário Cultural



Fonte: Associação de moradores (Conde/2019)

Na imagem 22 se encontram, da esquerda para a direita, a Mestre Ana do Coco segurando um ganzá; a Mestre e presidenta da associação de moradores de Dona Antônia Rosilda; e, segurando uma caixa, o músico e Artista Popular Fabrizio Formiga, e, por último, com a zabumba em mãos, o autor desta tese. Todos reunidos para organizar os eventos de gravação das lives para a Lei Adir Blanc, para contribuir com o Inventário Cultural 2020.

Foi relatado ao Inventário Cultural que os participantes unem os braços e se movimentam em passos lentos, para frente e para trás. Dona Rosilda, mestra da Ciranda da Alegria, nos conta que esta tradição faz parte da ancestralidade presente nos quilombos e assentamentos. Rosilda contou que, inicialmente, foi formado um grupo de idosos na comunidade, que se reuniam para socializar, passar o tempo, pensar em melhorias para o assentamento, pois assim como o Coco de Roda Novo Quilombo, a ciranda também é uma forma de resistência popular.

Quando nos referimos a essas duas manifestações de música, canto, poesia e dança, é preciso lembrar que estamos diante de duas brincadeiras que, em geral, são encontradas juntas, pois, no decorrer do coco, também se dança a ciranda (AYALA, 2015, p.39). Ao sentirem a necessidade da prática de alguma atividade onde eles pudessem movimentar o corpo e explorar a criatividade da mente, decidiram, a partir de uma votação entre todos os integrantes, fundar um grupo de ciranda. Rosilda revela que a predileção pela ciranda se manifestou devido à presença de integrantes oriundos de outras localidades, tais como Pernambuco e Gurugi, onde esta expressão cultural se torna mais presente.

A partir deste momento, as reuniões dos idosos tornaram-se ainda mais alegres, agregando nesses encontros outros moradores do assentamento de diferentes faixas etárias, que se sentiram atraídos pela ciranda, seja para dançar ou admirar. A ciranda foi atingindo outras

dimensões na comunidade, extrapolando as fronteiras do assentamento Dona Antônia, proporcionando um intercâmbio com outros grupos de cultura e admiradores de outras localidades. Isso possibilitou a participação do grupo em eventos de valorização da cultura popular.

Diante de tamanha felicidade, que a expressão cultural lhes proporcionou, decidiram batizar o grupo de “Ciranda da Alegria”, tendo em vista que o objetivo principal era promover o bem-estar social de seus integrantes, destacando a alegria como fator fundamental.

Imagem 23: Ciranda da Alegria do Assentamento Dona Antônia em apresentação para o Inventário Cultural



Fonte: Associação de Dona Antônia (Conde/2019)

As formas de expressão são aquelas referências culturais que despertam, em seus detentores, um conjunto de valores e significados, podendo atingir diversas dimensões sociais, desde situações presentes no cotidiano até celebrações que expressam a cosmovisão dessas pessoas. Em relato para o Inventário Cultural, dona Rosilda e os demais integrantes, afirmam que a ciranda significa a alegria, diversão e o ponto de encontro, dentro da comunidade. O lazer é uma dimensão importante na vida das pessoas em sociedade e a forma como estes indivíduos selecionam seus momentos de lazer também diz muito sobre este grupo social.

Segundo foi observado por nós e pelos integrantes do Inventário Cultural no dia da gravação da *live* para a programação da Lei Aldir Blanc, a ciranda começa com a entrada dos tocadores. Na sequência, forma-se a roda em torno deles. A música de abertura inicia a brincadeira, seguida de outras músicas. As cirandeiras começam a movimentar a roda, de mãos dadas com passos lentos e contínuos, com movimentos de vai-e-vem marcando o passo no ritmo da zabumba, caixa e ganzá. Os movimentos da ciranda se assemelham aos movimentos das ondas do mar, indo ao centro da roda e recuando, como o fluxo e refluxo do mar. A mestra da

ciranda conduz a cantoria, puxando as músicas, enquanto que as cirandeiras acompanham e cantam na sequência, um formato que se assemelha a um jogo de pergunta e respostas, onde a mestra faz a parte solo, e as cirandeiras acompanham, respondendo em coro, acompanhando o ritmo dos instrumentos. Da metade para o fim, é liberada a participação do público na roda, finalizando com a música de despedida.

Para todos nós, que construímos o Inventário Cultural, a Ciranda da Alegria é uma forma de expressão de origem afroindígena bastante presente na região Nordeste, que envolve dança e música. Seus participantes dançam em movimento circular, e, assim como o Coco de Roda, também são manifestações musicais de crítica ao mundo do trabalho, que sempre acontecem depois da colheita do coco.

Imagem 24: Colheita do coco chamado “Costa do Marfim”



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde/2020)

Outro grande destaque de influência africana, confirmado no território de Conde, registrado por todos nós que fizemos o Inventário Cultural foi também a capoeira, uma forma de expressão que tem sua tradição fundada na cultura afro-brasileira. A sua origem está ligada à resistência cultural das populações africanas trazidas como escravos para o Brasil colonial. Difundiu-se, pelo mundo, demonstrando a riqueza que o caldeirão cultural brasileiro é capaz de produzir.

A capoeira, em si, é uma prática de luta, que foi criada no Brasil, não se sabe ao certo se foi na Bahia, Maranhão, Pernambuco ou Rio de Janeiro, lugares onde há maior concentração de negros no Brasil, pois, a prática da capoeira só deixou de ser crime e passou a ser liberada no período de Getúlio Vargas. Anterior a isso, a capoeira era praticada na ilegalidade como forma de resistência e de luta contra a opressão clandestinamente, nas casas de religião de matrizes africanas (GOMES, p 68, 2019)

No município de Conde, a capoeira começou a ser praticada em 1994, no Gurugi, sendo trazida para este território pelo instrutor Bitá, na modalidade regional. No ano de 1996 passou

a ser praticada em Jacumã. Foi trazida pelo mestre Chico Viola, que introduziu a modalidade Angola no município. Em 1998 a capoeira regional deixou de ser praticada no Gurugi.

Em 2001 houve um projeto de capoeira para o Centro de Conde, impulsionado por Ana, Lenita, Lucilene (vereadora do PT na época). Nele, a capoeira na modalidade Angola ganhou visibilidade no município. Isso fortaleceu o envolvimento dos seus praticantes, já iniciados em outras localidades, chegando a uma marca de mais de 300 iniciantes na capoeira. Um dos grupos inventariados é o Grupo Berimbau Viola, com sede no Ademário Régis, que tem à frente Mestre Chico Viola, que vem transmitindo seus saberes para os participantes do Grupo e para a população de Conde, contribuindo para o fortalecimento dessa expressão.

A última atividade relacionada à Cultura Popular debatida recriada e praticada pelo nosso trabalho como educadores populares, em conjunto com a linguagem da juventude, também relatada pelo Inventário cultural é o Hip Hop, movimento cultural de atuação no território, composto por quatro elementos das linguagens artísticas musical, tais como o Break, que é a dança, o Rap, a letra da música, o Grafite, nas artes plásticas, e o Mc, o mestre de cerimônia, foram identificados dois grupos que compõem a cena cultural do Hip Hop no município, são eles: Grupo Conexão Style Dance, localizado no Loteamento Carnaúbas e o Grupo de Rap Sinceridade na Veia, localizado no Assentamento Dona Antônia; cabe destacar, ainda, o grande Número de Mcs, a exemplo do Mc Ayron, do bairro Ademário Regis.

Imagem 25: Batalha de Rap na escola Ilza Ribeiro, em tempos de nossa gestão



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde/2019)

Com fortes influências de variados nomes do rap nacional, tais como o grupo Racionais Mc's, Sabotage, Família RZO, entre outros nomes do rap internacional. Outra atividade, realizada por nós no município, são as batalhas de Rap, que conseguimos, com a coletividade, desenvolver nas Escolas Estaduais João da Cunha Vinagre e Ilza Ribeiro, como educador

popular e gestor escolar durante essa nossa caminhada como educador pelo governo do estado da Paraíba e pesquisador da linha de Pesquisa da Educação Popular do PPGE/UFPB.

Portanto, todas essas manifestações culturais, de origem popular, revelam tamanha riqueza cultural de Conde-PB, bem como a força e resistência tanto dos povos afrodescendentes, como dos povos indígenas, que, ainda hoje, lutam por terras e manutenção de suas crenças e tradições, mas como nosso foco está no Coco de Roda, e como este reflete não só processos históricos de resistência popular como também relação epistemológica com princípios da Educação Popular, voltemos a ele.

3.3 O Coco de Roda como expressão de resistência da cultura popular

A dança do Coco de Roda, no Brasil, tanto é de origem indígena, como é de origem africana, ou seja, é Afroindígena, mas como no nosso país há uma grande miscigenação, é notório que tanto a matriz indígena como a matriz africana são ambas responsáveis pela expressão cultural do Coco de Roda no Nordeste brasileiro, pois são encontrados elementos étnicos dessas duas matrizes. O Coco de Roda traz a zabumba, conhecida também como alfaia, o Toré indígena traz as maracas, com o som dos ganzás e, se unindo em uma dança circular, dão origem à outra expressão cultural, que é a Ciranda.

Aqueles que dançam o Coco de Roda são chamados de brincantes, visto que o Coco também é considerado uma brincadeira, um brinquedo ancestral. E, aqui, no estado da Paraíba, quem mais tem resguardado esse brinquedo ancestral/expressão cultural/dança/brincadeira são os remanescentes de antigos quilombos e seus descendentes, os quilombolas. Os quilombos surgem como territórios de fuga e abrigo para pessoas negras escravizadas, que conseguiam se rebelar e fugir dos grilhões impostos por homens brancos. Segundo Almeida (1966, p. 88), a primeira conceituação de quilombo é datada de 1740, e, como sabemos, a Lei Áurea, que concede a libertação das pessoas negras escravizadas no Brasil, data de 13 de maio de 1888, ou seja, 148 anos depois, e sob muita pressão de liberais abolicionistas e das várias revoltas e levantes do povo negro ocorridos no país.

Para os recém-libertos, a Abolição não trouxe os benefícios esperados. Eles não receberam terra para plantar e nenhum tipo de ajuda do governo; parte deles negociou a sua permanência na fazenda em troca de modestos salários ou do direito de ter a própria roça. Sem terra, sem instrução, sem dinheiro e sem apoio do governo, muitos migraram para as cidades em busca de emprego. Nas cidades, porém, os empregadores preferiam dar emprego aos imigrantes europeus. Diante disso, os libertos foram obrigados a aceitar os piores serviços, os mais baixos salários e a convivência com o racismo. Uns

poucos, no entanto, conseguiam ascender socialmente. [...] No pós-Abolição, os artistas e intelectuais afrodescendentes participaram intensamente da vida cultural do país. Entre eles, cabe citar escritores como Lima Barreto, compositores como Chiquinha Gonzaga e músicos como Pixinguinha. Na época, a comunidade negra também lutou por direitos criando jornais próprios: a chamada imprensa negra. (BOULOS JR., 2018, pp. 234-235)

Ao fundarem um quilombo, o povo negro organizava-se enquanto identidade que passava a representar os *sujeitos da resistência*, constituindo, inclusive, uma cultura de saber popular. Expressa, por exemplo, na capoeira, na ciranda, na dança do Coco de Roda, sendo esta última uma manifestação cultural típica da cultura nordestina, a partir da qual foram identificadas já na pesquisa de nosso mestrado, com a observação participante do Grupo de Cultura Popular Coco de Roda Novo Quilombo, da comunidade quilombola de Ipiranga, definições da existência da Cultura Popular e da Educação Popular a partir de quatro pontos centrais: 1. Relações com os sujeitos; 2. Intencionalidade de educar; 3. Processo de ensino-aprendizagem de transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens; 4. E planejamentos, deliberações e organizações das ideias pedagógicas realizadas.

O Coco de Roda tem origem no nosso país, especificamente no estado de Alagoas. É uma dança popular que faz parte do grande potencial do folclore nordestino, uma mistura de música e poesia, com aspectos e coreografias típicas, destacando-se pela originalidade e pela representação do povo negro no território brasileiro. É dançada com grande expressão nos estados do Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Bahia, também conhecida como “Coco praieiro, Samba de Coco, Samba de Aboio, Corrido de Reza, Bate - Baú e de Coco de Roda” (VILELA, 1980, p. 15). Ilustramos esta manifestação da Cultura Popular no ano de 1938 no município de João Pessoa-PB, praia de Tambaú, conforme as imagens a seguir:

Imagens 26-27: Coco de Roda na Praia de Tambaú em 1938



Fonte: Acervo Ayala (João Pessoa-PB/1994)

Nas imagens 26 e 27, é possível observarmos que o perfil dos brincantes no Coco de Roda ainda era apenas de pessoas de origem afrodescendente, que reunia homens, mulheres, idosos e crianças, acompanhado de seus instrumentos musicais. Não havia outras pessoas interessadas.

Imagens 28-29: Coco de Roda na Praia de Tambaú em 1938



Fonte: Acervo Ayala (João Pessoa-PB/1994)

Assim como nas fotografias anteriores, nas imagens 28 e 29, que ocorreram na mesma data, é possível ver os movimentos circulares da Roda e a paisagem litorânea da praia de Tambaú, com coqueirais e grandes rochas no entorno.

No município de Conde-PB, há dez anos a Festa do Coco de Roda vem sendo realizada no antigo quilombo de Ipiranga, organizada pela própria comunidade. A festa teve início em um pequeno pavilhão, na casa do pai da mestra Ana Lúcia Rodrigues do Nascimento (Ana do Coco). A Mestra Ana, em 2022, a partir da seleção realizada pela Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba, foi reconhecida como mestra das artes, registrada no Livro de Mestres e

Mestras das artes Canhoto da Paraíba (REMA), onde consta a sua nomeação (por meio de edital público n.1, do ano de 2022) como mestra do Coco de Roda no Conde.

Após o recebimento de um prêmio, no ano de 2010, no valor de R\$10.000 (10 mil reais), pelo Cultura Viva, o grupo conseguiu se organizar e comprar equipamentos como roupas, instrumentos. Isso possibilitou dar início à construção de um pavilhão maior, para a realização da festa do coco dentro do sítio dos Nascimento. No entanto, o valor não foi suficiente, então foi necessário fazer uma parceria com a prefeitura de Conde para conseguir concluir a obra. Após a conclusão da obra, a Festa do Coco começou a ser realizada neste novo local, no último sábado de cada mês, na Comunidade quilombola Ipiranga.

A organização da Festa do Coco de Ipiranga vem passando por algumas mudanças, decorrentes da pandemia da Covid-19 e de demandas internas da própria comunidade. Segundo os relatos ao Inventário Cultural da Mestre Ana Lúcia, foi conseguido um terreno mais próximo da pista que dá acesso à praia de Jacumã. No entanto, o novo espaço ainda precisa ser construído para que a tradicional festa do Coco volte a ser realizada. As celebrações costumam ser aqueles eventos que despertam vários significados e que são sentidos de diferentes maneiras, alcançando público variado. O Coco tem muitas memórias a serem registradas. A constatação de que um mesmo verso e melodia ou outros muito semelhantes foram encontrados com um intervalo de mais de sessenta anos, às vezes em locais distantes um do outro, permite falar não só de permanência, mas da existência de pontos de contato entre diferentes manifestações de cultura popular e seus integrantes. Na maioria dos lugares abarcados por esta pesquisa, a ciranda aparece como um descanso para o coco, sem se perder o movimento da dança em roda (AYALA, 2015).

Como foi registrado por nós em conjunto com o Inventário Cultural, a festa do Coco é uma dessas celebrações que podem ser sentidas e vivenciadas de diferentes maneiras. A festa suscita e funciona como sala de aula, espaço para brincar, se divertir, celebrar a riqueza da cultura quilombola, conhecer pessoas, trocar experiências. Contudo, o aspecto mais importante para a comunidade é a possibilidade de manter viva a cultura do Coco, assim como “A caça, a pesca, e a coleta de frutos como o coco” (GOMES, 2019, p. 409), preservando as memórias ancestrais, sendo reinventadas e ressignificadas a cada novo reencontro.

Antes da Pandemia da Covid-19, em 2019, a festa recebia mensalmente uma média de 400 pessoas. Além desse fato, que fez diminuir o público visitante, nos últimos anos tem sido difícil a aceitação do Coco no município, pois o conservadorismo, que se acentuou com o governo federal do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), tem levado muitos idosos religiosos a discriminar a cultura quilombola. Daí o Coco ter sido remanejado para o

território mais familiar, a casa da mestra Ana do Coco, considerada a “guardiã do Coco” na cidade.

Imagem 30: O Coco de Roda no território da Mestra Ana do Coco/Comunidade quilombola Ipiranga (2023)



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde-PB)

A imagem 30 mostra a mestra Ana Lúcia Rodrigues do Nascimento (Ana do Coco) em março de 2023 cantando um Coco ao microfone, com a roupa típica (a saia rodada e estampada com flores amarelas e uma blusa com o slogan do Coco de Ipiranga), acompanhada de músicos, inclusive o autor desta tese (de roupa preta no lado esquerdo da imagem) tocando zabumba. Ao centro da imagem observamos os brincantes dançando o Coco (homens, mulheres e crianças) e no lado direito da imagem vemos uma placa azul com letras brancas (do governo estadual) indicando a Comunidade Quilombola Ipiranga, e se ampliarmos bem a imagem, podemos ver uma outra placa por traz da azul, de cor branca com letras pretas, escrita pela comunidade, com a seguinte informação: Quilombo Ipiranga.

Sendo assim, destacamos a sua influência na Educação Popular, pois, durante muito tempo, essa problemática da genuína origem deu espaço ao preconceito religioso e ao menosprezo cultural da elite detentora da cultura hegemônica. E essa resistência na continuidade do Coco, estimulada pelos mais velhos, reacende nos mais jovens a chama do respeito em manter essa tradição cultural, que acabada resgatando toda a cultura popular de um povo, a beleza sua identidade negra, a resistência ao racismo e o orgulho e não mais a vergonha de suas origens quilombolas, como tinha, por exemplo, alguns de nossos alunos.

O Coco de Roda na Comunidade do Ipiranga é uma referência na região Nordeste. O Quilombo do Ipiranga está localizado entre o Vale do Rio Gurugi e o Rio Gramame e sua festa de Coco reúne pessoas de diversas localidades. Entre eles, brincantes e simpatizantes fazem no

Ipiranga uma grande festa da história, da cultura e da educação popular. Referenciando essa cultura viva, destacamos a mestra Dona Lenita (1940 - 2015), mãe da já citada, mestra Ana do Coco. O Coco de Roda denominado “Novo Quilombo”, além de grupo cultural, é uma associação que desenvolve atividades socioculturais a partir da educação e expressões artísticas na música, no artesanato, no teatro, na literatura e na dança popular. Existe um fortalecimento identitário da comunidade através do Coco de Roda. Além disso, no seio da comunidade, além do pavilhão do coco, encontramos o museu quilombola. A cultura do Coco de Roda se caracteriza como uma dança tradicional.

Segundo o depoimento da mestra Ana do Coco, no Inventário Cultural do município “acredita-se que veio dos navios negreiros”, quando muitos africanos vieram escravizados para o Brasil. No Quilombo Ipiranga, o Coco de Roda é brincado há trinta anos na forma de grupo, mas também como expressão cultural. Ele tem a idade do referido quilombo: 200 anos.

Os instrumentos utilizados pelo grupo são: o bombo, a caixa e o ganzá, tocados pelos mestres mais velhos da comunidade. Segundo o depoimento da mestra Ana, no Inventário Cultural (2020), as mulheres e crianças têm sido iniciadas a tocar os instrumentos e participarem da dança no grupo Novo quilombo e a dinâmica. Como exemplo, o Inventário traz Ismael, um menino de 10 anos, considerado um futuro mestre de Coco, por dançar, cantar e tocar no grupo. Considerando que, para Ana, mestre é aquele que já tem condições de ensinar e manter viva a cultura. O Coco tem dois significados e referências: a primeira, referente à sua história na colheita dos cocos na praia; e, a segunda, refere-se também ao Coco como cabeça. O uso da cabeça para o improviso das músicas. A expressão cultural se manifesta através de uma dança em roda, tendo em seus centros as disputas ou batalhas entre os seus dançantes, denominadas de umbigadas.

Imagem 31: Visita do grupo de pesquisa Gepedupss ao Coco de Roda Novo Quilombo, na Comunidade Quilombola de Ipiranga



Fonte: Arquivo pessoal da professora Aline Machado (Conde-PB/2023)

Na imagem 31 temos, da direita para a esquerda, o autor desta tese, Francisca de Assis Dutra dos Santos e nossa orientadora, a professora Dr^a. Aline Machado, no dia em que o nosso grupo, o Gepedupss (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais) visitou o território quilombola. No lado direito da foto apresentamos um recorte e ampliação da imagem da blusa da brincante do Coco Francisca, visto que nela visualizamos o slogan do Coco de Roda Novo Quilombo, da Comunidade Quilombola de Ipiranga. Outro detalhe importante, agora ao fundo dessa imagem, também registrada no território da mestra Ana do Coco, é que os brincantes originários dançam de pés descalço, o que estimula alguns visitantes a sentirem o chão do antigo Quilombo, a fim de possibilitar um contato maior com a natureza e com a ancestralidade negra. Ao fundo, também é possível repararmos que, diferentemente dos anos de 1930, hoje em dia pessoas brancas também se envolvem na brincadeira, o que revela uma diferença e um avanço, apesar do racismo e do preconceito ainda presente na localidade.

É importante destacar que existe outros Grupos de Cocos de Roda, localizados em vários territórios na Paraíba, além do Grupo Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cotia, de Jacumã, existe na cidade de João Pessoa-PB, a Ciranda do Sol, no Bairro dos Novais, e o Coco de Roda da nossa grande mestra Domerina Nicolau da Silva, conhecida carinhosamente como “Vó Mera e suas netinhas”, que fica no Bairro de Cristo Redentor. Em Alagoa Grande-PB, tem o Coco de Roda de Dona Odete, e o Coco Desencosta da Parede, da mestra Severina Luiza, ambos do

quilombo de Caiana dos Crioulos, pois, como se diz na letra do Coco de Caiana, “o Bombo da minha Zabumba é feito da Macaíba, e vem da Paraíba”. Há, ainda, o Coco de Roda do Atalaia de Forte Velho, no município de Santa Rita-PB, às margens do rio Paraíba e o grande Coco de Roda e Ciranda do mestre Benedito na cidade de Cabedelo-PB, da mestra Têca do Coco.

Ao longo desse estudo, notamos que a luta do povo quilombola por terra sempre está conectada à luta e resistência em defesa das expressões e ações culturais, pois observamos que defendê-las é dar identidade ao território e vice-versa, manter a posse do territórios é resguardar a cultura popular dos povos quilombolas. É uma relação dialética que vai além das questões culturais e sociais, pois perpassa também, a questão econômica. E, para emergir na pesquisa, é importante destacar a Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), que foi criada em 1959 no governo do então presidente, Juscelino Kubitschek (1956-1961), pois, nas entrevistas realizadas, por várias vezes, a Sudene foi citada:

O pessoal do Gurugi todo sabia que Almir Correia tirou tanto dinheiro na Sudene, de empréstimo, com Cássio Cunha Lima, que era superintendente da Sudene, e aí, ele fez o plantio dos coqueiros, comprou uma fazenda na Bahia, outra no Piauí, e uma usina. Até avião Almir Correia comprou, com esse dinheiro de empréstimo. O empréstimo que ele fez com Cássio Cunha Lima, na Sudene, o rombo que deixou, a propriedade não cobre. Aí, na audiência derradeira, ele me deixou por último; eu pensei: pronto, me lasquei, vou pagar a conta toda. Aí, ele se pronunciou, me chamou, [...]—lhe deixei por derradeiro, está com medo?” Eu disse que não (E9, 2022).

Os ex proprietários daqui fizeram um alto investimento quando tomaram essas terras, na época, foi um investimento direcionado para a Sudene (...) Fizeram todo um investimento para o plantio do coqueiral, um investimento para o plantio de gado; então, ficaram devendo muito pela Sudene (E3, 2022).

Essa área aqui era coberta de pé de coco, do Gurugi até Jacumã, na beira da praia, dos coqueiros, tinha uma parte que frutava e outra não; isso aqui foi um investimento que Almir Correia fez na Sudene, um empréstimo, só que ele nunca pagou, aí, por isso que nós estamos aqui, nessas terras, pois, era tudo do governo, da Sudene, o que facilitou mais da gente ganhar a terra (E8, 2021).

A Sudene teve como idealizador e primeiro superintendente o economista Celso Furtado, autor do clássico *Formação Econômica do Brasil*, publicado no mesmo ano de fundação da Sudene (1959). Com sede em Recife, a função da instituição seria planejar, articular e coordenar todo o esforço do governo no desenvolvimento econômico e social do Nordeste. Nesse momento, entra em cena como prefeito na cidade de Conde, Almir Correia, dando sequência ao desmatamento da Mata Atlântica e replantando com as plantações de cocos,

desenvolvendo o trabalho na produção com as colheitas dos cocos e, nesse momento e nesse universo de trabalho, surge a conexão entre o fruto coco e a música do Coco de Roda. Pois, o Coco de Roda é uma crítica ao trabalho escravo nas plantações de coco em todo o litoral nordestino, entre os canaviais estão, também, as plantações de pés de cocos.

Conseqüentemente, o trabalho de colheita do coco é realizado com muita luta e resistência, principalmente para a subsistência, com o trabalho como forma de sobrevivência, diante das quantidades produzidas no Assentamento de Dona Antônia nos dias atuais de 1.100 pés de coco, que produzem 4 colheitas por ano, sendo 2 colheitas boas e duas fracas, com a 1ª tendo em média a produção de 50 mil cocos, a 2ª com 35 mil, a 3ª com 20mil e a 4ª com 50 mil, tendo o recorde uma colheita de 84 mil em uma safra histórica nos anos de 2010; hoje, se vende um coco por média de 1 real, e, assim, se tiram os custos com o combustível, com o adubo, com a hora de trator e com mão de obra do tratorista, ajuntador e tirador dos cocos, tendo como tipos de coco o da Costa do Marfim.

Em histórias contadas no cotidiano dos territórios investigados, os antigos afirmam que seus antepassados foram capturados da África, e que, no território de Conde, existia o tráfico de pessoas, assim como na costa de Porto de Galinhas, junto às galinhas de Angola, no litoral de Pernambuco (e, os cocos da Costa do Marfim), bem próximo ao litoral de Conde pelo processo de escravidão e suas rotas e seus produtos, que, por sua vez foi desmatando a floresta atlântica e plantando pés de coco pela própria mãos de obra análoga à escravidão.

Imagem 32: Plantação de pés de coco do assentamento Dona Antônia



Fonte: Acervo pessoal do autor (Conde-PB/2021)

As letras das músicas de Coco retratam o cotidiano, as dores e as alegrias das comunidades que representam a luta e a resistência do povo negro em um país marcado pela negação de direitos humanos às comunidades tradicionais. Existem músicas e vídeos gravados

e organizados por Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala. No site do acervo Ayala, apoiado pela Universidade Federal da Paraíba com o CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e o Coletivo de Cultura e Educação Meio do Mundo e o Laboratório de Estudos da Oralidade-UFPB, como, também, estão sendo aprofundados os estudos práticos com os instrumentos do Coco de Roda e as suas bases para a construção harmônica do Coco de Roda, quando tocado, dançado e vivido no chão da praia de Jacumã, no antigo Coco de Roda, que acontecia no Barracão de seu Pedro, no quilombo de Ipiranga e no saudoso Coco de Roda, que acontecia no Barracão do Mestre Bitonho, no quilombo de Ipiranga, na Propriedade Rural da Família da Mestra Lenita (*in memoriam*). Atualmente, na plataforma Youtube, estão disponibilizados álbuns de gravação do Coco de Roda Novo Quilombo e, do Coco de Roda do Mestre Zé Cutia².

² O álbum do *Coco de Roda Novo Quilombo* está disponibilizado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=aELmjaF9uzU&t=131s> (Acesso em: 20/11/2022); e, o álbum do *Coco de Roda do Mestre Zé Cutia* está disponibilizado no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Mj17PjOUbl0&t=7s> (Acesso em: 20/11/2022); As faixas do álbum do *Coco de Roda Novo Quilombo* são as seguintes: 1. Boa noite; 2. Samba negro; 3. Menina bonita o que vem ver; 4. Meu pai quilombo; 5. Qual ti lê lê; 6. Barreiro Mar. 7. Você não me nega que eu cheguei agora + Chora meu bumba (Pout-pourri); 8. Balão Alemão + Xodó de mãe (Pout-pourri); 9. Arroz bem docinho; 10. Senhor de engenho mandou me chamar + Lengo tengo (Pout-pourri); 11. Debaixo do pé de coco + Cauã (Pout-pourri); 12. Quando eu larguei a mulher + Aliança do dedo da moça (Pout-pourri); 13. Barco veleiro + A noite é toda minha (Pout-pourri); 14. Viuvinha + Chora meu bumba (Pout-pourri); 15. Lá em casa tem um gato + Eu perguntei à veia (Pout-pourri); 16. Pisa na barra da saia; 17. Poço de Caxangá+Eu vi rosa amarela+Barra de Catuama (Pout-pourri); 18. Ai Maria; 19. Eu vi Anália chorando; 20. As coisas do meu quilombo; 21. Antigamente negro não tinha valor; 22. Adeus que eu vou me embora; As faixas do álbum do *Coco de Roda do mestre Zé Cutia* são as seguintes: 1. Boa noite; 2. É madrugada; 3. Canoeiro; 4. Bota o barro na parede/Capim na lagoa; 5. João Pessoa; 6. Eu vim de Itamaracá; 7. Rio da Curimã; 8. Ponta de Coqueiro; 9. Goianinha; 10. Eu tava em casa deitado; 11. O sol; 12. Rosa Amarela; 13. Dono da casa; 14. Coco de Zé Cutia; 15. Eu vou; 16. Rema o bote; 17. 3 santos; 18. Coco da Alvorada; 19. Pitiçuari; 20. Coco de despedida; 21. Domingo; 22. Homenagem a César.

Imagem 33: Mestra Dona Lenita, fundadora do Coco de Roda Novo Quilombo, gravando no estúdio de Vital Farias



Fonte: Acervo pessoal do Autor (Conde-PB/2014)

Imagem 34: Mestre Zé Cutia



Fonte: Arquivo da Família (Conde-PB/1990)

Ao observarmos as músicas do Coco de Roda, em suas letras há uma pergunta e uma resposta, e, é na resposta que vem a crítica, sendo aí onde se efetiva a Educação Popular. A música é a primeira arte, a mensagem presente nas letras dos cocos aponta uma resistência para futuras gerações. As músicas do Coco de Roda analisadas nos álbuns têm poder sobre nós, e poder de expressão de nossas ideias, A música exprime uma filosofia em uma linguagem que fica arquivada em nossas memórias. A música do Coco é uma ordem da natureza das coisas, e um fenômeno que se manifesta na ordem e na extensão do tempo, o ritmo na ordem e na sequencialidade da chamada Melodia, que, por consequência, traz a Harmonia que ouvimos, com frases fortes expressadas em formas de perguntas e respostas, com letras falando do amor,

da natureza, das coisas do dia-a-dia, do mundo do trabalho, dos territórios, das festas juninas, da agricultura, da pesca e de memórias de resistências.

Imagem 35: Capa do CD do Coco de Roda Novo Quilombo



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aELmjaF9uzU&t=131s>. Acesso em: 10/11/2022

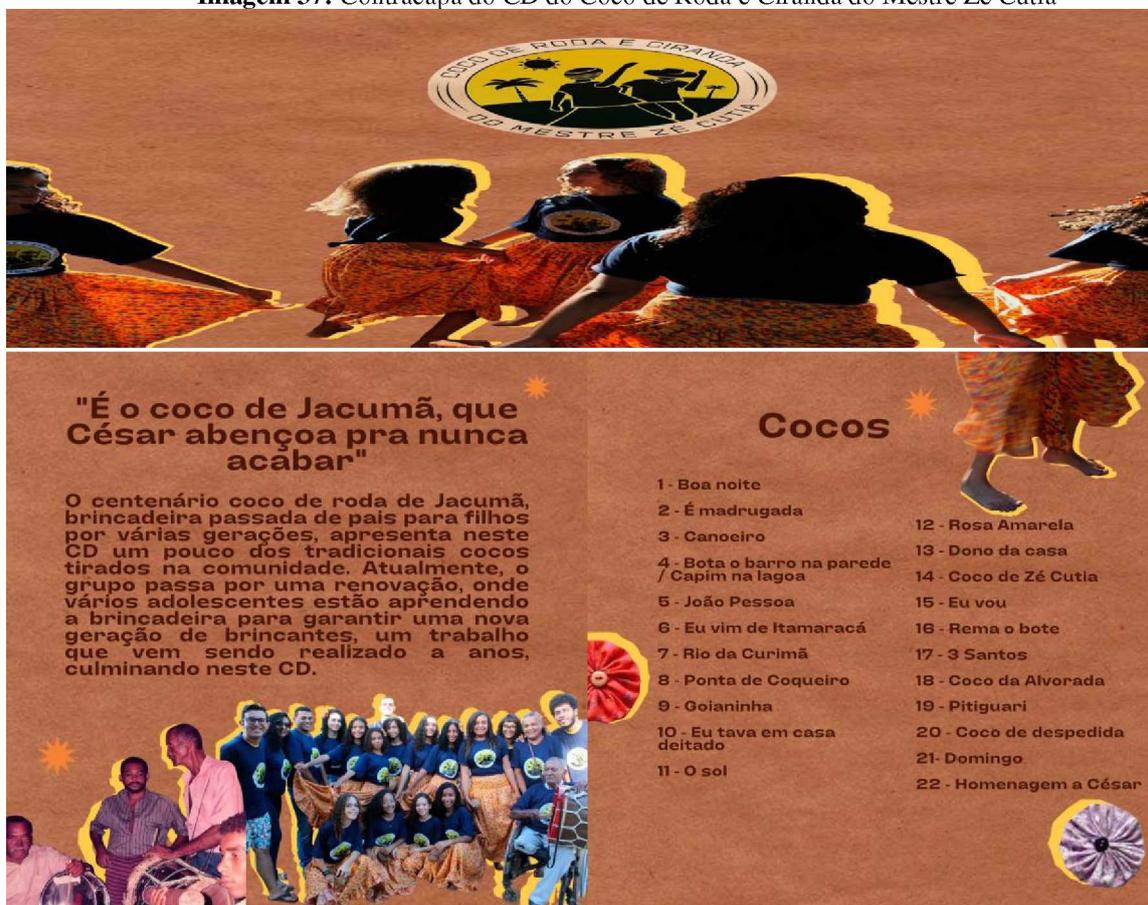
A imagem 36 apresenta a capa do CD do Coco de Roda Novo Quilombo, que, já no título, traz a seguinte frase: “Coco Novo Quilombo: da brincadeira à resistência. A fotografia do Cd traz uma casa de taipa, que traz os costumes e o modo de viver do povo representados em um museu quilombola, no território de Ipiranga, preservando a história e a memória do povo da Cidade de Conde-PB.

Imagem 36: Capa do CD do Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Mj17PjOUbl0&t=7s> Acesso em: 10/11/2022

Imagem 37: Contracapa do CD do Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Mj17PjOUbl0&t=7s> Acesso em: 10\11\2022

As imagens 37 e 38 apresentam a capa e contracapa do CD do Coco e Ciranda do Mestre Zé Cutia, e cabe destacar que o mestre Zé Cutia já estava articulado para ser um de nossos entrevistados, porém ao logo da pesquisa o mestre faleceu, e, aqui fica a nossa homenagem em memória ao mestre e a todos os seus familiares.

Sabemos que a audição é responsável por 60% dos estímulos ao cérebro. A música é um dos elementos mais importantes para vincular o sujeito à cultura. A música traz a memória existencial. A música do Coco de Roda é impulsionadora de sentimentos e memórias. A música é um ato dos seres humanos, sons são da natureza produzida pelo ar, a música, quando tocada, ouvida ou dançada traz liberdade, liberta os temores, a música é o que mais une os seres humanos, assim como as religiões. A música do Coco de Roda nos conduz a um lugar, esse lugar é a nossa memória, pois, existia o tambor de guerra que levava ao ataque, existia o tambor no navio negreiro que conduzia as remadas dos escravos. Que, com certeza ainda, estão

relacionadas ao mundo do trabalho na memória, e, isso faz o Coco de Roda ser um movimento de zona de conforto e de zona de conflito, com o Coco de Roda e com as letras das músicas, já se protestou por luz elétrica, água encanada, por questões básicas de sobrevivência, pois, a opressão começa na memória. E, a luta contra a opressão tem que começar a partir da memória também.

CAPÍTULO 4 MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA NO MUNICÍPIO DE CONDE-PB

A memória dos jovens que dançam o Coco de Roda hoje em dia difere da memória dos brincantes mais velhos. A fim de conhecer melhor as raízes do Coco, focamos nos brincantes mais experientes para, assim, compreender como ocorria o antigo Coco de Roda na cidade de Conde-PB. Mas, antes de conhecermos tais memórias e movimentos dialéticos freireanos, e toda a riqueza que essas memórias carregam, iremos apresentar o perfil social dos brincantes entrevistados.

4.1 Perfil Social dos brincantes do Coco de Roda

Na obra *Por uma pedagogia da pergunta* (2013, p. 46) Paulo Freire, em diálogo com Antonio Faundez, nos traz a seguinte reflexão:

Antônio: Penso, Paulo, que esse problema de ensinar ou de educar é fundamental e que, sem dúvida, relaciona-se ao que dizíamos antes: posições políticas bem determinadas em um mundo hierarquizado no qual os que detêm o poder detêm o saber [...]. Acho, então, que é profundamente democrático começar a aprender a perguntar. No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. [...] Paulo: Exato, concordo contigo inteiramente!

Nas letras e músicas do Coco de Roda há, conforme afirmam os próprios brincantes, um movimento de perguntas e respostas. “Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar” (Ibid). Podemos afirmar que esse movimento de perguntas e respostas estimula um pensar crítico a depender do tema foco das letras, visto que ora são letras mais leves, brincadeiras, ora são letras mais problematizadoras, e isso que se confirma nas grandes revelações trazidas pelos 13 sujeitos da pesquisa. Cabe destacar que, a princípio, seriam 15 pessoas entrevistadas, mas, durante os quatro anos de doutorado, muitos fatos aconteceram, como o falecimento do Mestre Zé Cutia, que seria um de nossos entrevistados e, de uma outra pessoa que foi diagnosticada com a doença de Alzheimer, que compromete principalmente a memória, impossibilitando, assim, a participação.

Conforme apontamos no início deste estudo, os nossos objetivos específicos foram: 1) fazer um levantamento das fontes, que possibilitem identificar a memória do antigo Coco de

Roda no município de Conde-PB (fotos, letras dos antigos cocos e documentos); 2) conhecer a origem do antigo Coco de Roda a partir dos sujeitos da história que vivenciaram, tocaram, cantaram e dançaram e que ainda o fazem, mantendo viva a tradição do Coco de Roda no referido município; 3) e, compreender o histórico da trajetória cultural, social e política desse antigo Coco de Roda a fim de identificar as possíveis conexões com os princípios da Educação Popular. Pois, segundo a fala de um entrevistado:

O Coco é a base da música, por onde ela se move; como diria Jackson do Pandeiro, “tudo é Coco” (E1, 2022).

Para a coleta das informações acerca do perfil dos entrevistados utilizamos um formulário (em anexo), onde abordamos as seguintes variáveis: sexo, estado civil, idade, nível de formação, ano de conclusão dos estudos e atividade ocupacional. Vejamos o quadro 01:

Quadro 01: Características dos sujeitos da pesquisa quanto aos dados pessoais e profissionais

ENTREVISTADO	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE FORMAÇÃO	ATIVIDADE OCUPACIONAL
E1	M	56 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO	ESTUDANTE E MÚSICO
E2	M	40 ANOS	DIVORCIADO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	TOPOGRAFÓ
E3	F	53 ANOS	VIÚVA	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	AGRICULTORA
E4	F	69 ANOS	VIÚVA	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	PROFESSORA APOSENTADA
E5	F	50 ANOS	SOLTEIRA	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	ENFERMEIRA
E6	F	48 ANOS	UNIÃO ESTAVEL	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	AGRICULTORA
E7	F	43 ANOS	CASADA	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	AGRICULTORA
E8	M	46 ANOS	CASADO	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	AGRICULTOR

E9	M	75 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	AGRICULTOR
E10	M	52 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	AGRICULTOR
E 11	M	52 ANOS	CASADO	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	PESCADOR
E 12	M	50 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	MÚSICO
E 13	F	59 ANOS	SOLTEIRA	ENSINO SUPERIOR COMPLETO	PROFESSORA APOSENTADA

Fonte: O Autor (2023)

Os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa se deram a partir de sua trajetória e de sua participação popular no território, dando destaque ao seu relato oral, observando bem os documentos que surgiram ao longo da pesquisa.

De acordo com o quadro 01, constatamos que, entre os brincantes do Coco de Roda, 38% possuem ensino superior completo, 7,6% possuem ensino superior incompleto, 7,6% ensino médio completo, 7,6% ensino médio incompleto, 7,6% ensino fundamental completo, e 30% ensino fundamental incompleto.

Observamos, também, que 46% dos entrevistados, ou seja, a maioria, estão ligados à atividade ocupacional da agricultura, onde três dos territórios pesquisados se encontram no campo, zona rural, que tem por ligação territorial parcelas de produção da agricultura familiar mapeadas, distribuídas e de responsabilidades pelo INCRA, destacando a importância da agricultura como fonte de trabalho e renda nos territórios pesquisados. Tivemos uma pessoa que se declarou pescador, que corresponde a 7,6% dos entrevistados, destacando, também, que 15% estão no mundo do trabalho com a música e com a cultura popular no território, e, apenas 7,6% está desenvolvendo atividade de enfermeira na unidade básica da saúde familiar de Jacumã, 15%, desenvolveram suas atividades no mundo do trabalho no ambiente educacional e, hoje estão aposentadas da educação formal, mas, ainda continuam com a educação informal com a educação Popular e a Cultura Popular. No que se refere ao estado civil, apenas 7,6% é divorciado, 23%, casados, 7,6% em união estável, 15% são viúvas e 46% solteiros, destacando que, com relação ao sexo, 46% são mulheres e 54% são homens. Já a faixa etária, os brincantes se encontram entre 40 e 75 anos de idade, sendo 30% entre 40 e 48 anos, 54% entre 50 e 59 anos, e entre 69 anos e 75 anos, ou seja, idosos, tivemos 16%. Realizamos as entrevistas individualmente, com o uso do gravador pequeno e discreto para não causar desconforto para

os entrevistados, tendo outras experiências com câmeras e telefone celulares, e, observamos uma certa timidez entre os entrevistados diante de lentes e de gravações de audiovisual e, por isso, em nossa realização das entrevistas, optamos por mudar para uso simples e discreto de um gravador apenas de áudio para, assim, obter com mais precisão as falas dos entrevistados. As entrevistas individuais foram realizadas com a metodologia da História Oral como base para nossa pesquisa, fizemos anotações no diário de campo e com o registro fotográfico, como foi observado ao longo do texto, sob essa ótica, também foi pesquisado nos arquivos pessoais dos entrevistados fotos antigas com relações diretas e indiretas com o antigo Coco de Roda do município, com destaque para as músicas cantadas pelos participantes no momento das entrevistas, que remeteram a uma memória de resistência pelas letras, por consequência, analisamos que essas letras eram feitas em forma de protesto e de reivindicação.

Nesse sentido, a categoria de análise de grande destaque foi a da *Resistência*, como elo de relação com o Coco de Roda e a Educação Popular expressado nas entrevistas, trazendo uma origem e uma contribuição do Coco de roda como um movimento social rural organizado por mestres, mestras, pescadores, pescadoras, agricultores e agricultoras, dos territórios: Quilombo Ipiranga, Quilombo Gurugi, Assentamentos Dona Antônia e a Vila de Pescadores de Jacumã. A princípio, ocorreu um momento de fala livre sobre a Memória da Cultura Popular no município de Conde-PB, e tivemos tais respostas, onde os entrevistados E1, E2, E3 e E10 falaram do passado como tempo presente a partir de suas memórias, e pontuaram a relação do Coco de Roda com a resistência nos territórios.

Quando você faz parte de algo raiz, original do povo de sua terra, da cultura através da arte, quando se está envolvido nesse tipo de processo, você percebe que é um processo de resistência, uma forma de resposta, de revolução, a cultura pode transformar o mundo; quando você está inserido nisso, há uma visão mais ampliada do mundo; e, é isso que os poderosos, o sistema não quer; quanto menos cultura, há uma dificuldade na conscientização humana (E1, 2022).

Então, a resistência se deu, se consolidou, a partir do momento em que o Coco de roda passou a ocorrer não apenas no mês de junho, no período do São João, ela se espalhou, e foi para outros locais, como o Coco de Roda do Gurugi-Ipiranga, onde ocorre atualmente, a partir da Mestre Ana. Mas, é importante apontar que o Coco de roda surgiu aqui, em Jacumã. O pessoal do Gurugi vinha tocar o Coco em Jacumã. Aqui é a origem, onde começou todo o processo (E2, 2022).

O Coco de roda passou a se espalhar quando a gente começou a andar, apresentar o Coco não só em Jacumã, mas, também fora os nossos brincantes de Coco mais antigo foram todos indo “embora”, falecendo, então, a gente foi perdendo um tanto isso aí e, no Gurugi, a resistência foi se firmando maior (E2, 2022).

*O que se comentava era que o Coco iria trazer para o município de Conde uma cultura de relevância; na época, eu ficava pensando o que seria “relevância”; depois, mais tarde, comecei a entender que a **resistência** do Coco de roda nos faz perceber a importância da cultura essa **resistência** a gente traz até hoje. (E2, 2022).*

*Isso, não pode morrer, desaparecer, é a **nossa resistência** (E2, 2022).*

*Temos muitas coisas importantes vivenciadas **na luta** daqui. Eu vivenciei as lutas de Gurugi I e II, Tambaba, Capim-Açu, Barra de Gramame, Mata da Xica, todas são áreas de luta, de **resistência** (E3, 2022).*

*Eu vivi e vivo ainda, essa **resistência**. Resisto diariamente. Quando se **luta** para viver, e ter, houve a força maior da **resistência**; dentro de tudo isso permanecemos vivendo pelo que vivemos e conquistamos. (E3, 2022).*

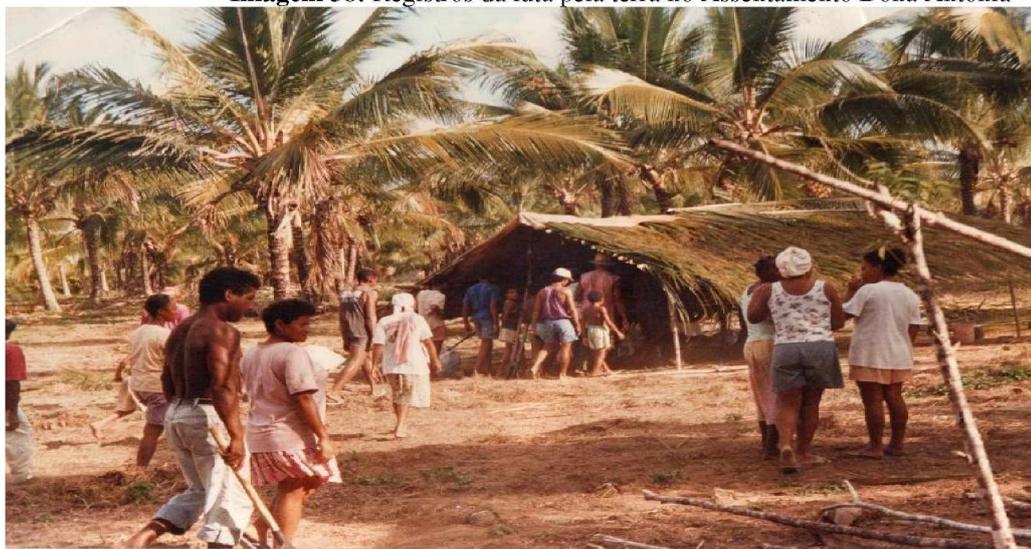
*Isso, a **resistência** fez com que ele desse uma “levantada”. Veio para deixar o Coco vivo. Foi importante para mantê-lo vivo (E3, 2022).*

*A gente ia para João Pessoa, participava de um evento de capoeira e vinha o Coco de roda; então, eu comecei a entender que aquele Coco era muito importante como **resistência** no estado da Paraíba e, especificamente em alguns municípios; isso, adolescente, eu passei a compreender (E3, 2022).*

*Essas áreas rurais foram todas criadas a partir da **resistência e luta** pela terra (E3, 2022).*

*Trazem **resistência**, sim, porque, também, tanto o Coco de roda como a ciranda são uma cultura, uma prática que requer muita união; é uma cultura antiga que chama a atenção das pessoas (...) o Coco de Roda é uma junção da educação, alegria e diversão, um conjunto de coisas que traz uma segurança, uma **resistência** de que as raízes das pessoas não vão acabar (E10, 2022).*

Imagem 38: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Acervo da Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Como dissemos no Capítulo 2 deste estudo, a *resistência* deixa de ser um movimento só de reação de autodefesa e passa a ser uma ação ou política ofensiva. As resistências são práticas que “contrariam alguns aspectos da ‘visão de mundo’ dominante” (FREIRE, 2000, p. 87). Cabe destacar que a resistência, trazida por todas as falas começa no mundo do trabalho, no preparo da terra, na escolha das sementes, nos plantios dos roçados, no cuidado com as plantações, na adubagem das, para a chegada do melhor momento que é a da colheita, pois se o povo do campo não planta, o povo da cidade não janta.

Assim como a Resistência do povo no mundo do trabalho, na pesca, que envolve muita disposição e técnica para lidar com os rios e com o mar, e com todos os equipamentos que envolve a pesca artesanal, como por exemplo, as redes, as varas, os anzóis, a jangada, os barcos e as manutenções desse universo de trabalho, e com o mais importante que é a resistência para lidar com os fatores relacionado ao tempo e as relações climáticas, com a chuva e com o sol.

Pois como afirmar Freire nosso compromisso tem que está relacionado a uma Educação Popular que compreenda o mundo do trabalho, que se faz na realidade e no cotidiano e que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2015, p. 63) e que a resistência do povo da cidade de Conde-PB parti do trabalho e se torna como forma de sobrevivência diante da vida e da realidade no dia a dia, com a certeza do resistir para o existir.

Com a importância da preservação da memória, foram realizadas entrevistas individuais, onde se buscou falar do passado como tempo presente acerca das Memórias do Antigo Coco de Roda no município, e, observação sistemática, deixamos livres os entrevistados para começarem a relembrar os momentos de contato com o movimento do Coco de Roda, assim como uma tecelã costura uma grande manta de retalhos, construímos todo o nosso texto com essas entrevistas históricas pra todos os que viveram, vivem e viveram aqui no território de Conde-PB.

O Coco de Roda foi tocado no final de todos os conflitos territoriais e está sempre em movimento. Observamos as definições da existência da Cultura Popular e da Educação Popular a partir dos seguintes aspectos:

1. Pelas relações com os sujeitos;
2. Pela intencionalidade de educar;
3. Pelo processo de ensino-aprendizagem de transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens;

4. Pelos planejamentos, deliberações e organizações das ideias pedagógicas realizadas. Como se observa nas falas seguintes quando foi perguntado que significa as letras dos antigos Coco de Roda para você? Por quê?

Quando havia a luta, tinha o Coco de Roda (E3, 2022).

Isso, tinha o Coco de Roda, nos acampamentos (E3, 2022).

As reuniões, juntava as comunidades e dizia, informava onde estavam precisando de apoio para a luta pela terra. Tal lugar tá em sufoco, vamos lá ajudar. Todo mundo se juntava e ia lá ajudar. Tinha um caminhão velho lá que juntava o povo que se chamava “Confusão”. O caminhão ainda está lá. (E9, 2022).

O Coco de roda, anteriormente, era a única diversão, depois, com o tempo, começou a vir a capoeira, que trouxe, para nós, um vasto conhecimento; até o meu professor, que era mestre, trazia um Coco de roda (E2, 2022).

É, essa parte está nas estratégias que nós, os trabalhadores, bolamos para não ser surpreendidos por pessoas que quisessem o nosso mal, tratamos de interromper a passagem para os acampamentos, onde estavam as famílias acampadas (E10, 2022).

Foi uma estratégia de guerra, fizemos barricadas, aonde o terreno era pedra, não tinha como a gente cavar, botávamos rolo de coqueiro, arrastado pra lá pelos assentamentos vizinhos, com trator (E11, 2022).

E, onde era possível cavar, a gente fazia as valas grandes, pra não haver passagem de carro, porque, caso fôssemos surpreendidos por pessoas que quisessem tirar a gente na força, na marra. Eles também estariam a pé (E10, 2022).

Era uma situação bem difícil, porque, os homens tinham de ficar vigiando à noite, e, pela manhã, tinham de trabalhar na roça (E12, 2022).

Eu lembro que a gente tinha uma forma de convidar as pessoas pra reunião, porque, o acampamento era no formato de um grande círculo, e no meio, no centro, enfiamos uma tora de madeira, e, no meio, um pedaço de ferro, um disco de grade de trator, antigo, que não servia mais, e penduramos na tora de madeira, e uma marreta, de quebrar pedra, e, na hora de chamar as pessoas para a reunião, batia naquele instrumento de ferro, e iam atender ao chamado da batida da ferragem, que era a indicação que teria reunião (E10, 2022).

Era uma forma de organização, de chamar as pessoas que já sabiam que era um sinal de reunião, método de avisar que teria reunião (E11, 2022).

Combinamos que, para não sermos surpreendidos, se o comboio de policiais passasse pelo Gurugi, eles nos avisariam através de fogos de artifício, e, se por acaso eles viessem por Pitimbu, ou, pela PB 008, a gente avisaria por fogos de artifício, para que eles pudessem nos dar apoio (E10, 2022).

Em 1995, houve a ocupação, que alguns chamam de “invasão”, mas, nós preferimos chamar de ocupação. No dia 20/11/1995, Dia da Consciência

Negra, acampou nesta localidade aproximadamente 250 famílias (E10, 2022).

Conseqüentemente, após analisarmos as falas dos entrevistados, observamos o uso do movimento do Coco de Roda como forma de comunicação e de estratégias para a luta do campo e que o Coco de Roda servia para organizar as reuniões do povo, e que o movimento do Coco de Roda sempre foi utilizado como uma brincadeira e que se transformou em um movimento de luta e de resistência para o povo da Cidade de Conde-PB. E que esses movimentos da cultura popular estão firmes e fortes na memória do povo.

Imagem 39: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

A metodologia aplicada da história oral partiu pela definições das fontes, e, pelo “exercício de ouvir” (XAVIER, 2010, p.13), as músicas, “no exercício de olhar” (XAVIER, 2010, p. 20), ver fotos, e, pelo “exercício do contar e narrar” dos sujeitos da pesquisa, pelas entrevistas, fazendo uma interpretação com a nova história cultural, com base no universo digital do site Arquivo Ayala, e, nas músicas que estão lançadas no Youtube do Coco de Roda Novo Quilombo e, no Coco de Roda do Mestre Zé Cutia, assim como nos documentário *Novo Quilombo chegou*, produzido por Darllan da Rocha, e, *Coisas do Brasil*, produzido nos anos 1990, pelo Prof. Dr. José Batista, do Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba, exposto no universo digital, e, ciente que a memória tem falhas, analisamos todas essas narrativas focadas no que realmente era necessário conhecer, “cabe, portanto, recuperar outra memória que permitisse não só construir evidências, como apresentar interpretações sobre o que se passou” (XAVIER, 2010, p. 17), e, nesse sentido, a memória do Coco de Roda, e a forma de fazer música trazem a história de resistência de mais da metade do povo brasileiro, pois, segundo o IBGE (2023), 54% do povo brasileiro é auto- declarado preto ou pardo, um povo de

um passado abandonado, que, a partir da história oral, e, da memória desse povo temos o dever e o compromisso de relatar a história da maioria do povo do nosso país, com o rigor científico, com o olhar crítico destacando a resistência do povo, pela memória da opressão a uma memória de superação. Acreditando que o momento atual da pesquisa se dá por etapas, e que,

Essa é uma das etapas da pesquisa, na qual o qualitativo estará sendo garantido pelo trabalho criativo e consistente do pesquisador em tecer articulações entre as fontes empíricas e as fontes teóricas entre o particular e o geral, entre o específico e o momento histórico a partir do qual as falas estão sendo produzidas (OLIVEIRA 2005, p.95).

Sob esse prisma, com a realização da pesquisa, e, após a análise dos dados, compreendemos que a opressão tem um começo, e, esse começo está totalmente fixado na memória e, por isso, se faz necessário destacá-la como forma de ressignificação a partir da micro-história, da história local, da história dos territórios, com destaque à história das pessoas, tendo o compromisso ético e moral com os entrevistados, pois:

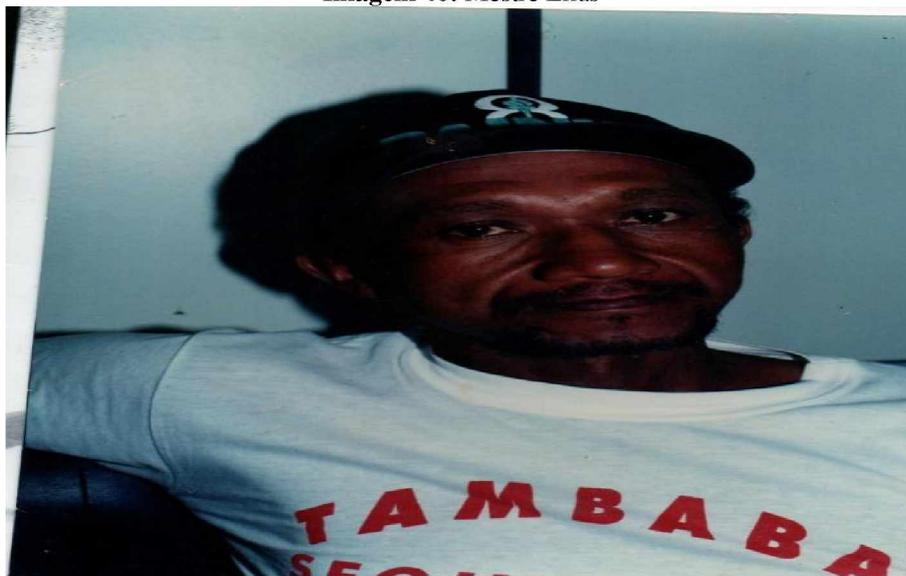
De acordo com as questões éticas da História Oral, tomamos cuidado com a preservação da identidade das pessoas, buscando sua autorização para uso público das transcrições, dos depoimentos orais (OLIVEIRA, 2005, p.91).

Portanto, as bases metodológicas da História Oral são uma forma de contestação da realidade e, é, também, uma forma de ir de encontro com as formas hegemônicas e, assim, superar o além das aparências dos fenômenos, fazendo sempre uma conexão entre o passado, o presente e o futuro. Pois,

Na seara brasileira, havia algo a mais em jogo: seria necessário apagar um passado maculado pelos costumes indígenas e negros, expurgar os hábitos mestiços e moldar o brasileiro, dotando-o de aparência embranquecida e habitando num mundo moderno (SENA, 2019, p.33).

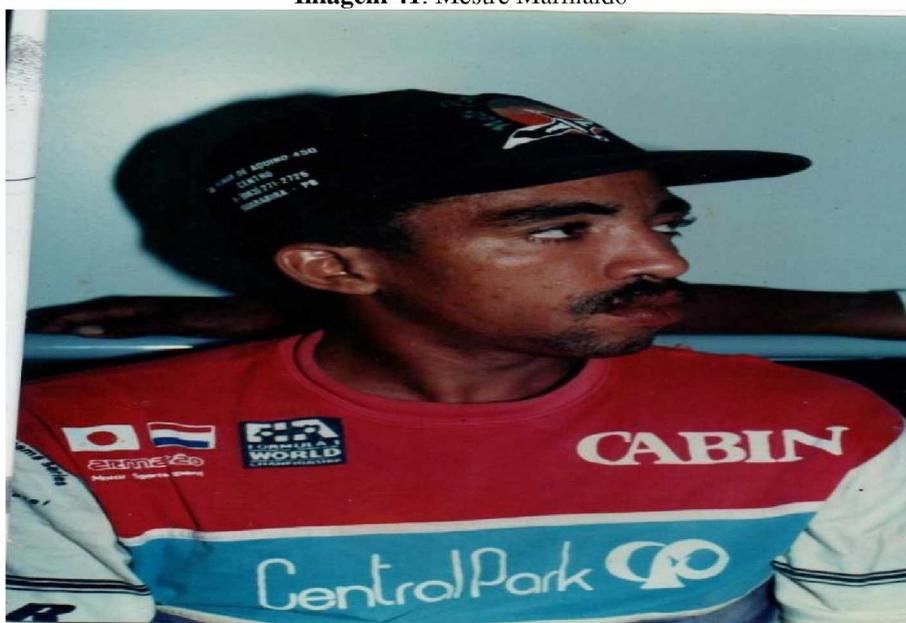
No entanto, cabe destacar que nossos estudos sempre foram na metodologia da pesquisa-ação, porém, em nossa pesquisa de doutoramento, o objeto de estudo, o Coco de Roda, e os sujeitos da pesquisa nos mostraram a necessidade de superação dos nossos limites metodológicos e nos fizeram partir pra atuar com a metodologia da história oral, no campo da pesquisa em educação, especificamente na linha da educação popular, e, com um vasto trabalho de base conseguimos nos aproximar com confirmação de ambos os lados entre o pesquisador e os pesquisados, com foco na real natureza dos dados dos sujeitos históricos de transformação social dos territórios, que, hoje, são considerados por muitos como lideranças.

Imagem 40: Mestre Elias



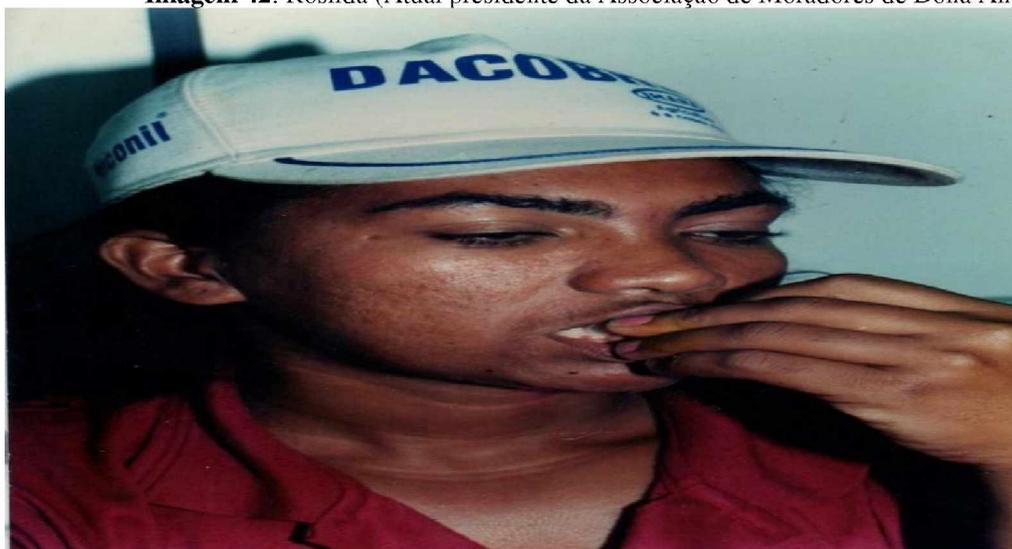
Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Imagem 41: Mestre Marinaldo



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Imagem 42: Rosilda (Atual presidente da Associação de Moradores de Dona Antônia)



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Afirmado, assim, a novidade da tese, com a história oral de um povo oprimido, que venceu a luta pela conquista da terra, e que, mesmo assim, ainda continua a lutar pela resistência nas letras de seus Cocos de Roda, que se faz em um movimento dialético pela pergunta e pela resposta, onde foram realizadas as nossas análises com, “o trabalho meticuloso do pesquisador reside, também, em traduzir todo esse quebra-cabeça, montado, categorizando e tratando as peças a partir dos apontes teóricos escolhidos” (OLIVEIRA 2005, p.95).

Foi utilizado um roteiro de questões sobre a memória do Antigo Coco de Roda, para dar um norte às entrevistas, tendo em vista que as análises feitas na músicas já davam indícios de que, quando se cria uma letra do Coco e, quando canta esse Coco de Roda, em seu movimentos dialéticos de pergunta e resposta, se vê claramente um princípio da Educação Popular, mas, não foi apenas ouvir a música do Coco de Roda para chegar a essa conclusão, foi preciso sentir, cantar, tocar, colaborar, trabalhar e, também, viver no território, para, assim, poder realmente compreender e assim afirmar que a tese foi confirmada, e que o Movimento da Cultura Popular do antigo Coco de Roda do Município de Conde-PB claramente traz, em seus princípios, as relações epistemológicas da Educação Popular.

Encontramos a Educação Popular, nas falas dos sujeitos, nos saberes e nos fazeres, nas memórias dos oprimidos, e, no nosso compromisso do dia a dia, vendo a alegria como forma de resistência no viver e no conviver, com um povo que valoriza a floresta, as águas dos rios e do mar, e, de todos os animais que ali vivem.

E, essa confirmação se deu a partir dos objetivos de análise do percurso histórico nos territórios pesquisados e as suas relações com a Educação, assim como o objetivo de analisar as raízes históricas presentes nos territórios das Comunidades Tradicionais, como, também,

foram analisadas as relações existentes entre o Movimento de Coco de Roda, a Educação Popular e todos os processos de resistência presentes na história, nas letras das músicas, nas danças, na construção dos instrumentos, nas confecções das roupas, nas imagens e nas entrevistas realizadas nessa pesquisa visceral.

Como diminuir a distância do que se diz e o que se faz, falar da pesquisa trazendo novas conexões com o fazer da pesquisa agora com o diálogo é o cuidado com o outro, com habilidades de pesquisa, sempre com a reflexão entre o objeto de estudo com a pesquisa em Educação Popular. Pois, ao questionarmos sobre significado das letras dos antigos Coco de Roda para os brincantes, obtivemos as seguintes respostas:

O Coco são versos criados pelos negros, para cantarem, dançarem e demonstrarem uma forma de dança para poder demonstrar sua cultura; vem, também, a parte cultural, que hoje tem reconhecimento, aos poucos as pessoas foram conquistando (E3, 2022).

O Coco servia para juntar o povo. O povo se animar e saber que tinha organização naquele local, o Coco era uma estratégia (E9, 2022).

Importante, cada um que usasse suas armas. E, o Coco unia as pessoas (E9, 2022).

O Coco e a ciranda sempre foram tocados em momentos considerados, por nós, especiais, quando há datas comemorativas? Dia da Consciência Negra, o dia de formação do assentamento (sempre nas conquistas) (E10, 2022).

Contudo, relataram que as músicas do Coco de Roda trazem a cultura negra e que sempre serviu para unir as pessoas e que sempre foram tocadas em momentos especiais, como processo heurístico que serve para descobertas e, para a investigação de fatos na pesquisa em História Oral e suas relações com a Educação Popular, criando um elo com a pesquisa e com a evolução na descrição teórica e metodológica, assim como nas bibliografias e Tema, com originalidade e viabilidade da pesquisa e, a responsabilidade do pesquisador, e, com a aproximação com a realidade da pesquisa e com as categoria destacadas, pois, assim, se situamos nas classes sociais e nas camadas sociais do movimento do Coco, que todo esse movimento não acabou, e, que existe continuidade capaz de configurar mundos do passado e do presente, com um futuro de cuidado com o outro. E foi perguntado qual o papel do antigo Coco de Roda na luta pelo território? Por quê?

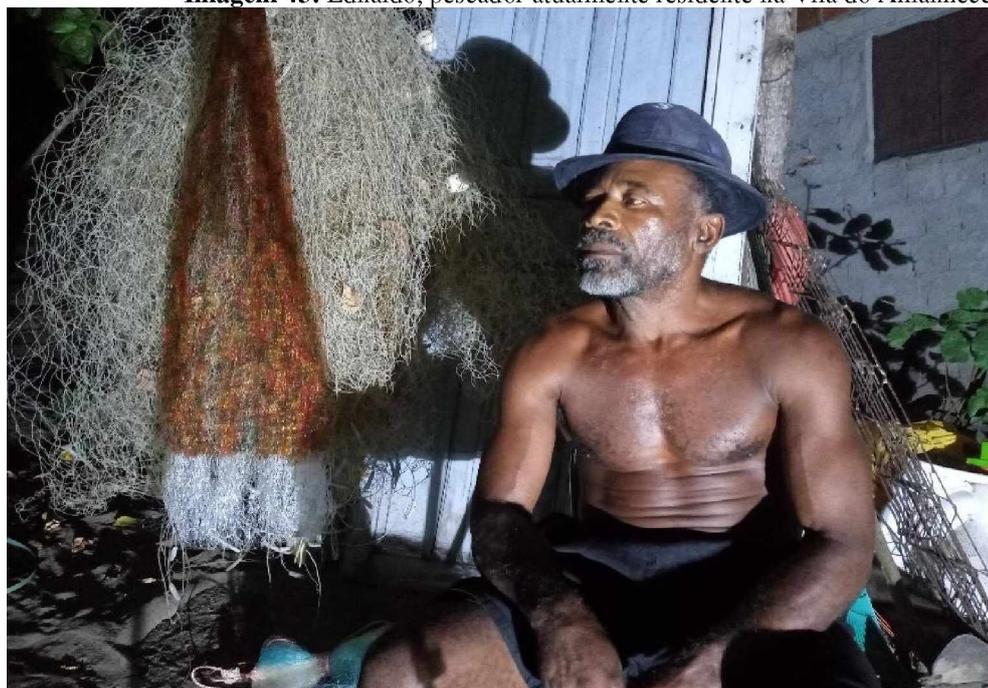
Tinham um significado histórico, da luta. Porque, a luta é um momento histórico, na vida do povo. Era o que vivíamos ali, a união, o fato de estar todo mundo junto, um por todos e todos por um, naquele momento eram todos de mãos dadas, por um objetivo só, resistir ali, pois se saíssemos dali, íamos viver como, de que forma? Quem foi embora, hoje não conquistou muita coisa, retornou para aquela localidade com uma mão na frente, outra atrás (E3, 2022).

O pessoal da agricultura, ali trabalhando, fazia uma história, uma música. Antigamente, as mulheres lavando roupas, na beira do rio, criavam letras de música também, e, tudo isso virava letra de Coco. O dia-a-dia das pessoas ali, seu trabalho, seu cotidiano (E5, 2022).

Ele cantava uns Cocos do passado eram Cocos que vinham de repente na memória (E5, 2022).

Entretanto foi observado nas falas o significado histórico e as e as relações do Coco de Roda com a agricultura e com a memória, o que nos possibilitou fazer um levantamento de dados com depoimentos orais de pessoas que testemunham fatos e eventos do passado, que podem ser escritos ou gravados pelo investigador. Pois a *História oral*, que tem como uma de suas finalidades a de preencher lacunas nos documentos escritos e, é considerada importante porque pode interessar a várias ciências como antropologia, sociologia, ciências políticas.

Imagem 43: Ednaldo, pescador atualmente residente na Vila do Amanhecer (Jacumã)



Fonte: Acervo do autor (2022)

Pesquisa aplicada nas Roda de Coco pelo viés Memória, sobre a história temática e sobre o mundo do trabalho, sobre os conflitos nos assentamentos e nos quilombos, com a força da Educação não formal, em condições históricas com o trabalho análogo à escravidão, em uma sociedade do rigor e ao mesmo tempo escravista, realizada em agrupamentos rurais. E, assim foi perguntado o que significa as letras dos antigos Cocos de Roda e, qual o papel do Coco de Roda na luta pelo território?

As letras do Coco me remetiam muito à memória dos escravizados, e das raízes de origem africana, e, também, aos maus tratos aos escravos; e que, mesmo com essa dor e sofrimento, havia o festejo (E1, 2022).

O pessoal inventava as letras no momento de seu trabalho, Os escravizados, no momento de seu trabalho, no seu dia-a-dia. Dali, vinha uma brincadeira. Falava dos sofrimentos, alegrias, se inspiravam para o Coco de Roda (E5, 2022).

Através do Coco, qualquer música flui, com energia, positividade; a gente sente, quando ouve Coco, as raízes da África; o Coco tem a ver com isso (E1, 2022).

A minha bisavó era do tempo dos escravos. Ela veio da África do Sul, fazer nossa geração no Gurugi (E9, 2022).

Na boca da barra do Rio Gurugi, tinha um corte de lenha, e, vinha uma barça da África do Sul buscar. Tinha uma firma aqui, chama Great Western, que juntava o pessoal, cortava a lenha e vinha buscar, uma barça grande, chegava perto do porto do Rio Gramame. Ia de frente e retornava, essa barça; a minha bisavó veio ajudando, como escravizada, nessa barça; escapou dentro do mato, vieram buscá-la abaixo da agrovila de Gurugi, buscaram ela perto de onde mataram Zé de Lela (E9, 2022).

Buscaram ela mais de mês depois de sua fuga, só comendo fruta do mato, aí, numa caçada de cotia, descobriram ela, embaixo duma casa de ramo de mato. (E9, 2022).

Pai Caboclo se engraçou dela e levou ela para o Gurugi, eles foram fazendo menino e se espalhando pelo Gurugi (E9, 2022).

Por isso, a raça de Gurugi é toda negra, essa é a origem. Essa mulher era a bisavó de minha mãe. E, era mãe da finada Carmo com João Pequeno (E9, 2022).

É uma coisa nossa, mas, tem a ver com a negritude, então, a pancada do Coco é muito forte, ela movimenta todo mundo, não tem quem consiga ouvir e não se mexer, ele envolve a alma da pessoa, envolve na grandeza do ser (E1, 2022).

O pessoal aqui criava as letras de sua vida diária, do trabalho. Os pescadores iam para o mar, dali, tiravam já uma história, sobre as conversas, atividades de seu ofício (E5, 2022).

No entanto, no cotidiano do trabalho nas plantações de coco dentro da extensão rural, descobrir a vitalidade da Educação Popular, com o rigor científico necessário e sendo fiel as categorias teóricas, fazendo sempre autocrítica, com objetividade na pesquisa em busca da construção do concreto pensado.

Neste sentido, a História de vida das pessoas na memória do Coco de Roda traz uma resistência nas músicas e nas letras, não só como um estudo de comunidade, mas, uma

interpretação de nossa formação social, que compõe uma tradição esquecida da formação social brasileira. Como a exemplo do trabalho familiar, base da economia, que muitas vezes é complementado pela ajuda dos vizinhos, em atividades em que a família não dá conta.

Imagem 44: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Associação de moradores de Dona Antônia (2020)

Nesse sentido, a tríade sociedade, academia, nós mesmos, são as partes responsáveis pela construção histórica a partir dos mais velhos dos tempos dos antigos nas relações como trabalho rural. Com o olhar na análise de mudança com interpretação sociológica dos dados etnográficos para, assim, conseguir ajustes sociais à sociologia brasileira.

O saber ancestral e coletivo tem sua contribuição e nos liga à história oral em forma de continuidade do movimento com desafios de identidade na memória e na história temática, tivemos o cuidado em não parar a vida para construir a tese e, sim, transformar o ato de pesquisar nas suas experiências de vivência. Buscando a ruptura de colonização do ser, em uma busca ontológica do saber, do viver, da memória e da história oral: com todas essas questões em uma luta pela terra, e foi perguntado qual o papel do Coco de Roda na luta pelo território? E, obtivemos as seguintes respostas do E3, E5, E6, E9 e E10:

*O coco se consolidou e expandiu, nessa região, nos acampamentos, durante a **luta pela terra**. No Conde, temos 70% de território rural, ele é reconhecido mundialmente como território rural, não é à toa que temos 13 territórios que foram frutos de lutas pela terra (E3, 2022).*

*Aí, se iniciou a **luta pela terra**, em algumas comunidades, se expandiu pelo município. E aí, tiveram outros proprietários, que nunca foram donos de fato dessas terras, mas, se apossaram delas. Isso ocorreu na região do Gurugi e Barra de Gramame; Nilson e Nelson Pimentel, 02 irmãos, se apossaram das*

terras de Barra de Gramame e Gurugi. Nilson Pimentel tomou Barra de Gramame, e, Nelson Pimentel, o Gurugi. Se apossaram dessa região, e, os Lundgreen, dessa região de cá (E3, 2022).

*No mesmo território. Uma **luta** contra o Estado e outra contra o proprietário (E3, 2022).*

*Tudo era tomado pela Cana de açúcar. Aí, a **luta** era contra os usineiros, não contra o Estado. O povo teve de arrancar a cana (E3, 2022).*

*O interessante da **luta** do Gurugi é que, os homens recuavam, os usineiros colocavam as máquinas pra destruir a lavoura do povo, aí, os homens recuavam e, as mulheres iam com as crianças para a frente das máquinas, o que fazia as máquinas recuarem; foi uma perseguição muito grande, uma luta contra usineiros, com muito sofrimento e perseguição (E3, 2022).*

*Era muita **luta** da população, muito esforço. Em Jacumã, o trabalho central era a pesca. Depois, veio a construção civil, mas, anteriormente era a pesca, tínhamos peixe em fartura (E5, 2022).*

*Eu lembro, eu lembro, da **luta** da terra. O coco começava assim: Minha gente vamos lá...Pise firme/vamos **lutar** consciente/ que esse mundo assim não dá/vamos lutar consciente/ que esse mundo assim não dá firme/vamos lutar consciente/ que esse mundo assim não dá/vamos **lutar** consciente/ que esse mundo assim não dá/nem discurso, nem campanha, nem promessa, nem esmola/ (E6, 2022).*

*Era mais momento assim, em tempo de **luta, a luta da terra**, pra comemorar alguma coisa, alguma conquista, aí, o divertimento era aquilo, como não tinha música eletrônica, o povo não tinha condições de comprar um som, que hoje em dia tem mais facilidade, aí, o divertimento era a zabumba, o triângulo, o pandeiro, e o povo dançando, uns tocando, outros dançando lá no meio da roda (...) eu mesma sou nascida e criada aqui dentro do Gurugi, sou do Gurugi I, eu nasci em casa mesmo, vendo a luta do dia a dia e me criei, assim, como sou hoje, na luta pela terra, vendo meu pai sendo perseguido (E7, 2022).*

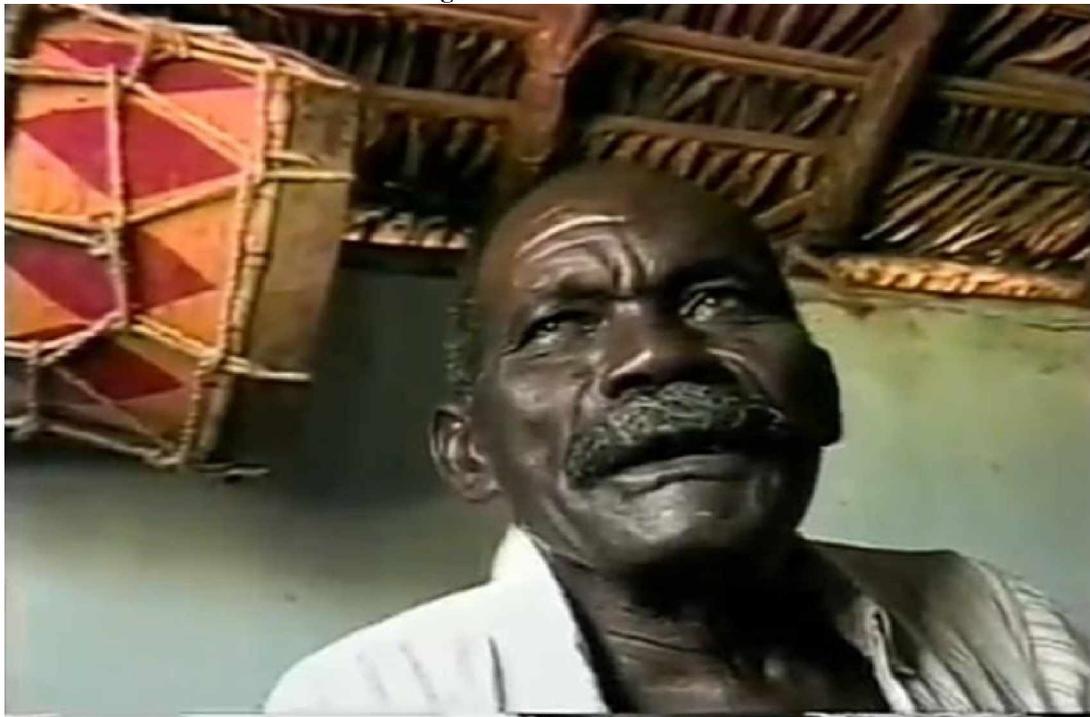
*A **luta** de Gurugi começou quando o proprietário chegou plantando cana. O povo não ficou só aqui, criou uma rede de **luta** e solidariedade, ia ajudar os outros (E9, 2022).*

*O Gurugi também havia sido um lugar de conquista e **luta pela terra**, e, existia uma parceria entre os Gurugi e os outros territórios (E10, 2022).*

Além disso, a luta pela terra foi o conceito de destaque nas falas anteriores trazendo as contradições com o fenômeno diante de uma autodisciplina em prol de um fenômeno cultural que vem de um autorreconhecimento na própria memória e na própria identidade e, na própria territorialidade que o Coco de Roda traz aos quilombos, às comunidades indígenas, às festas do Coco de Roda são como sala de aula, e suas pistas das músicas atingem forças políticas, e, por isso, manter vivo o Coco de Roda é constituir a Educação Popular, com efeito a de uma

pedagogia da esperança na cidade de Conde, que se dá em um mundo simbólico e nos aspectos históricos.

Imagem 45: Mestre Severino



Fonte: Site Acervo Ayala. Disponível em: <https://www.acervoayala.com/>. Acesso em: 08\11\2022

Entretanto, foi pensada a cidade com autonomia da tese com as experiências próprias vividas com os sujeitos da pesquisa, sendo agentes participantes do Coco de Roda e, também, sujeitos da investigação com trabalho de base na Educação Popular, buscando a história temática nas Entrevistas realizadas na base de tradição oral, sabendo do potencial da História de vida, que preenche lacunas e servir como documentação oficial, o que é importante fio condutor para outros estudos, o Coco de Roda tem/teve uma associação que foi trabalhada para continuar a defesa da memória, mesmo com aquelas pessoas que foram afastadas dos espaços da cultura popular influenciados pelo protestantismo.

O método é o caminho, mas nem todo caminho é método, o legado do passado aparece no texto para problematizar o lugar científico, político-técnico da Educação popular a partir das práticas coletivas para a descolonização da pedagogia em uma ontologia de circularidade cultural e ancestral. Foi perguntado qual o papel do Coco de Roda na comunidade?

Essas letras significavam a importância do município, pois falavam do Gurugi, de Jacumã, de Tambaba, falavam também do Conde, eram músicas que falavam do lugar e também do povo, do pescador e do cotidiano; e falavam do lugar da gente (E2, 2022).

*Eram mensagens que traziam **esperança** junto à questão do lugar, falam, também, da questão do pescador, que ia para o mar; então, assim, as músicas remetiam, traziam muito essas lembranças; esse canto me fazia pensar nessa realidade, a realidade do local; trazia, por exemplo, a **esperança** do pescador retornar do mar, meu avô, por exemplo, que administrava um curral de pesca no mar de seu Almir Correia, então, a música trazia essa **esperança** do retorno (E2, 2022).*

*Os jovens de minha época sim, tinham mais interesse. Na época de São João, as jovens corriam, vinham ajudar na construção da festa. Os jovens se juntavam pra dançar. Aqui, minha avó fazia o Coco, na época, não existia outra **brincadeira** para os jovens. O povo de Jacumã se envolvia na Festa de Reis, faziam leilão pra arrecadar dinheiro para as festas. Tinha festa de São João, São Pedro (E5, 2022).*

*Pra você ter ideia, tem senhores e senhoras com mais de 80 anos dançando Coco, o marido da minha tia, que morreu agora há pouco, ele com quase 90 anos, e ainda tava dançando Coco de roda (...) e, da mesma forma, já tinha um garotinho de 03 anos ensaiando os primeiros passos; não deixa de ser um **fortalecimento** para que as famílias, a cultura, a essência do lugar não acabem nunca (E10, 2022).*

*São Pedro, São João, tinha, nas **comemorações** de Santo Antônio, a tradição que o pessoal costumava fazer fogueiras, fomos tocando instrumentos de caixa, eu aprendi a tocar na caixa (E10, 2022).*

*Sempre fazemos uma **festividade**; além dos costumes antigos: São João, São Pedro, Santana; e, às vezes, em horários não combinados, quando recebemos pesquisadores, historiadores, pessoas de outros países, que vem conhecer a cultura (E10, 2022).*

As repostas do E2, E5 e E10, foram bem claras dando destaque ao cotidiano, a esperança por dias melhores e ao fortalecimento dos territórios nas comemorações e nas festividades juninas, para abordarmos a problemática aqui delimitada, utilizamos a pesquisa qualitativa, por entendermos que essa abordagem é a que melhor atende à natureza das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes desta pesquisa de campo. Cabe lembrar que, para a análise dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo das entrevistas.

Imagem 46: Registro do antigo Coco de Roda da Praia de Jacumã



Fonte: Site Acervo Ayala. Disponível em: <https://www.acervoayala.com/>. Acesso em: 08\11\2022

Nosso compromisso foi se fazer presente no momento histórico, onde se falava do Coco de Roda e da Educação Popular, realizando uma pesquisa de campo, em busca de uma História Oral que traz algo novo, pois enquanto tese, tínhamos o dever de observar, nas falas de superação da alienação pela consciência crítica, ver a mudança de postura de uma consciência Ingênua por uma consciência crítica em um movimento de conscientização, pois, para perspectiva freireana, a ação da educação sobre a realidade nos traz novas estruturas e novos estudos culturais para a superação da cultura colonial opressora. Assim, como segue nas análises de nossas entrevistas e as relações com a agricultura e a pesca.

*Nós temos essa cultura, e temos a pesca. A pesca é um meio de **sobrevivência**, o meu marido botava tarrafa, era o meio de **sobrevivência** (E4, 2022).*

*Era a mangabeira, o cajueiro seco. Era o coco, quando os tratores passavam, ficava a madeira grossa, nós pegava. Eu e minha mãe era na luta do mangue, **pescando** (E6, 2022).*

*A minha infância no Gurugi era de uma criança saudável, ver meu pai lutar pelo pão de cada dia, ir com minha mãe apanhar **mangaba** no roçado (E6, 2022).*

*Era o **inhame**, se plantava muito, o **mamão**, a **graviola**, tinha a plantaçozinha de **graviola**, nós tudinho, minha mãe, Nena (E6, 2022).*

*Não tinha como sair e arrumar dinheiro. Minha mãe, que era muito inteligente, sabia como tirar as mangabas, a gente vivia disso. Eram 12, 13 caixas de **Mangaba**, a gente enchia um fusca, o único carro que tinha aqui dentro. Aí, a gente alugava esse carro, e o dono levava a gente até a BR 101,*

*a gente ia pra Goiana, pra vender. Aqui, a gente não sofria muito porque a gente apanhava **mangaba**, tinha muita **mangaba**. Mangaba era típico daqui (E7, 2022).*

*E, antigamente, que o pessoal tirava daqui pra João Pessoa a pé com um balaio de **mangaba** na cabeça, já pensou? Hoje em dia, quem vai? Era muita luta antigamente (E7, 2022).*

*Muitas pessoas tinham roçado, a maioria sobrevivia das **colheitas**, das árvores, dos frutos, dessas mangabeiras (E9, 2022).*

*A mãe da dona do Bar Raça Negra se deitou nos pés de Burity, pra Burity empatar a derrubada de **mangabeiras**. Ele disse que ninguém iria mais arrancar mais mangabeiras (E9, 2022).*

As falas do E4, E6, E7 e E9 revelam a importância das relações com a agricultura e com a preservação do meio ambiente, estando aberto ao movimento da História Oral e aos fenômenos humanos e as contradições e com todos os acontecimentos que fugiam de nossa imprevisibilidade e, com orientação, agindo como pesquisador, fizemos sempre o exercício de se perguntar sobre o que realmente queríamos saber sobre o antigo Coco de Roda, e, chegamos à conclusão de que era necessário aprofundar mais nossa pesquisa no território, e saber sobre esse mergulho que estamos fazendo em buscar de nossa tese.

Todavia, se existiam as relações do antigo Coco de Roda com a Educação Popular, e, assim como as fontes disponíveis para a pesquisa, de forma primária e secundária, seguimos para a fase exploratória, já com o tema específico para gravar os relatos, para a *posteriori*, fazer as análises de conteúdo. Fizemos entrevista diretiva, organizamos os documentos gravados e, fizemos as transcrições dos documentos digitais; transformamos documentos digitais em documentos escritos, coletamos todas as fichas com as assinaturas, realizamos as entrevistas semiestruturadas, após as entrevistas serem realizadas, obtivemos as informações da nossa hipótese de tese, que o Antigo Coco de Roda refletia não só processos históricos de resistência popular, como há, nele, relação com os princípios da Educação Popular., que foram surgindo na memória dos entrevistados E2, E4, E7, E9 e E10, como se referem as falas que seguem:

*A gente fazia o Coco e todo mundo cantava, **havia o refrão, que ficava na memória**, quando cantava, a gente repetia a parte do refrão, então, a gente, eu e meus amigos, começávamos a dançar, junto às senhoras e os senhores (E2, 2022).*

*As **letras** traziam os momentos que estávamos vivenciando, **as letras** traziam os momentos do acampamento (E4, 2022).*

Esse Coco foi uma apresentação no Conde, e a turma de Gurugi foi cantar lá. O Coco era assim: Eu moro na Agrovila/Onde mora João, José e Maria/Mas não tá tudo bem seu prefeito pois nós não temos energia/. Eu dancei esse Coco lá na quadra (...) Eu pergunto isso porque, tanta a lapinha, quando a ciranda

e o **Coco trazem um processo de educação**; pois essa letra é um protesto, uma reclamação por não ter chegado ainda na localidade a energia elétrica (E4, 2022).

Têm as poesias que os zabumbeiros cantavam: Sete e sete são catorze, vezes três são vinte e um/Tenho sete namorados/mas só quero bem a um/. Aí, a gente estava dançando e respondia: Atirei no mar/ o mar abalou/atirei na cor morena/baleei o meu amor/ (E4, 2022).

Teve até uma música que a gente fez na época de Zé Maranhão, quando ele era governador, a gente fez uma música, com o povo na rua, tinha uma que dizia assim: O risco que corre o pó corre o machado/não há o que temer/aqueles que mandam matar também podem morrer/esse minha proposta o lado de lá já decretou/se matarem um daqui dois de lá vamos matar! (...) Aí, tinha outra que dizia assim também: A terra é santa, a terra é do povo, a terra é de Deus/ aqui plantando de tudo dá/o povo quer terra pra cultivar/dá manga, caju e maracujá/o povo quer terra pra trabalhar (...) Porque, eles mandavam matar os agricultores, e, como eles **mandavam matar, a nossa resposta era assim, em música com o coco de roda** (E7, 2022).

O Coco da mulher que pisa na barra da saia, o outro Coco, do Gato que pega rola no ar, o da canoa de Mituaçu, eram muitos **Cocos dos antigos**. O Coco de roda, antigamente, servia como uma brincadeira (E9, 2022).

Um coco: Foi você, foi você/que roubou meu passarinho;/ aí, Domício, respondeu, pra não ficar incriminado: Não fui eu, Não fui eu/eu achei muito no ninho; Aí, Zé Maria insistiu: Foi você, foi você que roubou meu passarinho. Aí, Domício cantou de novo, já aumentando a voz: Não fui eu, Não fui eu/eu achei muito no ninho. Aí, Zé Maria se chateou que Domício tinha aumentado a voz, e aumentou a dele também: Mas foi você, foi você mesmo/que matou meu passarinho (...) **eram as perguntas e as respostas**. Coco pra isso, por conta dessa situação; a letra dizia assim: Capim Lelê, cheguei agora/um pé na meia/outro de fora. Hoje, eu ainda escuto muito esse Coco. pois isso foi a minha mãe, que passou a letra (E10, 2022).

Tem outra que diz assim, o início: Nesta praia tem tanto Coco/eu fico louco com tanta beleza/sou pescador, sou de água fria/sou o moreno cirandeiro/sou o chamego de Lia. Você vê que, os versos sempre chamam para um namoro, um encontro (...) **Exatamente, o Coco é desafiador**; quando, na mesma roda de Coco, tem dois mestres, eles costumam se **desafiar** (E10, 2022).

A hipótese foi confirmada, por vários momentos, ao longo das entrevistas, foi citado que o Antigo Coco de Roda foi um movimento de organização com os princípios da Educação Popular, e que, após se fazer a interpretação dos documentos no primeiro momento com as fontes de Memória, em um segundo momento, com História Oral, fazendo uma sistematização temporal, observando a linha do tempo do Coco de Roda, foi confirmado claramente que os lugares onde se tocaram o Coco de Roda a Educação Popular e as categorias se fizeram presentes, foram surgindo ao longo de toda em nossa pesquisa. Com a realização das

entrevistas, foram encontradas letras de antigos Coco e, nas formas de organização das lutas pelo território, os conceitos fundantes da Educação Popular

4.2 Memórias sobre o Coco de Roda no município de Conde - PB

Neste tópico de nosso derradeiro capítulo, queremos iniciar destacando a importância de atuar como educador popular nesses territórios, mesmo sabendo das dificuldades de um ensino, sendo professor de Filosofia no Ensino Médio, tendo 28 turmas pra desenvolver os processos de ensino e aprendizagens, e, em média, mais de 1000 (mil) alunos por ano, tentando, com muita força e garra, atuar nesse contexto com a Educação Popular dentro do sistema de uma educação das massas, estamos trazendo no nosso trabalho de base uma ressignificação da história e uma ressignificação do ser negro, indígena e os afroindígenas, em uma releitura da formação do território e de todas as emergências étnicas, desenvolvendo uma Educação Popular feita pelo povo, com o povo, e para o povo, pois, é importante destacar o grande conhecimento adquirido pelo povo nessa junção afroindígena ao longo desse 500 anos de miscigenação e de conflitos territoriais, existe uma luta muito forte no município, no Assentamento Dona Antonia, nos quilombos de Gurugi e Ipiranga, a na comunidade ribeirinha da Vila de pescadores de Jacumã, as quais trabalho e pesquisa e notório a valorização do Coco de Roda na História Oral das pessoas entrevistadas. Ao questionarmos sobre a participação das pessoas no antigo Coco de Roda, tivemos as respostas do E3, E9 e E10, Vejamos as respostas:

O coco de roda é uma cultura já de raízes, dos ancestrais, passado de gerações e gerações. Não é algo criado há 05, 10 anos, tem muito mais de 100 anos (...) tem pessoas que moram no Gurugi, local que eu nasci e me criei, que hoje tem mais de 100 anos e vivenciaram tudo isso, a cultura do Coco (E3, 2022).

As primeiras vezes que vi Coco eu era garoto, o pessoal de Gurugi tinha outros divertimentos; tocava por diversão, no São João, Santo Antônio, São Pedro. Isso, entre os meus 10, 11 anos, tenho 75 anos, então isso têm mais de 65 anos (...) mas, isso já acontecia bem antes, pode botar mais de 100 anos. O meu bisavô morreu com seus 100 e poucos anos; meu avô, com 90 e poucos anos, e eu já escutava essa história de Coco de roda, é muito antigo (E9, 2022).

O meu pai era muito apaixonado por essa brincadeira, ele cantava aqui e o pessoal escutava a voz dele. Ele tocava zabumba, caixa e cantava (E11, 2022).

E, é sobre essa cultura adquirida ao longo do tempo que surge todas as multiplicidades de eixos de classificação social deste bravo povo afroindígena, nessa hierarquia de classes, onde o capital domina e explora uma multiplicidade de formas de trabalho, tendo como perspectiva de mudança as ações das associações de Gurugi e Ipiranga, Dona Antônia e Vila de Pescadores

de Jacumã, onde desenvolvemos forças pra continuar produzindo e colaborando com as festas de Coco no município, pois, a luta desse povo está sendo fortalecida por todos nós em um movimento de construção social, que vem com bastante força nos relatos que seguem:

*O Coco de roda, quando começou, no Gurugi, a gente fazia a **brincadeira no chão**. Quando um fazia uma casa, casa de taipa, fez o piso, a gente fazia o Coco de roda, que era pra pisar o barro. Não tinha essa história de fazer outro piso por cima não, o chão pisado do Coco era o que já se usava na casa. No Gurugi não existia uma casa de tijolo não, só de taipa. Quem fazia uma casa, cantava um **Coco de Roda** (E9, 2022).*

Antes, eram casas de palha, camas de vara, roupa velha em cima das camas de vara pra botar os filhos pra dormir (E3, 2022).

*A gente se juntava no meio da rua, todo mundo na roda, quando tocava o Coco, já começavam a dançar, o Coco era uma mistura de gente e de dança, cada um dançava do seu jeito (...) E, a gente passava a noite todinha só no Coco. A brincadeira era essa. **Sentavam no chão**, começavam a fazer letra de Coco, tome Coco, não parava não. Não tinha som mecânico, só o som da zabumba e do Coco. O outro instrumento era lata de óleo, batia, tocava; eles mesmos providenciavam a brincadeira, perto da praia, na **luz de candeeiro**. Não tinha confusão, briga, nunca. Quando dava 04 horas da manhã, o pessoal já se ajeitava pra o banho do rio (E5, 2022).*

As falas das entrevistas acima revelam um pouco da realidade socioeconômica quando trazem elementos como: “*brincadeira no chão (...) não existia uma casa de tijolo não, só de taipa*” (E9, 2022); *eram casas de palha, camas de vara, roupa velha* (E3, 2022); “*se juntava no meio da rua (...) Sentavam no chão (...) luz de candeeiro*” (E5, 2022). O que demonstra como os sujeitos que dançam o Coco vem de famílias em situação de vulnerabilidade social, sobretudo aqueles cujos ancestrais são quilombolas ou indígenas, os quais passaram pelo período de escravidão.

Nesse sentido, temos que desenvolver uma visão macro das relações de divisão do mundo trabalho entre centros, periferias e territórios rurais, desenvolvendo uma hierarquia étnico-racial global, que preconceitualiza a Cultura Popular, afirmando que só produzem folclore, mitos, mas, nunca teorias ou conhecimentos; uma hierarquia linguística entre línguas europeias e línguas não europeias, onde, na produção de conhecimentos e na comunicação, se privilegia as primeiras e subalterniza as segundas como criadoras de culturas, mas, nunca de teorias ou de conhecimentos, e, com isso, nossa tentativa é tratar esses dados com uma perspectiva de avanço.

E, assim, transformar junto com a luta das comunidades pesquisadas, uma luta pela propriedade em uma luta pela preservação de territórios, conceito que incorpora as relações sociais, culturas com a preservação de saberes, relação com a natureza e com a “civilização”,

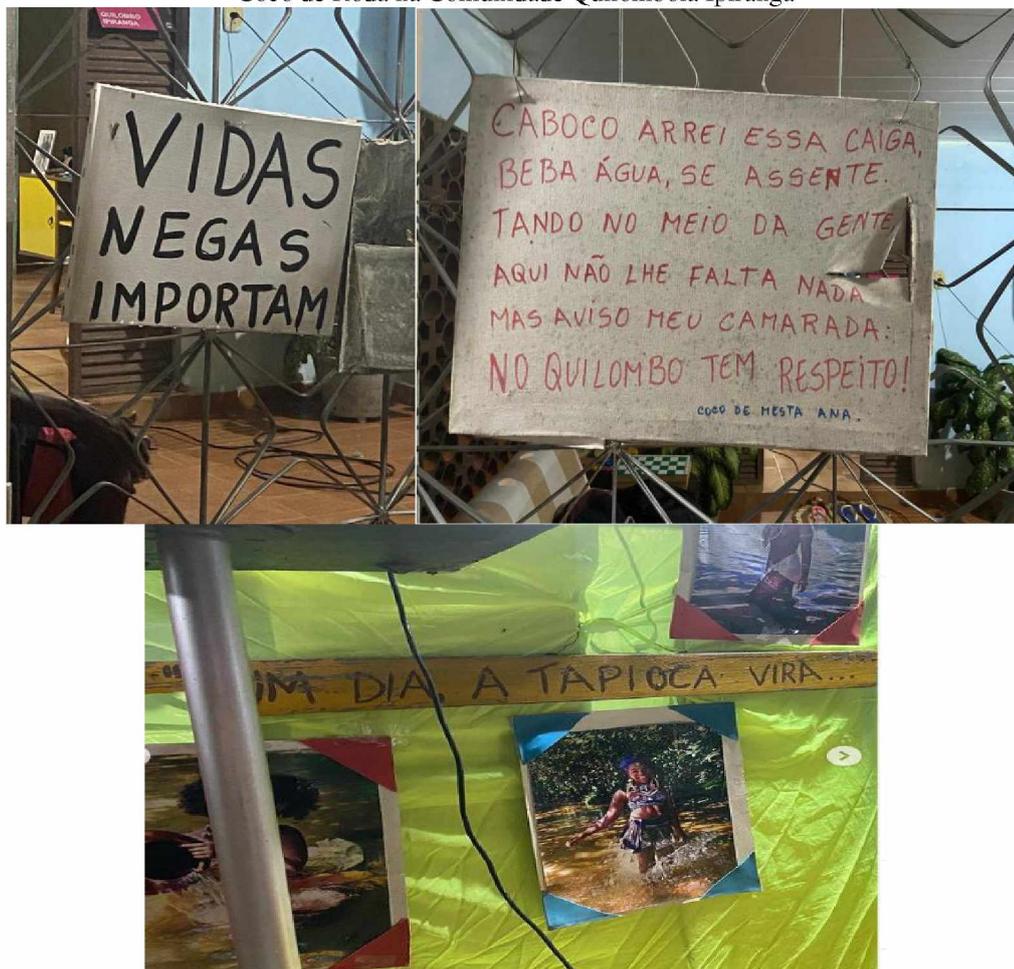
reconhecendo a Cultura Popular como um direito ancestral com objetivos atuais nas políticas públicas com foco na cidadania diferenciada das comunidades tradicionais, visando ações nas perspectivas de políticas públicas, que superem o descaso do governo federal do presidente Jair Messias Bolsonaro aos povos tradicionais e os preconceitos históricos das matrizes negras e indígenas do nosso povo, que se desenvolveram ao longo da história do Brasil. Muitas comunidades não conseguem acessar políticas públicas nem universais nem específicas nos territórios, como observamos nas falas dos seguintes entrevistados:

A palhoça Redondo do Dragão já existia. Naquela época, sem energia, só na luz de candeeiro, e eles brincavam ali. Na época de São João, meu avô juntava as pessoas. Nessa época, não se tinha os instrumentos de hoje, se batia em latas, o coco era tocado em latas, o pessoal brincava, criava as letras sobre os momentos vividos. Todos os momentos vivenciados na luta pela terra no Conde, a principal cultura cantada era o coco, mesmo com tanta dificuldade. O povo fazia os acampamentos, e, para passar a noite acordado, realizava as rodas de coco (E3, 2022).

Meu bisavô, pai caboclo, e minha bisavó, mãe Bu, tinham uma caixa, e tocavam numa lata de querosene, aí, eu começava a treinar, e, quando faltava um pra tocar, me chamavam (E9, 2022).

Nesse sentido, o Coco de Roda nos territórios como atos concretos contra a discriminação para os impactos sociais contra o racismo, com compreensão e classificação para se pensar articulação entre as políticas de valorização e políticas de combate às desigualdades, de combate ao racismo institucional e, o fim de perseguição, acusação e prisão do povo negro no campo e na cidade, como, também, os de serviços de denúncia contra o racismo, muitas vezes motivados pela resistência da polícia e do judiciário com o racismo institucional. Vejamos exemplos de três cartazes críticos e educativos em um dos territórios quilombolas onde o Coco ocorre:

Imagens 47-48-49: Cartazes críticos e educativos expostos pela mestra Ana do Coco durante a apresentação do Coco de Roda na Comunidade Quilombola Ipiranga



Fonte: Arquivo da professora Aline Machado (Conde-PB/2023)

O primeiro cartaz, branco com letras pretas, escrito “Vidas negras importam”, apesar do erro na língua portuguesa, revela uma frase de protesto e contestação com relação as vidas das pessoas negras, e fica pregado no portão do terraço da mestra Ana do Coco para ser visto por todos os visitantes que ali dançam o Coco. O segundo cartaz, branco com letras vermelhas, com escritos mais longo, fica exposto ao lado do cartaz anterior, e revela acolhimento aos visitantes, mas também exige respeito ao quilombo. O último cartaz, na verdade é um recorte de um painel maior com uma montagem de várias imagens de pessoas afrodescendentes, mas também traz uma frase educativa e crítica: “Um dia a tapioca vira”. Isso demonstra uma visão dialética, visto que traz um movimento, pois significa uma que na vida as coisas mudam de posição. E essa virada, bem como esse conjunto de imagens e frases estimula um processo de conscientização. A questão étnico-racial está presente, mas também, a luta de classes, como está destacado na fala do entrevistado E11:

*É muito importante pra a comunidade, porque é uma maneira, também, de fortalecer a cultura negra na comunidade... Nesses dias atuais, o que mais se vê é a mídia querer desconstruir essa ideia da **cultura negra** (E11, 2022).*

Importante pensar a superação de tudo isso com políticas de valorização e ampliação do reconhecimento no reforço da identidade na construção de subjetividades que procurem equilibrar a representação da participação de cada grupo na construção nacional pela Educação e pelo Patrimônio Histórico e Cultural. Quando perguntamos se o Antigo Coco de Roda tinha relação com a Educação e por que, vejamos as respostas do E2, E3, E4, E5, E9 3 E10:

Tem sim, porque, a Educação Popular, falando sobre a importância disso aí, a Educação Popular, por exemplo, quando falei sobre o seu livro em sala de aula, quando falei na cultura do município de Conde, e perguntaram qual tema seria trabalhado em sala de aula, eu disse, eu tenho um tema, ligado a um professor que foi na comunidade quilombola, e que tem uma parte importante, aqui, para trabalharmos, e todo mundo perguntou, “quem” e eu disse, “professor Cícero”; então fui falar sobre você, sua importância para a educação, então os estudantes leram o livro e, observaram como aquilo era importante; porque, as pessoas trabalhavam com cultura popular. Eu considero uma relação que nos traz a importância do conhecimento popular, que se dá a partir do Coco de Roda. Os mais velhos têm muito a nos ensinar, eu vejo que, a questão do ensino, de seu potencial, se liga muito à questão dos mais velhos. Então, esse conhecimento me fez levar o Coco a ser trabalhado em sala de aula; quando eu começava a trabalhar esse tema, a gente procurava saber a resistência, os mais antigos, foi daí que veio o conhecimento ainda maior, as conversas com as pessoas mais antigas; mas, foi nesse momento que passei a saber mais. Eu acredito que tem uma relação direta com a Educação Popular (E2, 2022).

Educação Popular é a educação de base, o modelo de educação pensado por Paulo Freire. A educação que vem do povo para a escola; não a educação que venha da escola para o povo. Tem que vir os conceitos e demandas do povo para a escola (E3, 2022).

O coco nos dava algo muito importante, que era a leitura de mundo (E4, 2022).

Eu vejo, porque, como o povo fala na escola sobre o Coco e, o que representa muito para a cultura O coco puxa a educação, porque, é um aprendizado. Poderíamos chamar de uma Educação Popular (...) O meu pai gostava de ensinar zabumba, triângulo, estimular os jovens a aprender e ocupar a sua mente ali, era isso aí, na época meu pai já tinha uma lista de adolescentes querendo participar (E5, 2022).

É, primeiro a gente fazia as reuniões, em Alhandra, e, depois das reuniões. O Coco de roda era adjunto ao povo. Além de escutar as reuniões das propostas dos segmentos, de como poderia fazer, ou não poderia fazer, as decisões, de como agir, de como fazer, dos cuidados necessários (E9, 2022).

Eu, com o meu modesto conhecimento, penso que o Coco de roda tem ligação direta com a Educação Popular, e, eu diria que é uma educação popular e

cultural, de troca de conhecimentos, eles trocam conhecimento na diversão (E10, 2022).

Temos a Educação Popular como uma bandeira de apoio e de mobilização em prol do povo, como os das comunidades tradicionais, lutar, também, nas disputas internas desde os movimentos das associações aos de cooperativismo, como na esfera do legislativo da prefeitura e do governo do estado com ações de protagonismo do povo negro, sendo, eles mesmos, os mediadores de suas necessidades de representantes internos às comunidades com formação política para os moradores e membros das comunidades, com o objetivo de superar conflitos vividos contra os latifundiários e as grandes empresas e grandes empreendimentos no ramo imobiliário, e nesse sentido seguem as falas dos entrevistado quando foi perguntado se existe alguma forma de resistência na Memória do Coco de Roda? Como se dá essa relação

Botavam os cavalos por cima do povo e era porrada, era pau, não era brincadeira não. Pegavam os idosos, e botavam os cavalos por cima, metiam aqueles cassetetes que eles tinham, não queriam saber não, se era criança ou idoso não, era pau mesmo (E7, 2022).

*As terras eram ocupadas por usineiros e, tinha o administrador das propriedades, os **usineiros que exploravam**, e, o povo de Gurugi vivia só numa localidade sem espaço par trabalhar, cultivar, tirar seu sustento. Tudo o que ocorreu de morte e violência foi com os rendeiros. **O proprietário não sujou as mãos de sangue, os rendeiros que sujaram**, pois, foi na luta de Gurugi que **aconteceu as mortes**, que houve chacina, tudo na luta pela terra do Gurugi, fatos provocados por José Albino e Nelson Pimentel. Aí, no momento da denúncia, fomo à Telpa, ligamos para o programa de Boca quente, ficamos uns 10 minutos no ar fazendo a denúncia, eu fui ameaçada e perseguida, cheguei a ser considerada marcada para morrer; tive de sair do Gurugi por um tempo, fiquei escondida, recebendo ajudas (...) essa área aqui, principalmente o assentamento Dona Antônia, foi um território indígena, esse assentamento está localizado dentro de um **território indígena**. Essas terras tabajaras, dos povos indígenas dessa região, foram tomadas pelos Lundgreen (...) sim, e, uma coisa interessante é que o Almir Correia, o pai de Tatiana, era um empregado da família. Empregado de Frederico Lundgreen, se aproximou e casou com Jeranil. Quem gerou essa família Lundgreen, aqui, foi Frederico Lundgreen, o pai de Dona Jeranil Lundgreen, mãe de Tatiana Lundgreen. Essa área toda eles tomaram (E3, 2022).*

*Os capangas já ficavam esperando a gente, pra pegar nós. A gente não ia pela estrada, porque eles, **os capangas, estavam lá empiqueitados**. A gente ia até Muçumago e depois tirava de pés até Jaguaribe, pra Federação dos **Trabalhadores Rurais**, ia e vinha de pés (E9, 2022).*

Consequentemente, não só o ramo imobiliário e o latifúndio que foram os grandes problemas enfrentados pela resistência do povo, também, o desemprego e a migração como desagregadores das comunidades. Assim como todas as disputas internas como formas de opressão e violência, fizeram surgir a organização do todo, a exemplo das associações de

Gurugi e de Ipiranga que tem um histórico de luta nas comunidades, a associação dos moradores de Dona Antônia e, a Colônia de Pescadores de Jacumã, que mantém firme a resistência no território. Além disso, os desafios nas políticas públicas para criar novas necessidade de formação técnica no setor da agricultura e articulações de mudança em infraestrutura e melhoramento na moradia com reivindicação nas múltiplas nas esferas e instituições do setor público, federal, estadual, municipal, assim como a resistência, na construção de uma educação antirracista nas escolas dos próprios territórios. Pois, seguimos firmes diante dos relatos dos entrevistados:

Isso, acontecia nessa época; a rua era toda enfeitada; faziam as casas de palha, cobertas de palha, aonde os homens iam pegar as palhas nos coqueiros por aí, e tiravam as palhas e se começava a chamar as pessoas antigas, que gostavam de tocar; a zabumba, era tocada; então isso era importante e, a gente quando criança, na questão do Coco de roda, gostava de participar. Era importante, porque, ali, tínhamos essa diversão, a gente se animava, se alegrava, quando acontecia o coco de roda; e, assim, a gente ia vivendo esse processo, e, quando começava o coco de roda a memória, muito importante, até hoje, tenho isso como uma coisa muito importante de minha vida. Como, aqui, temos a vila de pescadores, muitos deles eram pescadores, tudo acontecia com os pescadores, os pescadores que faziam essa movimentação, pois, junto à zabumba, tinha que ter o triângulo, e tinha gente que tocava muito triângulo; inclusive eu, que sempre fui um molequinho bem atento, eu sempre fiquei no triângulo. Coco de roda, a reunião entre as pessoas, a importância daquilo; e como todos iam ao Coco, a comunidade do Ouro, a de Dona Antônia, a reunião das pessoas (...) a importância do Coco hoje, para mim, enquanto já foi importante para mim quando eu participava, é vê-lo hoje, ativo, porque, eu já vi o Coco morrendo. Eu pensava, “isso aí não pode acabar”. Quando eu estava com cerca de 18 anos, pensava que o Coco iria acabar (E2, 2022).

Muita gente que participava do Coco de Roda foi morrendo, outros foram deixando, foram ficando doentes, aí, veio a resistência das gerações atuais que continuaram a luta, mesmo tendo algumas pessoas que não se importava mais com o Coco. E, hoje, vemos a importância para o município. E, como é importante ver que ele não morreu, como há muitas pessoas querendo lutar pelo Coco e vê-lo renascendo a cada dia. E ter a certeza o Coco não chegou a morrer, mas quase foi esquecido, até mesmo pelas pessoas mais antigas do Coco. Muitos netos de pessoas ligadas ao Antigo Coco não sabiam dessa memória, e, com certeza, com a nossa pesquisa puderam revivê-la.

Na memória, vem lembranças do passado, da infância, da adolescência, de pessoas criadas ali, naquela região na cultura indígena e quilombola, sempre houve essa resistência, a partir de Dona Lenita e Dona Lenira, que são irmãs, e que cantava o Coco antigamente, foi uma das maiores resistência da região, e manteve o Coco de roda, e passou para os seus filhos; hoje, a sua filha, a mestra Ana Rodrigues, Ana do Coco, educadora popular, mantém a

resistência no quilombo Ipiranga, junto a moradores antigos que também, assim como Ana, que herdaram o Coco de seus pais e avós, resistem, com muitas dificuldades, mas resistem, e o Coco só tem crescido naquela território, como se observou nas falas dos entrevistados E1, E2, E3

*Em Jacumã, tinha Zé Cotia, e, era também uma **resistência** forte em Jacumã; Há **muitos anos**, eu era menino, via o Coco em Jacumã, na Vila dos Pescadores, que na época era de areia, não havia calçamento ainda (...) Vão Vão; Vão Vão era pescador. Uma vez vinha com um balaio de peixe, quando ouviu o Coco, não contou conversa, começou a dançar e dançou tanto Coco, que quando ele foi pegar de volta os peixes, eles já estavam “passados”, ele esqueceu do peixe e foi dançar Coco (E1, 2022).*

*Eu tenho uma família hoje, a família Rufino, família grande, numerosa aqui, de grande extensão, que participava do Coco de Roda. Aqueles que não iam para dançar, iam para olhar, E antes, era a rua toda de barro, a poeira subia, era bom demais! Quando eu falo em Coco de Roda me emociono um pouco, porque, é **uma memória** minha, eu criança, com oito, nove anos, e, eu me emociono bastante ao falar nisso (...) tudo o que se passou aqui de cultura, a parte histórica da cidade, passou a ser de minha memória; até hoje, fica em **minha memória**; então, não tenho como fugir; o Coco de roda, quando ia acontecer, a gente se reunia com as pessoas (o Coco sempre acontecia no mês de junho), na época de festas juninas (E2 2022).*

*O coco, e a ciranda também, foi bem diversificada naquela região do Gurugi, e, também, algo que tenho **bem forte na memória**. A ciranda foi mais vivenciada nos acampamentos; o Coco já é algo mais antigo e efetivado na cultura do Conde (E3, 2022).*

*Então, eu creio que através do coco de roda a gente poderia conseguir muito coisa, porque é a dança que **tá unindo todos os povos, de mais novos a mais velhos, de comunidades a comunidades** (E13, 2022).*

Como esses exemplos, o povo de resistência, o Coco de Roda continua a unir as pessoas dos mais novos aos mais antigos, partindo de uma memória forte. Nas falas de nossas entrevistas, seguimos nossas análises e, compreendemos que a resistência do povo também está preocupada com a permanência das pessoas na participação do Coco de Roda nos dias atuais, pois, não basta só resgatar a memória do Coco, pois, o importante é permanecer com objetivos claros de participação popular, hoje, com objetivo da formação humana, para que se possa manter viva a produção e difusão de conhecimento e das lutas do movimento do Coco de Roda e da Educação Popular. Nas comunidades, nas escolas, nas associações, estimulando essa visão crítica, que, certamente são reflexões que advém da Cultura Popular, da comunidade que vivem, sobre tudo da participação no Coco de Roda.

4.3 O Coco de Roda, da Brincadeira a Resistencia no território de Conde-PB

Em primeiro lugar, é preciso entender que a etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros. Esta diferenciação ocorre em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos e, principalmente, territoriais, pois, segundo Milton Santos,

Por território, entende-se, geralmente, a extensão apropriada usada, mas, o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de pertencer aquilo que nos pertence, esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de estado (SANTOS, 2013, p.26).

Contudo, já sobre o termo *raça*, podemos expor a ideia a qual justifica que, para seres humanos, o conceito não existe: A contribuição de vários povos na formação da identidade brasileira é evidente e nos remete à riqueza de uma sociedade plural, na qual a originalidade de cada cultura deve ser valorizada como proteção social do território.

A fala dos entrevistados apontam que o Coco de Roda resgata os ensinamentos dos mais antigos, o que expressa que há um processo de Educação Popular por meio dessa dança. É valorizando essa pluralidade étnica e cultural que cada um, nos aspectos da sociologia e da antropologia rural, como sujeito participante de um processo de afirmação de identidade, poderá contribuir com valores, ações e condutas que se tornem fundamentais no equilíbrio de uma sociedade mais humanizada a partir do respeito às gerações mais antigas e que tudo isso aconteceu ao longo do tempo com um processo de mudança da brincadeira a resistência, como destaca os entrevistados E5 e E9,

*Quando eu me entendi de gente, e compreendi as **brincadeiras** que meu pai fazia, eu participei de muitas brincadeiras; era meu pai chamando o pessoal na época de São João, e, eu fui crescendo naquelas **brincadeiras**; sempre era na rua, não tinha pavilhão, só teve depois. Vinha muita gente de fora para **brincar** (...) Esse Coco vinha de Pitimbu; a família de meu pai vinha de Pitimbu, e, ele já trouxe de lá; conhecia lá e trouxe pra cá; era um **divertimento** (E5, 2022).*

*O meu avô tinha ciúme da zabumba e não deixava meu pai tocar. Era a história que meu pai contava. Quando o pai dele saía, ele ia escondido, pegava a zabumba, e ficava tocando. Foi quando ele aprendeu a tocar. Aí, depois que meu avô faleceu, o meu pai continuou a **brincadeira** (...) o pessoal de Gurugi vinha brincar aqui. Dona Lenita vinha **brincar** aqui. Tem uma foto de Dona Lenita bem novinha dançando no Coco daqui. Teve um ano (1993), em que ela disse para minha mãe, pra fazer umas roupas, umas saias. Meu pai topou, deu um dinheiro, compararam uns panos, e fizeram as saias*

rodadas. Aí, ficou uma brincadeira mais alegre, com mais cores. Fizemos para termos uma roda de saia na brincadeira, uma coisa mais organizada (E5, 2022).

Na minha lembrança, meus pais, meus tios, meus avôs, bisavôs, era quem gostava dessa brincadeira de Coco de roda (E9, 2022).

Para tratar de uma temática cujo recorte se faz a partir da diversidade étnico-racial do Brasil, nos diversos espaços de brincadeira da Cultura Popular espalhadas ao longo dos territórios tradicionais do nosso país, mas o primeiro passo necessário deve ser ressaltar o processo histórico que mostra, nessa discussão, as especificidades do que é ser negro nesse país e, como ali se processaram as formas de racismo. Em seguida, é necessário buscar o passado como tempo presente da história pessoal de cada um, buscando a construção, ressignificação e fortalecimento de sua identidade no território, pois, Santos (2013), destaca que:

Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução, mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que entre os seres vivos, é um privilégio. (SANTOS 2013, p.19)

E, isso, deve ser desenvolvido o mais rápido possível como processo de conhecimento e vivência pessoal das questões aqui tratadas, precisa ser um processo cotidiano, mas, antes disso, deve ser algo vivido e pensado na perspectiva continuada, pode e deve ser vivido por instituições e espaços que não o acadêmico para um aprendizado com significado com ênfase no território e na territorialidade, que segundo “Num sentido restrito, território é um nome político para o espaço”(SANTOS, 2013, p 20); observamos, no decorrer da nossa pesquisa, que os grupos de cultura popular de Coco de Roda, também formam associações e desenvolvem ações socioculturais centradas no processo de humanização da população dos territórios, e, por sua vez,

É nesse sentido que um território condiciona a localização dos atores, pois as ações que sobre ele se operam dependem de sua própria constituição, norteando em suas relações particularmente a busca de uma interpretação geográfica da sociedade brasileira (SANTOS, 2013, p 22).

Além disso, utilizando a arte, a música, a cultura popular e a educação popular como ferramentas de inclusão social produtiva e de cidadania, a partir da temática afro-brasileira. Referência de multiculturalismo na zona sul da mata paraibana, o Coco de Roda integra as mais diversas formas de expressões artísticas na música, nas artes cênicas, literatura, na dança na educação popular, com o objetivo de promover a diversidade cultural, garantindo a originalidade das expressões culturais locais com um grande potencial na Cultura Popular da

em todo o território da Paraíba. “O território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de cada lugar, e constitui o pano de fundo do estudo das diversas etapas e do momento atual” (SANTOS, 2013, p. 21).

As vivências que são proporcionadas vêm se somando nas experiências de formação do povo no território e pelo território, bem como tem se configurado em um espaço de Cultura Popular e de Educação Popular importantes na visão dos sujeitos da pesquisa. Essas experiências, denominadas de *acolhimentos afetivos*, também trazem toda a subjetividade da temática da construção das representações afro-brasileiras. Os acolhimentos afetivos consistem em vivências que despertam e corporificam emoções, sentidos e memórias individuais e coletivas sobre nossa ancestralidade. Essas vivências provocam um contato e um reconhecimento da história e, a partir disso, um novo olhar sobre o contexto histórico da sociedade brasileira com toda a sua forma.

Portanto, a partir dessa valorização do Coco de Roda, se espera que a comunidade fortaleça sua identidade e se perceba como um agente ativo e transformador da sociedade. Assim, pretendem que os participantes e moradores das comunidades possam a partir do que foi assimilado nos acolhimentos do Coco de Roda, ter mais subsídios para aproveitar as situações cotidianas para promover a interação cultural através da realidade vivenciada a fim de promover o rompimento com o preconceito e discriminação.

Dessa maneira, entendemos que o Coco de Roda tem contribuindo para uma sociedade mais justa e uma Educação Popular que valorize cada sujeito, neste sentido, realizamos uma explanação sobre as falas partilhando com a ideia de etnia, um conceito que nos faz pensar sobre um sujeito que constrói a sua identidade a partir do que ele vivencia.

E, mesmo diante de tanto sofrer, que é fruto do processo de escravização dos povos africanos que eram presos em suas terras nativas e conduzidos para o Brasil. Com a transferência dos povos africanos para o Brasil, os africanos encontraram uma forma de manter sua cultura viva por meio da música e da dança, pois se utilizaram de assimilação e integração ao local dominante, com a finalidade de manter suas tradições vivas, embora que momentaneamente em segredo por conta de tantos outros atos de violência.

Contudo, a forma mais concreta e real aos estudos do povo negro e culturas afro-brasileira e africana. Portanto, elas vieram legitimar a luta dos afrodescendentes pelo ensino da história e cultura africanas, cujo objetivo seria fazer compreender a pluralidade étnica na formação da sociedade brasileira, buscando a valorização da cultura e história de cada etnia, e o respeito às diferenças que fazem do Brasil o que ele é.

Imagem 50: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Nossos argumentos sobressaem sobre como os modos, costumes ou comportamentos modificam, como nossos valores mudam, mas percebemos que, historicamente, isso modifica, não deliberadamente, mas, compulsoriamente. Assim, destacamos o Coco de Roda como instrumentos ou “armas” cujos intuitos são modificar “nossa cultura” diante de conceitos, problemas, fatos, histórias mal contadas e não contadas, e com isso imperar sobre valores, não verdades e mitos a fim de torná-los algo próprio, respeitando valores e verdades.

Alguns, mas não os únicos, Apresentar desafios para a Educação Popular e quebrar o silêncio quanto à diversidade étnica na construção da história como também legitimar a luta dos afrodescendentes pela história oral e pela cultura africana e indígena, desconstruindo, ressignificando e reconstruindo, para construir uma concepção real para desconstruir estereótipos para assim se poder refletir sobre o Coco de Roda como elemento da Educação Popular, através da utilização de diferentes linguagens.

Desde as décadas de 1970 e 1980, os movimentos negros e indígenas vêm em busca de projetos para a valorização da história e da cultura afro-brasileira e indígena, numa luta que parece ser eterna, principalmente dentro dos próprios territórios, no intuito não acabar, mas ao menos amenizar a cultura de desvalorização do negro e do indígena diante de uma batalha intensa contra o racismo, que também é uma luta da Educação Popular.

Imagem 51: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

Como a discussão se estende a diversas áreas ou ciências, esta pesquisa tentou levantar uma discussão que pudesse quebrar um pouco essa ideia de que somos diferentes porque somos negros, brancos, índios, ou qualquer outra coisa senão seres humanos, mas o que nos diferencia destes são nossos costumes, nossa visão política, nossa cultura não como superior ou inferior. Mostrar que diversos elementos vão nos diferenciar e, ao mesmo tempo, nos identificar como pertencentes à mesma sociedade, mas que, por hábitos ou comportamentos, nos diferenciamos.

Imagem 52: Registros da luta pela terra no Assentamento Dona Antônia



Fonte: Associação de Moradores de Dona Antônia (2020)

É preciso compreender que a Cultura Popular não deve ser pautada, exclusivamente, em conhecimentos eurocêntricos, que não levam em consideração a cultura e a origem dos afrodescendentes e dos povos indígenas. Ou seja, um território democrático não é aquele que

apenas fornece acessibilidade às comunidades historicamente relegadas a segundo plano, mas, sobretudo, que busca compreender e visibilizar o modo de vida daqueles que, por muito tempo, ficaram à margem da sociedade, escondidos nas comunidade e suas lutas pelo reconhecimento e pelas terras nas quais seus antepassados viveram e morreram, pois, onde 58,5% dos paraibanos são negros, com origens indígenas que ao longo do tempo foram construindo estratégias para sobreviverem, pois, muitos foram as opressões e tentativas de massacre. Os relatos a seguir evidenciam bem essas questões. Quando foi perguntado sobre as formas de resistência do Coco e, como se deram essas relações.

Teve a morte de Bila e mais 18 agricultores atingidos por tiros disparados de um carro, e, eu fui a última a sair do hospital. Teve o atropelamento e os tiros, quando ele atropelou, deu a volta, passou por cima de Bila, que não resistiu; o carro também me atingiu, mas, apenas as pernas, inclusive, uma de minhas pernas sofreu risco de amputamento, devido à gravidade dos ferimentos. Quando a gente estava por lá, aconteceu muita violência. A nossa ida a Alhandra foi para pedir ao juiz para interceder no caso de Zé de Lela. Houve, então, o atropelamento e a morte de Bila, eu estava lá no momento (E3, 2022).

A gente deixava o comboio de polícia passar, e soltava os fogos, e aí, alertava o povo aqui (E7, 2022).

A gente estava acampado, houve o despejo, pois, assim que as autoridades foram informadas, mandaram uma ordem de despejo, quando o pessoal chegou, a gente já tinha melancia madura, já tinha macaxeira colhendo. Botaram fogo nas barracas da gente (que eram feitas de palha e lona), e as crianças ficaram espalhadas no meio do tempo, por dentro dos coqueiros vendo os pertences pegando fogo, e, os tratores pelo terreno como se tivessem cultivando terra, o que, na verdade, eles estavam cultivando a nossa lavoura, a gente sempre soube planta, a gente tinha nossas estratégias (E10, 2022).

Nos diálogos informais, assim como nas entrevistas com todos os participantes do Coco de Roda observamos os sentimentos de busca por justiça a todas as violências que aconteceram e, ainda acontecem nos territórios pesquisados e, as principais reivindicações da comunidade são a construção de reservatórios para água do tipo cisternas, postos de saúde e atendimento médico que contemple suas necessidades como, também, um ensino de qualidade e adequação à realidade do povo do campo e da pesca, e, uma segurança alimentar por parte dos governos. Programas de geração de emprego e renda de acordo com as especificidades da região e das comunidades apontadas.

Eles querem que o governo estadual, em parceria com os governos federal e municipal assumam compromisso com o segmento do campo e da pesca para a construção, em conjunto, de um espaços de comercialização e, também, a criação de uma política governamental permanente para implementar políticas públicas para as comunidades, tais como as políticas de

habitação, adequadas à realidade e, com melhoramento das estradas de acesso às comunidades, pois, esses problemas enfrentados pelas pessoas das comunidades pesquisadas são os reflexos de abandono por parte do poder público, gerando cada vez mais um cenário de discriminação, preconceito, empobrecimento e insegurança, como, também, a saída dos jovens para as cidades em busca de trabalho.

Mas, segundo alguns dos entrevistados, o Coco de Roda tem atraído olhares do poder público para a comunidade, por isso, também apresentam conquistas a comemorar como, principalmente, o autorreconhecimento, certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP), o fortalecimento das associações e a maior participação das comunidades, com criação de projeto nestas, como os relativos à energia elétrica e os retornos dos programas do governo federal para uma melhoria na alimentação. Assim como, a identificação e reconhecimento da terra para todos das comunidades, faltando, ainda, escolas adequadas para todas as comunidades, e um atendimento médico e programas de saúde específicos como acesso ao crédito para melhoramento das estradas e construção de moradias a todos das comunidades.

Enfim, todos esses questionamentos e reflexões revelam que, de fato, vem ocorrendo um processo de conscientização histórica entre os integrantes do Coco de Roda, pois eles não só estão cientes dos seus problemas, como lutam para superá-los

4.4 As relações existentes entre o Coco de Roda e a Educação Popular

Como educador popular e militante social, vamos destacar, neste último ponto, a reflexão feita por Brandão (2013), quando afirma que, no Brasil e no mundo, aos quem desejam compreender a Educação Popular, temos que “Reler, com cuidado, as notas de rodapé de *Pedagogia do Oprimido* onde haverá de reconhecer, as pluralidades abertas das leituras praticadas por Paulo Freire” (BRANDÃO, 2013 p. 12).

E, sobre essa pluralidade da Educação Popular, é necessário que se respeite o tempo das pessoas e que exista uma nova forma de tratamento, em prol da Educação Popular como suporte pedagógico e com políticas públicas com recursos e mediações por gestão em um campo político, já no campo social, as políticas públicas, principalmente por todos aqueles que estão dando continuidade ao movimento da Educação Popular nas esferas sociais, nas partes de dentro dessas esferas. Com trocas de experiências e os avanços no campo da Educação Popular em bases de ações como, por exemplo, os documentos e balanços de problemas antigos e perspectivas que estão como política pública de nível, no momento de balanço, devem ser refundamentados os elemento de estratégias e as redes de comunicação dentro dos próprios movimentos de Educação Popular em uma autocrítica, pois, existe uma necessidade de retorno

a base para que assim seja possível o entendimento da linguagem do povo, como dizem os próximos entrevistados E2, E11 e E13 em seus relatos sobre se antigo Coco de Roda obteve conquista no município? Em caso positivo, quais?

*Meu querido, é tão importante que, até hoje, estamos aqui **trabalhando** com o Coco de Roda”; é **importante trabalhar** com essa **cultura** que, não pode morrer (E2, 2022).*

*Com certeza, aquelas pessoas mais de idade tá passando um pouco da **tradição** (...) essa é época de **plantar**, essa é época **de pescar** ... Tudo tem uma questão cultural. E, com Coco de roda, vamos comemorar a **safra** e a **pescaria** (E11, 2022).*

*Como ele disse que teve a **influência do avô** dele, teve também a **influência da minha avó**, que também era **das antiga** daqui do coco... ela dançava... daqui da comunidade... dona Noêmia, ela dançava coco **há muito tempo** (E13, 2022).*

Sendo assim, esses projetos de participação popular pautado no trabalho, respeitando as tradições do plantar, do pescar e todas as influencias dos mais antigos, resgatando a cultura com perspectivas de integração, dando ênfase aos pontos de articulação entre o Coco de Roda e a Educação Popular para a formação de núcleos de artesanato, reciclagem e agricultura familiar, nessas três bases, como a Educação Popular, nessa articulação entre teorias e práticas, superando os problemas de participação popular nas ações políticas nos seguimentos, e, que essas dificuldades sejam superadas com grandes articulações e formas de lutas com mobilização em prol de pautas e reivindicações nas participações, nas cenas políticas com uma perspectiva de uma Educação Popular para tomada de decisões em prol de um movimento popular dentro dos territórios para valorizar cada vez mais o Coco de Roda como um patrimônio que estimula as pessoas a sonhar, como sugere a fala do entrevistado.

Há alguns anos, uns 03, 04 anos, o professor Cícero Pedroza me resgatou, me instigou voltar a estudar depois de quase 35 anos sem estudar, me disse, “rapaz, você é um professor, tem que se preparar para ensinar”, aí eu disse, “mas, já faz 35 anos que não estudo”, e aí o professor Cícero fez a minha inscrição no Enceja, me deu as coordenadas e eu passei. Aí, fiz o Enem, passei na prova e hoje sou universitário, vim aqui hoje sondar, aprender na Educação do Campo, e sou muito grato ao professor Cícero Pedroza, que me abriu os olhos para essa oportunidade com a Educação Popular para adquirir novos conhecimentos, e lutar por uma sociedade melhor, através da educação e da Cultura Popular (E1, 2022).

No entanto, nos grandes grupos de formação em Educação Popular, esses cenários de continuidades estão em um momento de crises em que ainda não se destacou uma política que se desenvolva a partir de uma rede nacional de Educação Popular nos territórios tradicionais, com possibilidades de um momento em que as políticas públicas para a consolidação de todas

as propostas em seus múltiplos aspectos, onde sejam possíveis de serem realizados nos territórios tradicionais, com o início no trabalho base em diretrizes e instrumentos políticos de formação para o mundo do trabalho, e uma educação para tomadas de decisões, pois, há muito tempo esse povo espera por esse acontecimento.

Além disso, a Educação Popular não permanece apenas como Educação de Jovens e Adultos, mas, também, a Educação Popular é algo que no cenário atual é uma forma de interação com os povos tradicionais, como, por exemplo, o povo quilombola no exercício da cidadania, para que o pesquisar, sempre com justificativa e exigência da docência, possa, desde a década de 1970, desenvolver suas práticas na bases comunitárias, pois, foi nesse momento, nas políticas a nível nacional, onde se desenvolveu o contato com pessoas nas mais diversas áreas de conhecimentos, e, no momento de problemas sérios com a ditadura militar e todas o seu difícil contexto.

Porém, com diferenças e problemas, mas, com a certeza da união como o trabalho de base vital da luta do povo, unindo dos mais jovens ao mais velhos, ou seja, une gerações, como segue nas falas da entrevistada E5:

*Eu, bem jovenzinha, com Tio Batista, Tio Nildo, ia pra Tambaú, brincava coco por lá em Tambaú, meu pai passou um bom tempo morando por lá, pois pescava lá. Depois, vinha pra cá, **brincava aqui**, reunia o pessoal aqui. Foi, então, que fundaram o **Coco de Jacumã** (E5, 2022).*

*Hoje, divulgam; diz que o coco é do Ipiranga. Diz que o pai dança o coco, diz que a mãe dança o coco, que os **avós dançaram o coco** (E5, 2022).*

*Ele já fala, já valoriza, né? Já num critica mais como algum tempo atrás criticava... que antes diziam que era **coisa de velho**, mas... **hoje, num é só de velho, né?** (E5, 2022).*

Podemos notar que essas falas também revelam a valorização da identidade do Coco de Roda, além do registro aos mais velhos e suas tradições. A Educação Popular, como está hoje nos territórios, também é um aspecto filosófico, pois, também está superando, junto com a cultura e com a Educação, um fenômeno humano na perspectiva freireana, o saber é o ponto de partida como processo de ensino e aprendizagem, pois, ao ensinar, todos aprendem com a percepção de diferenciação, esse processo se faz por meio da nossa relação com o mundo e com a natureza, com uma visão filosófica que acontece pelo trabalho com as relações do povo com o mundo. O que pressupõe contradições e movimentos da Educação Popular, então, temos uma filosofia e uma teoria do conhecimento que vai nos responder as relações com a natureza e com o humano, em que se desenvolve na antropologia um movimento onde o pesquisado está nas

bases, ou seja, dentro do espaço pesquisado e, o ponto de partida é o mundo, é a realidade, e a origem do conhecimento está no mundo e nas vivências dos sujeitos, que nos jogam na produção desse conhecimento, que se dá na realidade.

E, com isso, significa que a Educação Popular tem suas bases empíricas na Cultura Popular, mas, podemos destacar os vários caminhos a seguir pelo conhecimento a partir de vários métodos e formas de fazer, tanto na fenomenologia, as bases filosóficas do movimento, como na dialética, em formas objetivas de desejos e direções em prol da transformação da realidade, formas metodológicas pautadas em pedagogias próprias, como forma de potencializar melhor as condições e as situações e que, também, se dá na forma de política, com uma opção de povo, pois, o relato de como o Coco de Roda desenvolveu um processo de conscientização nas comunidades foi questionado.

Certamente, são as lutas dessas classes trabalhadoras que irão superar a relação entre os oprimidos e seus opressores, destacando os agrupamentos humanos como formas de combate da opressão com os princípios éticos e morais que remetem a valores e categorias, como a luta e a resistência, destacado no relato de como o Coco de roda contribuiu com a Educação Popular com os membros da comunidade.

Por consequência, como vemos na fala do entrevistado, é vinculada mais uma responsabilidade à Educação Popular, a de desconstruir a ditadura da mídia, com os povos das comunidades tradicionais, como, também, um momento de se conectar com a preservação do Meio Ambiente, ou seja, uma Educação Popular para a transformação e a preservação do Meio Ambiente, tanto no micro como no macro, em uma perspectiva naturalista e, em uma perspectiva socioinstrumental, com um modo de apreender nos níveis e em cada fase das vidas a as compreensões em processos pedagógicos na formação e nos estágios cognitivos no ser humano no local e no global, no papel político-pedagógico atual, cabe destacar as falas dos entrevistados quando se perguntou sobre as conquistas do movimento do Coco de Roda no município e obtemos as seguintes respostas.

*Usava-se do coco, digamos: uma **manifestação no Palácio do Governo** lá em João Pessoa. Então o povo ia e dançava coco a noite toda, então, se tinha um acampamento, pra ficar à noite lá, naquele acampamento, tem que ter coco (E11, 2022).*

*Por isso que o coco antigamente ia até amanhecer o dia, porque quando o primeiro **toque do bombo** saía, a gente sabia que Mituaçu ia ouvir, que Ouro Verde ia ouvir... então como são **comunidades distantes**, eles iam demorar um pouco a chegar aqui, mas vinham (E12, 2022).*

*Vai ter uma **ocupação no Palácio do Governo**. Então todo acontecimento, o que acontecia, quando voltava pra comunidade, isso virava música, entendeu? (E13, 2022).*

*O coco era como uma forma de mostrar que **o povo tá unido**, que o povo **conseguiu** mais uma vez, mais uma coisa, mais uma luta, uma conquista. (E12, 2022).*

Prosseguindo com a continuidade da nossa análise, observamos que o toque do bombo do Coco de Roda sempre esteve ligado a eventos de ocupação para reivindicações, e com uma grande caráter de mobilização e de união do povo, destacamos a dimensão ontológica do ser social, que existe na história desse povo e da Cultura Popular e da Educação Popular, como movimento da própria educação nos diversos tipos, como na formal do ambiente escolar, como na informal do ambiente comunitário, como, também, na não formal, com a perspectiva dos movimentos sociais na educação, tendo como fio condutor uma pedagogia em Educação Popular, partindo das coisas do mundo mesmo. Pois, o relato de como o antigo Coco de Roda contribuiu com a Educação Popular com os membros da comunidade estão nessas bases de reconhecimento, então perguntou-se, o Coco de Roda obteve conquistas na comunidade? Quais? Vejamos então as respostas do E2, E3, E5 e E7.

*A gente **já conquistou muita coisa** através do coco, muita coisa... a gente conquistou espaço... a gente **conquistou identidade**... Hoje em dia, o pessoal conhece a nossa comunidade (...) **o coco tinha, mas era nas vitórias... nas conquistas... aí faziam aquela roda no terreiro, e saía coco, mas era nas vitórias, entendeu? Juntava todo mundo pra se sentir bem nas vitórias** (E2, 2022).*

*Essas conquistas traziam uma coisa tão importante, que **era a unificação**, a junção da comunidade, do povo do lugar; nós tínhamos um lugar de **unificação da população**, era a roda de Coco (E2, 2022).*

*O que me deixa mais aliviada é a **conquista do território**. Entramos há 26 anos, no dia 20 de novembro, **dia da Consciência Negra**, dia 20 de novembro de 1995 (E3, 2022).*

*Na parte da cultura, nós temos o reconhecimento do Coco de Roda, pois, se brincava e se divertia com o Coco, mas, não se **tinha o reconhecimento**. Essa foi uma conquista; **hoje, o Coco de roda é reconhecido mundialmente** (...) pois é, sou assentada, moro no Dona Antônia, **meus filhos permaneceram no assentamento**, nenhum fugiu da luta, **meus filhos hoje são agricultores**, eu também, estou hoje produzindo e **representando a associação**, estou no sexto mandato na diretoria (E3, 2022).*

*O rapaz que eu havia casado pediu para eu escolher entre ele e a luta; eu, então, fui para o acampamento; desde então, acabou-se o casamento em minha vida; quando fui embora, **me senti liberta** (E3, 2022).*

A gente chegou a ter mais de 60 jovens no grupo, fazíamos mutirão, quando fazíamos o roçado, fazíamos também algumas festas com o coco de roda (E3, 2022).

Aqui, em Jacumã, trouxe a conquista da alegria, da união da população. Também, um meio de sobrevivência para alguns. Gera a economia, de alguma forma (E5, 2022).

O coco, hoje, ressurgiu e revitalizou nossa cultura... foi o maior ganho pra comunidade, e trazer as crianças para o coco (E7, 2022).

Foi mapeado as categorias de Freire como condição histórica de movimento, assumindo, então, a Educação Popular como movimento social, também, a partir de categorias sistematizadas na raiz etimológica da Educação Popular, conectada com uma visão pedagógica do método de ensino freireano, que, sempre esteve agregando seus sistemas de combate às desigualdades e opressão com uma forma de educar para tomada de decisões, contra a proposta clara e distinta para uma alienação das classes populares, com um populismo arriscado como base contra isso, a Educação Popular, como práxis pedagógica, a partir de categorias básicas para nossa análise, partindo da história pela dialética ao movimento com base no real, para uma análise seguindo para um concreto efetivo, sempre respeitando os percursos e caminhos para a busca do entendimento da relação do Coco de Roda com a Educação Popular em seus múltiplos aspectos, que tem contribuído em uma metodologia própria, como diz o entrevistado E2.

Então, a minha crítica estava aí, eu dizia, “não, gente, o Coco de roda não morreu, existe ainda, está vivo.” Temos de trabalhar com o Coco de roda, a nossa cultura, explicar o que foi, a importância não só para mim, mas também para os antigos, existia, antes de mim, as pessoas que participavam disso e que tinham o conhecimento, existe esse conhecimento, vamos buscá-lo (E2, 2022).

Percorrendo a linha do tempo em Freire, tendo como base uma *Educação como Prática para a Liberdade*, seguindo uma *Pedagogia do Oprimido* para uma análise das contradições entre opressores e oprimidos, destacando as relações concretas destes, tendo como fonte de inspiração a expressão de que ninguém liberta ninguém, que ninguém se liberta sozinho, e, que os homens e mulheres se libertam em comunhão. Destaco, então, o relato de como o Coco de Roda tem contribuído com a Educação Popular, com a seguinte fala:

Com certeza; como eu já disse, o Coco de roda é uma dança, uma cultura desafiadora, então, ali, naquele momento, você pode extravasar, é uma dança forte, que mexe muito com a parte física de seu corpo, você está rodando, fazendo passos pequenos, que tem que pular, estimula o preparo físico, a saúde, não deixa de ser uma educação (E10, 2022).

Mas, o coco significa tanto pra mim, quanto como os jovens, quanto pra as pessoas mais velhas, o coco é nossa raiz, um ponto muito forte do povo, já....

*Uma identidade nossa.. se a gente tivesse como pontear a comunidade de Gurugi e a do Ipiranga, o coco seria como **ponto de ligação** das duas comunidades, como **identidade** das duas, entendeu? (E12, 2022).*

Tendo total compressão crítica de que é necessário superar a forma forjada de igualdade pela inquietação do pensar para uma liberdade individual, não como a forma de uma separação de algo que é produzido socialmente pela elite dominante, mas, com a consciência de sermos inconclusos. Mas, quem são esses sujeitos que são oprimidos e quem são seus opressores? Oprimidos são os que se sentem menos, são os que agem como oprimidos, opressores são os que roubam a humanização do sujeito e o privam da liberdade, e, como agir diante desse cenário? Fazendo uso da Educação Popular para uma autonomia livre de violência e de relações de opressão e exploração social, estrutural para uma práxis transformadora de consciência crítica da realidade e de todos esses aspectos sociais no tempo como diz as falas dos entrevistados E2, E3 e E4.

***O Coco traz um movimento de unidade, unificação, essa expressão é forte, a unificação da população, unificar as pessoas (...)** trilhar a questão do Coco, para mim era importante, levar aquilo ali; eu, nativo, que nasci e me criei dentro do território de Conde, aonde essa casa, que você está reunido comigo hoje, faz quarenta anos que moro aqui (E2, 2022).*

*O Coco de Roda fez com que o povo ainda mais **se unisse para continuar lutando** (E3, 2022).*

*Se você prestar atenção à letra da música, você vai aprender bastante sobre **história, fala da história, fala dos acontecimentos que aconteceram, que estão acontecendo** (E4, 2022).*

E, com todo esse debate em torno dessas relações, é necessário destacar, nas falas dos entrevistados, categorias que dialoguem nas perspectivas da Educação Popular, para a descoberta das realidades postas para uma práxis consciente de suas lutas e resistências para ações libertadoras, que superem as contradições, de forma a possibilitar a reconstrução do ser histórico, através do diálogo, da palavra, com a intuição e a intencionalidade de mudança, sem perder a generosidade. Acreditando que, pela Educação Popular, os povos das comunidades tradicionais são os trabalhadores que lutam por um protagonismo comunitário concreto, como sujeitos transformadores. Pois, nossa utopia máxima é uma sociedade com lutas contra a opressão, principalmente nesse nosso reencontro com a democracia, e que esses aspectos da relação na memória entre os opressores e os oprimidos possam ser superados por uma ligação entre a teoria e a prática, objetivando uma nova síntese e, que esse movimento possa trazer uma dialética a ser desenvolvida para uma Educação Popular, que, mesmo consciente do que seja, as utopias continuam com ela, pois, acreditamos que o importante é o caminhar e tornar

constantes nossas lutas e resistências. Isso se dá pela concepção de uma Educação Popular como instrumento contra a opressão e contra a conceitos que estão na memória, contra a liberdade individual desenvolvida pelos poderes, pela ignorância, pela domesticação, pela alienação, pela marginalização, privando os indivíduos do pensar autêntico na sociedade de classes. Observamos que, o relato de como o Coco de Roda contribuiu com a Educação Popular está intimamente ligado a uma questão de resistência pela reforma agrária:

*Até antes dos movimentos, **pela luta...** é... pela questão da **reforma agrária da comunidade**. quando se passou a ter as reuniões para **reivindicar o território usava-se o instrumento do coco de roda para informação dessas reuniões** (E4, 2022).*

E, essa sociedade em definição é um conjunto de pessoas que vivem em um determinado território, regidas por normas e leis em comum, sendo elas considerada tanto como um todo ou por partes, em que estão pessoas incluídas e excluídas em direitos e deveres e, que ambos estão socialmente envolvidos em interesses conflitantes nos grupos sociais hegemônicos, tendo como bases de mudanças, por parte da Educação Popular, o senso crítico para uma construção da alteridade como forma de reconhecimento do outro, por suas diferenças e por suas semelhanças nessa estrutura social vigente. Pois, o relato de como o Coco de Roda contribuiu com a Educação Popular está em forma de união, pelas reuniões de um movimento organizado, como segue a fala. Ao perguntar se existe alguma coisa que não foi perguntado e que você quer falar? os entrevistados E1, E3 e E10 destacaram o seguinte,

*Então, a partir daí já se começou a **utilizar do coco pra essas reuniões...** E essas **reuniões sempre davam em coco**, Por que se o fazendeiro chegasse “o que é?”... é o coco que tá tendo, né? Aí quando a luta passou a ter a luta da reforma Quando se passou a luta mesmo, então se usava do coco (E1, 2022).*

*Exatamente, o medo de viver, a gente tinha medo de viver, de sair pros cantos, a gente **tinha medo de represália**, de **tocaia**, essas coisas; hoje em dia, é diferente. Nós temos um pouco de paz e **podemos nos reunir** (E3, 2022).*

*Eu vou aqui fazer uma observação, durante a nossa trajetória, nós tínhamos **algumas estratégias**, para poder não sermos surpreendidos naquela situação, de que a gente não pudesse se defender e **proteger nossas famílias** (E10, 2022).*

Portanto, nós, que fazemos a Educação Popular, temos como desafio compreender as estruturas, para, só assim efetivar a possibilidade de lutar por mudanças, pois essas sociedades podem ser comparadas com uma fruta, que tem, em sua estrutura, a casca, o fruto e a semente, essa casca é a margem que divide os que estão ou não excluídos, o que define quem é o opressor e quem é verdadeiramente o oprimido, e, quem é concretamente marginalizado, entre a casca e

a semente está o próprio fruto, que significa a parte maior da sociedade civil, que tem, em sua maioria, as massas, as que são facilmente manipuladas e coagidas; e, por último, está o núcleo duro da sociedade, a semente, lugar de poucos detentores de poderes sociais, como os políticos, religiosos, burgueses, empresários e os poderosos donos dos meios de comunicação do nosso país, com conexões do local ao global, entre o micro e o macro. E, nesse contexto, os relatos das seguintes entrevistas, destacando o debate em aberto, respeitando a individualidade e a criticidade do sujeito, foi perguntado o seguinte. Existe alguma coisa que não foi perguntado e que você que falar?

Na nossa luta tinha uma lei, como se fosse uma diretoria, uma comissão, por exemplo, se você discutisse com qualquer pessoa, tinha que ir pra reunião, pra mexesse com assembleia discutir, saber porque tava discutindo, qualquer coisa que alguém, se mexessem com seu roçado, tinha de ir pra assembleia, pra saber, discutir sobre o que tava acontecendo (E8, 2022).

A gente não tem segurança, só os políticos, a gente faz as coisas, é agricultor, produz comida pra todo mundo, mas, a gente não tem segurança pra nada, hoje em dia tá desmantelado (E8, 2022).

Pra mim, é a segurança também, e, também, sobre os nossos jovens, alguma coisa pra ocupar a mente dos nossos jovens, hoje em dia tão se perdendo muito cedo, 12, 13 anos, as mães chorando, porque, uma mãe ter um filho, quer ver ele enterrar ela, e, hoje as mães estão enterrando os filhos precocemente. Se os órgãos competentes tivessem um projeto, algo que deslumbrasse eles, os adolescentes, pra que eles não chegassem a sofrer o que a gente sofre hoje, e que eles também sofrem, é algo que eu vejo muito hoje em dia (E6, 2022).

Antes, só tínhamos uma barraca, ou a lona; hoje, temos essa conquista; seria bom que mais pessoas tivessem essa visão, porque, hoje a gente tem água boa, energia, água encanada, casa de alvenaria, pode assistir uma TV, antes não tínhamos nada disso, só ouvíamos os grilos cantando, o bombo do Coco de roda. Fora as ameaças, que eram constantes (E10, 2022).

Uma boa educação em nosso território, uma boa saúde, principalmente hoje, que a gente vive sofrendo aí, a inflação lá em cima, tudo caro, o que a gente ganha não dá pra nada. Eu acho assim, só vai melhorar quando tirar o Bolsonaro do poder, enquanto ele estiver no poder, a gente não tem paz, nem tem barriga cheia. A gente só vai ter comida na mesa quando “pai” Lula voltar, aí a gente vai ter barriga cheia. Eu vejo por esse lado aí (E6, 2022).

Eu ainda acho que existe a possibilidade, ainda tem tempo, da gente poder se retratar, incluindo os jovens, as pessoas que estão aí estudando, se preparando pra trazer o desenvolvimento e crescimento para o assentamento, trazer médicos e engenheiros, mas, que saibam dançar Coco de Roda (risos) (E10, 2022).

De longe se ouvia, o vento levava o toque, pra bem longe. Hoje em dia, a gente toca 04, 05 horas, o povo já quer parar. Antigamente, era a noite inteira, e ninguém cansava (...) a zabumba que meu avô tinha, ele tocava no Gurugi, e dava pra ouvir em todos os cantos, tudo mata, silêncio (E9, 2022).

Então, outro ponto de extrema importância em nossa análise é a partir do cotidiano e das relações de cotidianidade entre os territórios, com a presença de uma Educação Popular, destacando os problemas tanto no mundo do trabalho como na negação das possibilidades de direitos, e que, essa reflexão possa desenvolver ações socioeducativas no movimento da Educação Popular, com as relações do mundo do trabalho a partir dos sistemas de cooperativismo do associativismo, que visa um novo modo de estabelecer relações econômicas, que busca o desenvolvimento territorial com ações articuladas em redes, para desenvolver o trabalho e a renda e o bem-estar do povo das comunidades tradicionais, visando um outro mundo possível, quebrando com a hegemonia do capitalismo e encarando de frente as dificuldades que existem em relação à divisão de classes e a opressão histórica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, quero concluir esse trabalho destacando, também, a nossa resistência em desenvolver essa pesquisa, “Memórias do Antigo Coco de Roda: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular”, trazendo para essas considerações finais o percurso histórico e metodológico do estudo, tendo como ponto de partida a metodologia da história oral, e, acreditando que a Educação Popular precisa dessa forma de pesquisa, para que, juntas, colaborem na preservação da Memória como um compromisso possível a ser desenvolvido por todos os que, de alguma forma, querem trazer a mudança nas perspectivas das pesquisas em Educação, principalmente na linha de pesquisa da Educação Popular.

Fundamental para a história oral o tratamento conceitual, dado o narrador que se dispõe a ajudar no processo da entrevista, sem dúvida, as considerações tradicionais carecem de novos ângulos (MEIHY, 2013, p.118).

Conseqüentemente, a partir do perfil social dos brincantes do Coco de Roda, fizemos novas considerações e interpretações, assim, utilizamos como técnica para a coleta de dados: entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, acompanhando o uso de gravador; formulário para identificação do perfil dos entrevistados; outro aspecto de extrema importância foi o uso da fotografia produzidas por nós, assim como fotografias antigas do acervo pessoal dos entrevistados como forma de ver o passado; também, analisamos as músicas que foram cantadas pelos entrevistados, falas do passado como tempo presente da História Oral sobre o antigo Coco de Roda no momento das entrevistas, trazendo as memórias dos Cocos que eram cantados e tocados nos territórios.

Também, foram analisadas as músicas dos CDs do grupo Novo Quilombo e do Grupo de Coco de Roda do Mestre Zé Cutia, ambos disponíveis no Youtube, como ferramenta de ajuda para a análise das entrevistas, fizemos uma observação participante em vários eventos do Coco de Roda no município, e, com o uso da análise de conteúdo, a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, cabe destacar que as pessoas foram escolhidas por serem em sua maioria lideranças consolidadas nos territórios, identificadas por nós ao longo de várias pesquisas realizadas ao longo de nossa trajetória de ensino e pesquisa.

No último ponto, foram relatadas e analisadas as falas dos entrevistados acerca do Coco de Roda no município, com a História Oral de resistência nas relações existentes entre o antigo Coco de Roda e a Educação Popular, a partir das técnicas da metodologia escolhida. Algo confirmado na citação a seguir:

Planejamento da condição da entrevista e da gravação, seguindo indicações previamente feitas, respeitando os procedimentos escolhidos, e, na adequação da História Oral, com o tratamento da passagem do código oral para o escrito, com conferência da gravação e da validação, autorização para o uso dos documentos e arquivamento e análises, e, assim, publicação dos resultados (MEIHY, 2011, p13).

Nesse viés, analisamos a formação da resistência, trazendo a pesquisa de campo com as entrevistas e, a análise de todo o material coletado. Assim, explicamos os processos de resistência popular advindos dessa expressão cultural que foi e permanece sendo, com influências do antigo Coco de Roda nos territórios tradicionais pesquisados como *locus* de nossos estudos.

A nossa tese é que, o antigo Coco de Roda no município de Conde-PB reflete não só processos históricos de resistência popular, como existe, nele, relação epistemológica com princípios da Educação Popular. Depois das análises dos dados coletados na realização das entrevistas da pesquisa, assim como, também, foram analisadas as músicas e fotografias antigas (encontradas ao longo da pesquisa de campo), obtivemos a confirmação da tese, que traz, também, nas imagens, a resistência cultural do Coco de Roda no município ao longo dos anos.

Nas letras das músicas do Coco de Roda, com o movimento de perguntas e respostas trazidos nas letras dos Cocos, podemos afirmar que este recurso é um movimento crítico da Educação Popular, nas grandes revelações trazidas na História Oral e na Memória pelos 13 sujeitos participantes entrevistados pela pesquisa.

A princípio, a resistência com o Coco de Roda veio das senzalas. E, certamente, foi uma das maiores representações da música brasileira, fortemente perseguida e, por muitas vezes, silenciada e, até mesmo apagada pelo sistema colonial e pela ditadura militar, por suas influências na Cultura Popular e no imaginário dos brasileiros, principalmente nos nordestinos (em nosso caso específico, nos paraibanos). Sempre como uma volta às origens, tivemos o objetivo de aprofundar cada vez mais a Cultura Popular do Nordeste; e, na Cultura Popular do litoral sul paraibano, especificamente, nos territórios quilombola de Gurugi e Ipiranga, no Assentamento Dona Antônia e na vila de pescadores da praia de Jacumã, no município de Conde-PB. Sabemos que temos muito ainda a pesquisar, nas rodas de Coco em todo o nosso Nordeste, assim como em outros movimentos de Cultura Popular.

Buscamos uma Educação Popular nas bases da realidade do mundo do trabalho, de pessoas e grupos com grande participação na transformação social, que se sustentam por suas próprias pernas, com raízes no trabalho de base, responsável pela definição das lutas contra a

neocolonização excludente, com a força da Educação Popular como projeção para o futuro, de forma que se possa duvidar das memórias opressoras, construindo, com as próprias afirmações, uma memória libertadora.

Entretanto, é necessário destacar o nosso mundo do trabalho aqui no território, com a Educação Popular na rede escolar, no micro e no macro, batendo de frente com o preconceito e com a opressão social em uma visão aprofundada do “Brasil e do povo brasileiro” (RIBEIRO, 1995, p.18), assim como, com a valorização do meio ambiente e, também, pela miscigenação de brancos, índios e negros, alinhada com a natureza, com a busca constante de uma segurança alimentar no território e, lutando, também, pela moradia, dividindo o trabalho no tempo agrícola, no tempo do turismo e no tempo da escola.

Nesse sentido, cabe destacar que o nosso trabalho na Educação Básica, especificamente no Ensino Médio, com a disciplina de Filosofia, é a força motora de toda a nossa trajetória, ao longo desse mergulho em todas as nossas pesquisas, desde o nível de especialização ao mestrado e, agora, no doutorado, com o fazer na Educação Pública, com o saber na Cultura Popular e, com o pesquisar na Educação Popular, assim, com perspectivas de ir mais além, com o compromisso de construir uma tese que será uma luz para outros estudos, tanto nossos, como de outros, mantendo a resistência da Educação Popular diante de tantos desafios em nossas atividades, há 15 anos na Educação Pública no território. Sob essa ótica, continuamos a caminhada metodológica sugerida por Paulo Freire, como segue na citação:

As relações entre a educação como processo de conscientização e da educação como conquista da liberdade constituem marcas constantes do discurso político-pedagógico de Freire (SCOGUGLIA, 2015, p 43).

Além disso, fazendo o uso das metodologias da Educação Popular para atuar nos territórios, nos superamos em fazer uso da metodologia da História Oral nessa pesquisa, pois, seguimos o movimento do objeto de estudo e, na atual pesquisa, observamos que o momento era de se pesquisar com a metodologia da História Oral, que sempre era lembrada pelas pessoas nas atuais rodas de Coco que participamos, sempre com o intuito de construir elos pedagógicos com todos os outros professores, mestres e mestras do território, desenvolvendo caminhos e horizontes da Educação Popular, mesmo diante dos desafios causados pela pandemia da covid-19 e dos retrocessos civilizatórios vividos por nós nos últimos 4 anos de um governo negacionista e irresponsável do ex-Presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), principalmente com a negação de apoio à pesquisa e ao desenvolvimento da educação no país, ocupando o vácuo golpista deixado pela fragilidade da democracia brasileira, com a

derrubada de um governo democraticamente eleito para seu segundo mandato, da presidenta Dilma Rousseff.

Com a resistência da Educação Popular e, com o retorno das pessoas ao trabalho de base, a História Oral e a Memória nos ajudaram a resistir, assim como Paulo Freire nos ensinou com a *Pedagogia do Oprimido*, nos ajudou a vencer e superar a memória opressora pela memória libertadora.

Pesquisamos com o exercício do ouvir, com o exercício do sentir nas músicas do antigo Coco de Roda, e destacamos o que queriam anunciar, o queriam dizer, e o que atualmente é importante para a fala do passado como tempo presente dessa História Oral, assim, como com o que está sendo tocado e cantado no contexto atual do Coco de Roda, para possibilitar pensar no futuro próximo a História Oficial e Real em um movimento dialético entre o passado, o presente e o futuro.

Observamos em nossa pesquisa que, se preciso, o Coco de Roda é uma arma de ataque, mas, também, de amor, cria um campo de entendimento entre as pessoas, com suas contradições, que, como pesquisadores, temos de estar atentos a todas as formas de pensar, em que nós entendemos como um conhecimento socialmente relevante, de como que, de certa forma, ajude a resolver os problemas das comunidades, com um tipo de conhecimento que potencialize as pessoas a melhorar seus meios de vida, pois, desde o seu início, a Educação Popular foi conscientizadora, e sempre será, com visão iluminista centrada na razão e na interpretação da palavra.

Sabendo que as palavras constroem o mundo, e que a existência de uma continuidade pedagógica da obra de Paulo Freire é forma de construção de uma sociedade democrática, assim como está estabelecido na sua primeira obra *“Educação como prática da liberdade”* seguida da obra *“Pedagogia do oprimido”*, que, na interpretação de um dos mais atuantes pesquisadores em Freire, o Professor Afonso Celso Scocuglia, em análise das histórias das ideias pedagógicas de Freire, a partir da *Pedagogia do Oprimido*, “a consciência humana é entendida como consciência, da sua dignidade e da sua liberdade” (SCOGUGLIA, 2015, p.41). Tal afirmação traz a linha teórica de nossa forma de fazer pesquisa e de fazer Educação. Como forma de superar a opressão, com base na consciência crítica nas duas obras citadas acima, Freire nos ensina a ser fiel às nossas origens, ou caso contrário, será tudo do mesmo jeito sempre, e nunca se constituirá uma sociedade maior, mesmo com suas contradições, tendo espaço para o diálogo e para a investigação e, para a produção de uma circularidade cultural.

Além disso, observamos que a História oral e a Memória das pessoas que participavam do antigo Coco de Roda no território, resistiram em várias formas de atuação, com o Coco

como recreação em eventos, com o Coco como resistência nos acampamentos da luta pela terra na reforma agrária, o Coco nas festas no mês de junho nos dias de Santo Antônio, São João e São Pedro e, nas festas de santos, como nas de São Sebastião e nas festas de Santo Reis, assim com o Coco como Memória dos mestres e mestras, com o Coco como elemento artístico, com o Coco como forma de Educação Popular. Pois, como foi comprovado nessa tese, as letras das músicas do Coco de Roda, com o seu formato de perguntas e respostas fazem uma dialética onde se encontra a Educação Popular.

E, por uma dialética no mundo do trabalho, pois, o Coco de Roda também é uma crítica à memória de trabalhos análogos à escravidão, que estão relatados nas músicas e nas entrevistas analisadas por nós, pelo povo, com o povo e para o povo.

Levando também, em consideração, os aspectos da Educação Popular com seus desafios e suas perspectivas para uma refundamentação, creditando que a luta da Educação Popular, no momento, é na sua inserção como política pública nas esferas governamentais e, que se desenvolva uma perspectiva de mudança dentro dos sistemas de governo, para, assim, se efetivar uma política pública que respeite os povos das comunidades tradicionais, como os povos do campo e das comunidades pesqueiras.

Por último, destaco que, para a realização dessa pesquisa, foi muito importante nosso engajamento na ação educativa há 15 anos nos territórios pesquisados, Gurugi, Ipiranga, Jacumã e Assentamento Dona Antônia, tendo em vista que os participantes da nossa pesquisa foram os mestres e mestras do Coco de Roda (sujeitos da história de seu lugar), assim, também, como na agricultura e na pesca do município de Conde-PB, o que facilitou o acesso e o diálogo. Como, também, foi desenvolvida uma reflexão crítica com aproximação da realidade cultural dos sujeitos desta pesquisa, e uma ressignificação e uma releitura da formação do território e de todas as emergências étnicas, desenvolvendo uma Educação Popular feita pelo povo, com o povo, e para o povo, pois, é importante destacar o grande conhecimento adquirido pelo povo afroindígena ao longo desses 500 anos de miscigenação e de todas as formas de se relacionar dos sujeitos desta pesquisa.

Utilizamos a metodologia da História Oral com o uso da Memória, para, assim, desenvolver uma identificação do processo de conscientização crítica dentro dos territórios, de modo a relatar como o antigo Coco de Roda era tocado e dançado no município de Conde-PB, e, assim, relatar as contribuições com a Cultura Popular e com a Educação Popular nas lutas e na Resistência na conquista dos territórios, na afirmação das identidades das pessoas das comunidades pesquisadas.

Os pressupostos da pesquisa foram confirmados, tanto nas falas das entrevistas, como na nossa observação sistemática das fotografias, como, também, em nossa observação e na nossa participação efetiva das ações educativas dos territórios pesquisados.

Afirmando nosso compromisso com o povo da cidade, destacamos que a importância dessa pesquisa se dá perante as perspectivas de continuidade de nosso trabalho no território, de agora em diante, com uma pagada mais forte, com propostas de Ensino, Pesquisa e Extensão nas comunidades envolvidas, assim como, com a formação de professores para atuarem nesses territórios, com suas demandas específicas de territórios tradicionais, a que se referem os estudos da História Oral do povo brasileiro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição dos povos das comunidades tradicionais nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil, assim como a resistência do povo que vive da agricultura e da pesca. Pois, a luta continua, e, com a contribuição da Educação Popular e com o auxílio da Cultura Popular continuaremos a caminhada em prol do povo do litoral sul da Paraíba, na perspectiva dos movimentos sociais do nosso país, tendo a certeza que juntos somos mais fortes, e que a luta do povo oprimido é contra os seus opressores, para que a memória opressora seja superada pela memória libertadora.

Por fim, destacamos o momento da pesquisa em um clima de descontração e de muita confiança entre todos os participantes, aproveitando o verão, por ser o melhor momento de deslocamento para as comunidades, tendo em vista que, no inverno, os acessos às comunidades ficam mais complexos e com dificuldades no trajeto, compreendendo, também, que muitos de nossos entrevistados têm uma longa jornada de trabalho semanal na agricultura, e que o melhor momento da entrevista foi dito por eles, destacando que as dificuldades da pesquisa também se deram com angústias, por várias vezes termos de suspender as entrevistas por conta da pandemia, só sendo possível a realização destas com a vacinação das pessoas e com as flexibilizações do afastamento social impostos pela pandemia, o que foi o maior de nossos problemas, por todos os perigos da realização de uma pesquisa em tempos pandêmicos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1966.
- AYALA, Marcos. **Cocos: alegria e devoção**. Ed. Martins Ceará, 1987.
- AYALA, Marcos. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Ática, 2015.
- BANAL, Alberto; FONTES, Maria Ester Pereira. **Quilombos da Paraíba: A realidade de hoje e os desafios para o futuro**. João Pessoa: Impel, 2013.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade e cidadania 8**. 4 ed. São Paulo: FTD, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República [2021]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2021.pdf. Acesso em: 19 abril 2021.
- BRASIL. **Lei nº 9.394 - LDB (Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional)**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. Secretaria Especial e Políticas de Promoção de Igualdade Racial. **Resoluções da II CONAPIR**. 2009.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular: a teoria e prática de Paulo Freire no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 8. ed. Brasília: Brasiliense, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3 ed, São Paulo-SP, Companhia das letras, 1994.
- CALDART, Roseli Salete *et al.* (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CAVALCANTE, Maria Helena Pereira. **Uma história do Conde**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.
- CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**, São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**- 5.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CONSTRUÇÃO COLETIVA. **Contribuições à educação de jovens e adultos** - Brasília: UNESCO, MEC, 2005.

COSTA, Beatriz. Para analisar uma prática de educação popular. **Cadernos de Educação Popular**. Petrópolis, n. 1, 1987.

DANILO, Estreck; ESTEBAN, Maria Teresa *et al.* (Orgs.). **Educação Popular: Lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FARIAS, Eliane; BARCELOS, Lusival; SOLER, Juan. **Paraíba Tabajara**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2015.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FORD, Juliana Viana. O Serviço Social e o debate sobre tempo, história e memória. **Serviço Social e Sociedade nº 134**. São Paulo: Cortez. 2019 (p. 52-69). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/WjbZKpcfPFqfZTyFM5zsVqP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 27/03/2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América latina**. São Paulo: ed. L&PM. Tradução: Sérgio Faraco. 2010.

GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; UNESCO, 1996.

GOMES, Edson Maria. **Gurugi**: Entre a história e a memória - um estudo de caso sobre os remanescentes de quilombolas no município de Conde-PB. João Pessoa; Sal da Terra, 2010.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares. Volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de Dom João ao Brasil. Volume 2. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: da Independência do Brasil à Lei Áurea. Volume 3. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de Hegemonia em Gramsci**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HISTÓRIA ORAL: Revista da associação brasileira de história oral, v. 8, n 1, jan-jun. São Paulo, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano *et al.* **As Flores de (D)Piranga**: etnicidade e territorialização em uma comunidade negra no litoral sul da Paraíba (Relatório Antropológico de Delimitação Territorial). João Pessoa: INCRA. 2012.

MACHADO, Aline Maria Batista. Práxis, consciência de práxis e Educação Popular: Algumas reflexões sobre suas conexões. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, n. 42, 2007.

MACHADO, Aline Maria Batista. Serviço Social e Educação Popular: diálogos possíveis a partir da perspectiva crítica. **Serviço Social e Sociedade n° 109**. São Paulo: Cortez, 2012. (pp. 151-178).

MACHADO, Aline Maria Batista. Educação popular: contribuições para formação na área de Serviço Social. *In*: SHEFFER, Graziela; CLOSS, Thaisa; ZACARIAS, Inez (Orgs.) **Serviço Social e Paulo Freire: diálogos sobre educação popular**. Curitiba: Editora CRV 2021.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4ed. São Paulo: Ed Atlas, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. 2 ed, São Paulo, contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo, Editora Contexto, 2013.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular**: da intenção ao Gesto. Porto Alegre: Isis, 2005.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação na Paraíba**: Fragmentos, João Pessoa: editora Mídia Gráfica. 2013.

MELO NETO, José Francisco de. **Universidade popular**: texto para debate. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Paraíba. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba - Volume 3: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. João Pessoa: 2006.

PARAÍBA. Secretaria de Educação. **Referências Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba**: volume 3. João Pessoa/PB, 2007.

PEREGRINO, Lucas Neiva, *Et al.* (Orgs.) **Inventário Cultural do Município de Conde**. João Pessoa: IFPB, 2020.

PIMENTEL, Altimar de Alencar. **Coco de Roda**: edição revisada e ampliada do Coco Praieiro. João Pessoa: Fundo de incentivo à cultura Augustos dos Anjos, 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**; a formação e o sentido do Brasil, São Paulo; Companhia da Letras, 1995.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; e SILVEIRA, Maria Laura; (Orgs.) **Território: fragmentação e globalização**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. Disponível em: <http://geocrocetti.com/msantos/Territorio.pdf>
Acesso em: 02/04/2022.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**-17 ed- Rio de Janeiro, editora Record, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCOGUGLIA, Afonso Celso. **Historia das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. 6 ed. João Pessoa - Editora da UFPB, 2015.

SENA, Fabiana; CARVALHO, Maria Elizete Guimarães (Orgs.) **Entre discursos e práticas em memória, história e educação** - João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

SILVA, Cicero Pedroza. **Coco de roda Novo Quilombo**: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga na cidade de Conde-PB, João Pessoa: editora do CCTA/UFPB, 2017.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITROSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo, Editora Autêntica, 2018.

SOARES, Rosemary Dore. **A concepção Gramsciana do Estado e o debate sobre a escola**. Porto Alegre: UNIJUI, 2000.

TAVARES, Flávio; *Et. al.* **Agir Local**: Gestão Territorial e Democracia: uma experiência em Conde - Paraíba-Brasil. 1 ed. João Pessoa, Instituto Território, 2022.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VILELA, Aloisio. **O Coco de Alagoas**: origem, evolução, dança e modalidade. 2 ed. Maceió: UFAL, 1980.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação popular**: metamorfose e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

WINCH, Chistopher. **Dicionário de filosofia da educação**. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Contexto, 2007.

XAVIER, Wilson José Felix. **As práticas educativas da Liga Camponesa de Sapé**: Memórias de uma luta no interior da Paraíba. 2010. Mestrado (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação). 250f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular

Agradecemos sua valiosa atenção em responder todos os itens deste formulário e lembramos que todas as respostas aqui fornecidas terão caráter confidencial e em hipótese alguma será permitida a identificação do entrevistado.

Responsável pela pesquisa: Doutorando: Cícero Pedroza da Silva.

ENTREVISTADO(A) Nº: _____

PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

SEXO: _____ ESTADO CIVIL: _____ IDADE ____ ANOS.

NÍVEL DE FORMAÇÃO:

() Ensino fundamental _____ () completo () incompleto.

() Ensino Médio _____ () completo () incompleto.

() Graduação em _____ () completo () incompleto.

Ano de Formação: _____.

() Mestrado em _____ () completo () incompleto.

() Especialização em _____ () completo () incompleto.

() Doutorado em _____ () completo () incompleto.

() Outra Graduação em _____ () completo () incompleto.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

1. Fala livre sobre a Memória da Cultura Copular no município de Conde-PB
2. O que significa as letras dos antigos Coco de Roda para você? Por quê?
3. Qual o papel do antigo Coco de roda na luta pelo território? Por quê?
4. Você acredita que o antigo Coco tem uma relação com a Educação? Por quê?
5. Como foi sua participação no antigo Coco de Roda? Por que?
6. Existe alguma forma de resistência na Memória do Coco de Roda? Como se dá essa relação?
7. O antigo Coco de Roda obteve conquista no município? Em caso positivo, quais?
8. Existe alguma coisa que não foi perguntado e que você quer falar?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Sr(a) para participar da pesquisa intitulado MEMÓRIAS DO ANTIGO COCO DE RODA: dos processos de resistência no município de Conde-PB às relações com a Educação Popular, de responsabilidade do pesquisador **Cícero Pedroza da Silva**, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, na linha de Educação Popular na Universidade Federal da Paraíba. tem como objetivo central analisar a contribuição histórica, cultural, social e política do Coco de Roda no município de Conde-PB,

Sua participação em nossa pesquisa ocorrerá a partir da realização de entrevistas nas modalidades grupo focal e individual que serão utilizadas como fonte para a construção da nossa Tese de Doutorado. Se depois de consentir em sua participação o Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campus I, Centro de Educação, situada no Bairro Castelo Branco, João Pessoa – PB, CEP 58.051-900 ou pelo telefone (83) 991467469.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado que o pesquisador está fazendo uma pesquisa e precisa da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar da Pesquisa, autorizo a realização das entrevistas e o uso dos meus depoimentos para a construção da tese de doutorado do pesquisador, sabendo que não vou ganhar nenhuma remuneração nem terei despesas e que posso sair da pesquisa quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Data: ____/____/____

ANEXOS

ENCONTRO de
COCO DE RODA E CIRANDA
da **PARAÍBA** 25 | MAIO

às 14h00 no Quilombo Ipiranga - Conde/PB ★ ENTRADA R\$5,00

Programação

- ★ CIRANDA DO SOL ★
- ★ COCO DE RODA DE CRUZ DO ESPÍRITO SANTO ★
- ★ VÓ MERA E SUAS NETINHAS ★
- ★ COCO DE RODA DA BARRA DE CAMARATUBA ★
- ★ COCO DE RODA DONA EDITE ★
- ★ SAMBA DE COCO DO MESTRE ZÉ ZUCA ★
- ★ COCO DE RODA E CIRANDA DO MESTRE ZÉ CUTIA ★
- ★ COCO DE RODA NOVO QUILOMBO ★
- ★ COCO DE RODA DESENCOSTA DA PAREDE ★
- ★ COCO DE RODA DE FORTE VELHO ★
- ★ COCO DE RODA E CIRANDA DO MESTRE BENEDITO ★

Apoio:



15/09 • 17h

HERMETO PASCOAL

+ PARAHYBA SKA JAZZ FOUNDATION

+ COCO NOVO QUILOMBO

na Praça do Mar (Orla de Jacumã)
PROGRAMAÇÃO GRATUITA





JACUMÃ
JAZZ FESTIVAL

15/09 • 17h

COCO
NOVO QUILOMBO

na Praça do Mar (Orla de Jacumã)
PROGRAMAÇÃO GRATUITA



JACUMÃ
JAZZ FESTIVAL

16/09 • 17h

CIRANDA
DA ALEGRIA

na Praça do Mar (Orla de Jacumã)
PROGRAMAÇÃO GRATUITA

JACUMÃ JAZZFESTIVAL



SEXTA 20 SET
AMARO FREITAS
BANDA DE PIFE AVUÔ
COCO DE RODA
NOVO QUILOMBO

SÁBADO 21 SET
ORQUESTRA
BRASILEIRA DE MÚSICA
JAMAICANA
ABDIAS DE NOVO
CIRANDA DA ALEGRIA

PRAÇA DO MAR • CONDE • PB • GRATUITO • SEGUNDA EDIÇÃO **20h**



Ilustração: BINE Design/Gráfico: nabemuscaraiva@gmail.com

5. FESTIVAL
SAPORES & SABERES
 CONDE - PARAIBA

PROGRAMAÇÃO DE 06 DE JULHO
 ABERTURA OFICIAL



17H AS
 FEIRA DE ARTESANATO
 E CULTURA ALIMENTAR



17H30 AS 20H
 LOS IRANZI:
 FAMILIA CIRCENSE

17H30
 CIRANDA
 DA ALEGRIA

18H
 CAPOTEIRA ANGOLA
 BERISRA VIDLA

**19H ABERTURA
 OFICIAL**

20H30
 BANDA
 REGGAEAR

**22H VAL DONATO FAZ
 TRIBUTO A BOB MARLEY**

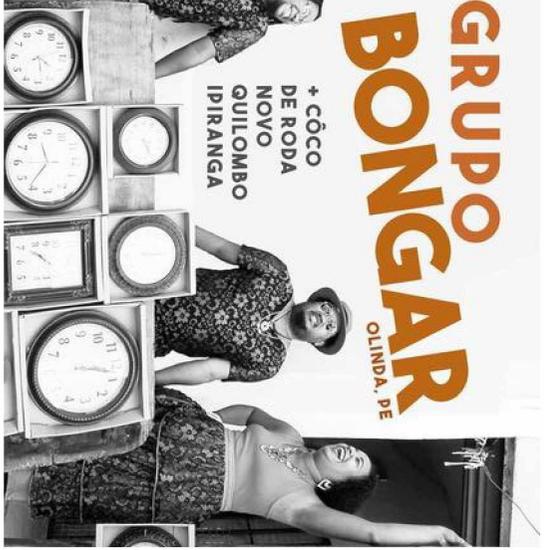


FESTA DE INAUGURAÇÃO DO

**MUSEU
 QUILONKOLA
 DO IPIRANGA**
 COM

**GRUPO
 BONGGAR**
 OLINDA, PE

+ CÔCO
 DE RODA
 NOVO
 QUILOMBO
 IPIRANGA



SÃO JOÃO CULTURAL DE CONDE 2018

De 9 a 28 de junho

FORRÓ PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

CENTRO DE CONDE

COMUNIDADES

Sexta-feira 22
 15h - Apresentação de Quadrilhas Juninas
 20h - Orquestra Sanfônica Balaio Cultural
 21h30 - Arivaldo Quirino e grupo
 23h40 - Jackson Racional e os Afrobatuques

Sábado 23
 15h - Trio Anunciação
 17h - Coco Novo Quilombo
 18h - Apresentação de Quadrilhas Juninas
 19h - Forró Pesado
 20h30 - Banda Swing Nordestino
 22h - Grupo Forrofiando
 00h - Assisão e Banda

Domingo 24
 15h - Trio Pérolas do Nordeste
 17h - Grupo Jacoca
 18h - Ciranda da Alegria
 18h30 - Apresentação de Quadrilhas Juninas
 19h30 - Filhos do Forró
 21h - Grupo Boikará
 22h - Forró Caçua

Quarta-feira 9
 Tambaba
 21h - Grupo Forró do Nosso Jeito

Sábado 16
 Pousada do Conde
 22h - Grupo Forró do Nosso Jeito

Sábado 23
 Vila dos Pescadores
 21h - Festa do Coco de Roda - Mestre Zé Cutia

Domingo 24
 Igreja São João Batista - JACUMÃ
 20h - Trio Fulô de Mussambê

Quinta-feira 28
 Colônia dos Pescadores
 21h - Grupo Boikará

conde.pb.gov.br
 @conde_pb
 prefeitura de conde pb

 **PREFEITURA DE CONDE**
 A CIDADE UNIDA

EDITAL E AVISO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

EDITAL Nº 01/2022

CHAMADA PÚBLICA PARA SELEÇÃO DE CANDIDATO OU CANDIDATA A REGISTRO NO LIVRO DE MESTRES DAS ARTES CANHOTO DA PARAÍBA – REMA

RESULTADO FINAL

A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DA PARAÍBA, em conformidade com a Lei nº 7.694/2004 e nos termos do Decreto nº 26.065/2005, após aprovação unânime do Conselho Estadual de Política Cultural da Paraíba – CONSECULT/PB, torna público o RESULTADO FINAL DA SELEÇÃO DE MESTRES E MESTRAS AO REGISTRO DE MESTRES DAS ARTES – REMA.

Os candidatos e candidatas, abaixo listados, tiveram suas candidaturas analisadas por 2 (dois) membros da Comissão de Análise de Requerimento (CAR), composta por membros do Conselho de Cultura, nomeados através da Portaria nº 003/2022/SECULT/PB, data de 12 / 56, que atribuiu uma média, compreendendo que a avaliação deveria envolver não só um olhar sobre o currículo, mas também a situação socioeconômica dos candidatos e das candidatas, sua influência na comunidade onde atuam, a rede de apoiadores disponíveis em seu convívio e o impacto transformador do benefício de forma direta na atual situação que se encontra, com base nos autos apresentados por cada candidatura. Os 06 (seis) primeiros colocados da lista classificatória abaixo terão seus nomes incluídos no Livro de Mestres das Artes do REMA e receberão uma pensão vitalícia de 02 (dois) salários mínimos (instituído pelo Art. 4º, II da lei 7.694/04), o que foi aprovado pelo CONSECULT.

Os demais serão suplentes, que poderão ocupar uma das vagas em caso de falecimento de algum dos 30 (trinta) Mestres e Mestras Registrados no REMA até o término da vigência do Edital, no dia 30 de junho de 2023, o que será levado à consideração do Conselho Estadual de Política Cultural para avaliação e deliberação da sua aprovação.

Segue abaixo a ordem, de acordo com a média, dos titulares e suplentes, dos Mestres e Mestras contemplados no Edital nº 001/2022.

nº	Processo nº	Candidato/ Candidata	Expressão Artística	Município	Mé - dia	Situação
1º	021/01-2022	Maria Soledade Leite	Repente e Literatura de Cordel	Alagoa Grande	96	Aprovada
2º	014/01-2022	Jordão Alves de Souza (Mestre Jordão)	Música	Pazari	89,5	Aprovado
3º	006/01-2022	Maria de Lourdes Souza Mariano (Dona Lourdinha)	Artesanato (Louça de Barro)	Cajazeiras	89,5	Aprovada
4º	017/01-2022	Ana Lúcia Rodrigues do Nascimento (Ana do Coco)	Coco de Roda e Ciranda	Conde	88,5	Aprovada
5º	020/01-2022	Josélio Camelo de Vasconcelos	Música	Campina Grande	86,5	Aprovado

Fonte: Diário Oficial da Paraíba (2022)